

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

“Homem em casa vira Maria”

Aposentadoria e Relações Conjugais: um estudo de caso em Florianópolis

Rita Maria Xavier Machado

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Banca Examinadora:

Prof^ª Dr^ª Mara Coelho de Souza Lago (UFSC) - Orientadora

Prof^ª Dr^ª Maria Juracy Toneli Siqueira (UFSC)

Prof^ª Dr^ª Miriam Pillar Grossi (UFSC)

Prof^ª Dr^ª Maria Chalfin Coutinho (UFSC) - Suplente

Florianópolis
2001

Para P. F. B. *in memoriam*
e
para Carlos, como sempre.

Agradecimentos

Uma das coisas que me disseram quando ingressei no curso de mestrado foi que este seria um processo solitário. Terminado o percurso, vejo com grande alegria que tal não se deu. Detestaria se assim tivesse acontecido. A prova de que não aconteceu está na minha felicidade em ter tantas pessoas à quem agradecer.

Em primeiro lugar, quero agradecer especialmente à Marcela minha filha e à Maria Regina Azevedo Lisboa, minha Amiga, que, generosamente, cada uma à seu jeito, doaram suas forças quando as minhas faltaram. Tudo começou com vocês. Às duas meu eterno afeto.

Não tenho palavras suficientes com as quais agradecer à Mara Lago. Mara, durante esse mestrado, foi minha orientadora, amiga, companheira de viagem, confidente, conselheira, entre tantas outras coisas. O carinho e a generosidade que me dedicou e a disponibilidade com que se colocou, foram únicos na minha vida acadêmica. Sua confiança na minha capacidade em terminar a tarefa, muitas vezes foi maior que a minha. Mara, minha amiga, muito obrigada. Eu não teria conseguido sem você.

Sou profundamente grata às amigas e aos/às meus/minhas informantes pela generosidade com que abriram seus corações e me deixaram partilhar de sua intimidade, proporcionando-me subsídios para pensar. Eu me senti muito honrada. Obrigada.

Agradeço em especial à Rosane Maria de Godoy e a Maria Jasylene de Abreu, muito mais que companheiras de trajeto, foram minhas “mestrandas-irmãs”, com as quais partilhei momentos difíceis e, felizmente, momentos hilariantes também.

Agradeço a CAPES pela bolsa que me ajudou a concretizar esta pesquisa.

Muitas professoras são responsáveis pela minha trajetória acadêmica. Sou muito grata a todas e a algumas, especialmente. Meu obrigada especial para Miriam Pillar Grossi, Sônia Weidner Maluf, Maria Juracy Toneli Siqueira e Anneliese Nacke. Agradeço à Dennis Werner pelas discussões interessantíssimas e estimulantes e a Raquel Seiffert, por ter me lançado a idéia de um mestrado, ainda na segunda fase do curso de Ciências Sociais.

Gostaria também de agradecer às assistentes sociais da Eletrosul que tão prontamente me receberam, atendendo minhas solicitações.

Quero agradecer a Janete Bromer e Arlete Camargo, funcionárias da secretaria do Programa de Mestrado, não só pelo apoio que me prestaram mas, também pela gentileza com que sempre o fizeram. Obrigada, queridas.

Muitos me ajudaram a construir esse trabalho. Alguns cotidianamente. Atenderam meus pedidos de ajuda no cuidado com a casa, de sinônimos para palavras, de empréstimo de livros, de decodificação de siglas, de explicações inúmeras, de socorros informáticos, de correções gramaticais, enfim, incômodos diversos. À eles não quero agradecer, quero compartilhar. Carlinhos, Cacau, Marcela, Mauricio e Anacris, esse trabalho é nosso.

Agradeço a minha família, pais, tias, irmão, cunhada, sobrinho e Nilce, pela torcida fiel e por tudo mais. Um beijo muito especial para tia Terezinha, que além, de torcer, participou do jogo, traduzindo meus trabalhos para congressos internacionais.

Quero também agradecer a Clemente, Eduardo, Aymara, Joana, Polyanna e Priscila, quase família, parentela com certeza, por sua longa amizade e convivência, e por sua incrível capacidade de me mostrar que apenas viver pode ser uma experiência muito mais louca do que eu sequer consiga imaginar.

Agradeço ao amigo Luiz Falcão por ter me dado a charge que integra esse trabalho.

Agradeço ao Diogo, funcionário da Editora Moderna, que me livrou do desespero, emprestando-me um livro de sua loja para que eu pudesse terminar esse trabalho. Valeu, Diogo.

Por fim, agradeço às grandes, enormes amigas, que sempre tiveram tempo para mim. Tempo para minhas dúvidas, tristezas, alegrias, lágrimas, vitórias e derrotas. Há anos participam da minha vida escutando, estimulando, torcendo, rindo e vibrando junto comigo a cada etapa da minha história acadêmica. Neusa e Ângela, eu adoro vocês.

Sumário

1. Introdução.....	10
2. A Metodologia	15
2.1 O Campo.....	22
2.1.1 As Entrevistas	24
2.1.2 Os Depoimentos	27
3. Algumas conceituações	32
3.1 Sujeito	32
3.2 Gênero	33
3.3 Masculinidade	35
3.4 Trabalho	39
4. “Uma História que Merece ser Contada”	44
4.1 Os Primeiros Tempos	44
4.1.1 A Instalação da Empresa	44
4.1.2 A Adaptação à Florianópolis	45
4.1.3 Uma Grande Família	46
4.2 Os Tempos Árduos	49
4.2.1 As Mudanças Externas	49
4.2.2 As Greves	51
4.2.3 As Rupturas	52
4.2.4 “A Guerra Fratricida”	54
4.3 Saída da Cena Profissional: um rito de passagem?	59
4.3.1 Uma nova ordem familiar – a relação com os filhos	63
4.3.2 Relações Conjugais – permanências e dissoluções	66
4.3.3 Amizades	67
4.3.4 ‘Novas’ relações de trabalho?	68
4.3.5 Mudanças nas representações das mulheres sobre masculi- no e feminino em função da aposentadoria dos homens.....	71
4.3.6 Inatividade – uma questão além do trabalho.....	72
5. Elocubrações... ..	77
6. Bibliografia	81

Resumo

Este trabalho buscou investigar o impacto da aposentadoria precoce de homens entre 45 e 55 anos, em seus relacionamentos familiares e conjugais. Para tanto, foram feitas entrevistas e colhidos depoimentos de homens aposentados e, também de algumas mulheres, esposas de aposentados. A análise das representações desses sujeitos sobre vários aspectos de suas vidas, como relacionamentos pessoais e sociais, trabalho, modos de vida, entre outros, obtidas através de suas falas, revelou que para os homens a aposentadoria, precoce ou não, constitui-se em praticamente um rito de passagem, marcando sua entrada numa outra categoria, menos valorizada, do tecido social.

Palavras-chave: masculinidade, aposentadoria, subjetividade.

“Man at home becomes Maria”

Retirement and Couple Relations: a study case in Florianópolis

This work tried to investigate the impact of the 45 and 55 year-old men in the precocious retirement in their familiar and couple relations. For that, retired men as well as their wives were interviewed. Those subjects representation analysis, under several aspects of their lives, such as both personal and social relationships, work, way of life, among others, gotten through their speech, revealed that for men, retirement precocious or not, constitute of a passage rite, setting their entrance to another category, less valued, in the social fabric.

Key-words: retirement, masculinity, subjectivity.

QUERIDA,
ME APOSENTEI!!



1. Introdução

A idéia para esta pesquisa surgiu a partir das queixas que algumas mulheres de camadas médias, urbanas, escolarizadas, começaram a fazer sobre seus maridos. O curioso no fato foi que, tendo tido contato com essas mulheres ao longo de quase vinte anos, não pude deixar de notar que o teor das queixas era novo e que estas eram semelhantes, recentes e concomitantes o suficiente para me deixarem intrigada. Como, aparentemente, o único fato novo introduzido na vida desses casais havia sido a aposentadoria dos maridos, busquei investigar se e como este acontecimento interferira na vida conjugal e familiar desses sujeitos.

A pesquisa foi realizada em Florianópolis, no período compreendido entre os anos de 1999 e 2000. Florianópolis é uma cidade litorânea, no sul do Brasil, cujos limites englobam a Ilha de Santa Catarina e parte do continente adjacente à ela. Foi fundada no século XVII, com o nome de Nossa Senhora do Desterro e, posteriormente, denominada de Desterro.

No século XVIII, Portugal promoveu o povoamento de Desterro por colonos açorianos. Sua intenção era de que estes ocupassem o litoral e produzissem alimentos para suprir as necessidades dos contingentes militares, responsáveis pela defesa do território, instalados nas fortalezas da Ilha. Os colonos que aqui desembarcaram desenvolveram um modo de produção baseado na mão-de-obra familiar e na pequena propriedade. Sua produção agrícola era basicamente voltada para seu próprio consumo, sendo apenas uma parcela, esporadicamente, destinada à comercialização. Desenvolveram também atividades artesanais e a pesca. (Lago, 1996a)

De acordo com Lago, *“os açorianos desenvolveram, na Ilha de Santa Catarina, um modo de viver característico, que perdurou em suas freguesias até meados do século XX.”* (1996a: 34)

Porto de localização estratégica, Desterro, por força do dinamismo de sua atividade portuária-comercial, desempenhou um papel econômico importante no sul do país. Essa situação, no entanto, não permaneceu inalterada. O aumento do calado dos navios acarretou a perda da importância da cidade como porto marítimo e a deficiência do seu sistema rodoviário lhe impôs uma certa condição de isolamento, em relação aos outros estados do sul e cidades do interior de Santa Catarina. Estes dois fatores aliados à falta de uma estrutura industrial, fez com que Florianópolis passasse por um período de relativa estagnação, até cerca de meados do século XX. Sua atividade econômica girava em torno da administração pública (municipal e estadual), do setor financeiro, comercial e de serviços. Apesar disso, dada a sua condição de capital do Estado, a cidade recebia os benefícios advindos do desenvolvimento econômico das outras regiões do estado. (Lago et alii, 1995)

A partir da década de 60, no entanto, Florianópolis começou a superar essa feição de marasmo e recuperar algum dinamismo econômico. Para isso, contribuíram vários fatores. Entre eles, os investimentos na melhoria das rodovias que a ligam às cidades do interior de Santa Catarina e aos outros estados do sul, o que permitiu o incremento da atividade turística. Estudiosos ressaltam também a

importância da instalação, na capital de Santa Catarina, de órgãos da administração federal. Dentre estes, destacam, inicialmente, a criação da Universidade Federal de Santa Catarina e a escolha de Florianópolis para sede das Centrais Elétricas do Sul do Brasil - Eletrosul, instalada, até então, na cidade do Rio de Janeiro. Isto contribuiu para que Florianópolis experimentasse um desenvolvimento urbano crescente, com a expansão do setor de prestação de serviços, o significativo incremento das atividades financeiras, bancárias, comerciais e da indústria da construção civil. (Idem)

Os sujeitos da minha pesquisa se encontram entre os ex-empregados da Eletrosul. Uma parte desses ex-empregados veio para Florianópolis quando da transferência da sede da empresa para a cidade, em 1976, auferindo as vantagens e desvantagens dessa transferência. Outros vieram mais tarde, com a empresa já instalada na cidade. Para estes migrantes, oriundos das camadas médias e populares, residentes no Rio de Janeiro, com instrução superior ou técnica, famílias em formação, que moravam, via de regra, em apartamentos, alugados ou próprios, em bairros populosos, Florianópolis mostrou-se como a terra das oportunidades.

Em virtude da transferência, os salários dos empregados foram acrescidos de um adicional e, com isso, ficaram mais altos do que os usualmente pagos na capital de Santa Catarina. Além disso, sendo os imóveis e os serviços mais baratos, “o sonho da casa própria” tornou-se realidade imediata. Bairros inteiros surgiram em função das novas instituições federais sediadas em Florianópolis. Devido a esses fatores, os empregados da Eletrosul foram vistos muitas vezes pelos habitantes da cidade, como pertencentes às elites do Rio de Janeiro, sendo inclusive apelidados, por algum tempo, de “marajás da Eletrosul”. Para se ter uma idéia da diferença no custo de vida entre Florianópolis e Rio de Janeiro¹, em 1980, o valor do aluguel de um apartamento de três quartos, em prédio construído na década de 40 ou 50, sem elevador, sem garagem, em bairro da zona norte do Rio (menos valorizada), era exatamente o mesmo da prestação de um apartamento de três quartos, novo, sem elevador, com vaga de garagem rotativa, em prédio recém construído, situado no bairro da Trindade. Com isso vemos que, após quatro anos do estabelecimento da empresa em Florianópolis e da conseqüente “inflação” no custo de vida que ocorreu naquele momento, em virtude da diferença de preços e salários praticados na cidade, ainda era vantajoso para recém contratados migrarem, mesmo sem direito a um adicional de transferência.

Para os que vieram na transferência o impacto foi muito maior. Tive uma conhecida cujo marido veio junto com a empresa, que tinha como prática comum pegar um vôo de manhã, passar o dia com a família em Porto Alegre e voltar no vôo do fim da tarde para Florianópolis.

¹ Apesar de residentes no Rio de Janeiro, nem todos eram cariocas, alguns eram de outros estados. Outros foram transferidos de subestações ou escritórios situados em outras cidades do sul do Brasil.

A folga no orçamento doméstico, a grande economia de tempo devido às pequenas distâncias, a facilidade de locomoção e o baixo índice de violência na cidade, proporcionou para estas famílias maior acesso ao lazer, à cultura, e até à educação universitária para os que não a possuíam.

O relativo isolamento destes migrantes em relação às famílias de origem, propiciou sua integração em redes de sociabilidade muito ativas, que se assemelhavam a uma extensa parentela. Todo mundo era “tio” ou “tia” de alguém, mais freqüentemente de muitos. As datas festivas tradicionalmente compartilhadas com a família mais extensa, para alguns passaram a ser comemoradas com os amigos, também “órfãos” de família na cidade.

A vinda para Florianópolis proporcionou um salto qualitativo nas condições de vida dessas famílias, muito difícil de ser alcançado num período tão curto, em situações usuais de vida profissional. Este salto qualitativo inicial foi, a meu ver, responsável pelo incremento no projeto de progressão profissional e familiar de melhoria no padrão de vida, que se disseminou, senão entre todas, pelo menos em boa parte dessas famílias. Com isso, não quero dizer que a idéia de progressão surgiu a partir do salto qualitativo e sim, que ele descortinou a possibilidade de uma ascensão muito mais rápida do que a esperada. Além do aspecto econômico, fundamental, essa ascensão também estava ligada a um ideário de melhoria de status social disseminado entre indivíduos da classe média urbana carioca, já há muito apontado por Velho (1989). De acordo com este, os sujeitos de sua pesquisa associavam progressão social à mudança do local de residência para Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro. Essa mudança, no entanto, via de regra implicou em morar em prédios de mais de cem apartamentos com 25 m² cada um, porém com a vantagem de situarem-se próximos à praia, em um bairro que carregava a grande marca simbólica de ter “tudo”.

Na vinda para Florianópolis, a idéia de progressão do ideário da classe média urbana carioca associada a morar perto da praia, não implicou em morar no que era apelidado pejorativamente de *quarto, sala, penico e fogareiro*, ou *já-vi-tudo*. Era possível morar em ótimos apartamentos, e posteriormente, em casas que seriam consideradas de alto padrão nos locais de origem de muitos desses sujeitos. Além disso, estando Florianópolis situada numa ilha de proporções relativamente pequenas, com 42 praias ao seu redor, viver perto da praia se revestiu de um novo significado. Devido às comparativamente reduzidas distâncias, foi possível morar “perto” de alguma praia a partir dos mais variados locais de residência na Ilha.

Quanto ao aspecto de “ter tudo”, naquela época Florianópolis deixava um pouco a desejar. No entanto, o ganho no poder aquisitivo alcançado com a transferência, tornava possível que as eventuais deficiências reais ou imaginárias no comércio local fossem supridas com “importações”² vindas do Rio de Janeiro ou Porto Alegre.

² Por exemplo, o biscoito salgadinho Piraquê, que não se encontrava nos supermercados da cidade, naquela época.

Ao cabo de alguns anos, entretanto, esse projeto sofreu um duro golpe em função das mudanças ocorridas na economia, decorrentes do projeto neoliberal de globalização.

As relações políticas e econômicas internacionais contemporâneas desenham uma nova ordem mundial,

“...as humanidades da Terra percebem-se vivendo em um sistema mundial de produção de mercadorias, articulado e em movimento, do qual as economias desenvolvidas, subdesenvolvidas, socialistas e capitalistas fazem parte.... Além disso, essa Nova Ordem Mundial vem significando uma explosão da miséria, da desordem, da exclusão e da fragmentação...”. (Tassara, 1996: 295).

O Brasil, inserido no mundo globalizado, está imerso nessas relações políticas e econômicas, sofrendo consequências que se evidenciam, como a fragilização da moeda diante das flutuações do mercado, o aumento do desemprego, a queda do poder aquisitivo, a marginalização de contingentes humanos cada vez maiores, a falência dos sistemas de saúde, de educação, etc. Tassara afirma ainda que: *“a hegemonia do neoliberalismo produz-se, sustenta-se e propaga-se hodiernamente em um panorama impressionante com relação ao qual parece não haver outra alternativa senão a de submissão às suas normas.”* (Idem: 291).

Com o intuito de ajustar-se a esse modelo neoliberal, que preconiza o estado mínimo, o governo brasileiro, tutelado por organismos “internacionais” do chamado primeiro mundo, iniciou programas de medidas econômicas que incluíam a venda de diversas empresas estatais para a iniciativa privada.

Entre as medidas tomadas para diminuição do déficit público, estava o encaminhamento ao Congresso de um projeto de mudança nas regras da aposentadoria, prevendo o aumento no tempo mínimo de contribuição à previdência social, o fim das aposentadorias especiais, o aumento da contribuição para funcionários federais ativos e a inclusão dos aposentados federais no rol dos contribuintes.

A aposentadoria especial que foi extinta, e que interessa para este trabalho de pesquisa, era a que garantia ao empregado que trabalhasse em locais considerados como área de risco (de vida, saúde), o direito a um acréscimo de 40% no tempo efetivamente trabalhado. Dessa forma, um empregado lotado em uma usina hidrelétrica, ou subestação da Eletrosul, teria direito à aposentadoria após 25, e não 35 anos de contribuição ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

Ainda que alguns empregados não quisessem se aposentar após 25 anos de atividade, foi o medo de perder esse direito, aliado à deterioração das condições de trabalho, advinda da iminente privatização das empresas estatais situadas em Florianópolis, que fez com que grande número dos empregados da Eletrosul tivessem que optar por antecipar a sua aposentadoria para uma faixa etária (45 a 55 anos) em que, em condições normais, estariam ainda inseridos no mercado de trabalho. Aos empregados que não tinham ainda cumprido o tempo necessário para antecipar a aposentadoria, foi

oferecida (e incentivada) a opção de aderir a um programa de demissão voluntária (PDV) oferecido pela empresa.

É importante assinalar que, via de regra, qualquer uma das alternativas redundou, para a maioria desses homens, em perda no poder aquisitivo. As dificuldades financeiras enfrentadas nessa nova situação, provocaram rearranjos domésticos que levaram várias das esposas desses aposentados a procurarem inserção no mercado de trabalho, sendo que muitas delas nunca haviam trabalhado fora de casa, anteriormente.

Essas duas contingências impuseram mudanças nas posições ocupadas por homens e mulheres em relação à divisão tradicional do trabalho que, a meu ver, poderiam estar operando uma “crise” na relação conjugal.

O fato de estarem contribuindo ativamente para os rendimentos da família proporcionou a algumas dessas mulheres a condição de alterarem o seu “peso” nas decisões econômicas do casal. O que nem sempre foi do agrado do marido.

Se, por um lado, as mulheres estavam se colocando na posição de decisão, antes território masculino, baseadas na sua nova condição econômica, por outro, suas queixas apontavam para o fato de que elas sentiam a perda do controle do espaço doméstico. Reclamavam que, quando chegavam em casa, nada estava como gostariam. Sentiam sua casa “invadida” pelos filhos e seus respectivos amigos ou namorados e acusavam os maridos (aposentados) de cúmplices dos filhos, já que, ficando mais tempo em casa, eram eles os responsáveis por tudo que ocorria na sua ausência.

Em casos onde a mulher continuou a exercer o trabalho doméstico sem buscar inserção no mercado de trabalho, apareceram cobranças no sentido de que o marido deixasse de se envolver em atividades não remuneradas (lazer, estudo, atividades de cunho social) e procurasse se envolver com atividades que trouxessem recompensa financeira para a família.

O que as queixas das mulheres estavam dizendo? Como os homens estavam reagindo à aposentadoria e às queixas das parceiras? O que estava mudando e em que direção? Será que a aposentadoria dos homens provoca, realmente, conflitos nos relacionamentos conjugais? Alguns autores³ apontam para a aposentadoria como um momento de crise do masculino.

Buscando responder essas questões, formulei o problema que deveria nortear minha proposta de trabalho. Como casais de camadas médias urbanas, residentes em Florianópolis, cujos homens eram ex-empregados da Eletrosul, estariam vivenciando as aposentadorias precoces desses maridos?

Com isso, pretendia investigar a ocorrência de mudanças subjetivas em sujeitos de camadas médias urbanas, a partir da análise das alterações nas suas relações de gênero e família, decorrentes das modificações na sua carreira profissional, além de procurar desvendar se houveram e quais foram

³ Cf. Nolasco (1995) e Medeiros (1995), entre outros.

as estratégias de ressignificação de identidades dos sujeitos, em função das aposentadorias. Buscava também visualizar o *“jogo de feminilidade e masculinidade, ou melhor, de imagens que desenham papéis de mulher e de homem em relações conjugais”* (Gregori, 1989: 164), nas falas de casais que vivencia(ra)m as situações de aposentadoria precoce incentivadas pela Eletrosul, em Florianópolis.

A importância e atualidade deste tema são evidenciadas pela possibilidade que o mesmo fornece de articulação com preocupações mais recentes nos *estudos de gênero*: a relação que se constitui a partir das fronteiras simbólicas entre masculino e feminino e pelo fato de que as falas dos meus informantes expressam um mal-estar que, a se manterem as condições econômicas e de trabalho atuais, pode atingir uma camada cada vez maior da população masculina.

A análise das falas, entretanto, também trouxe à tona novas questões a serem abordadas e provocou um certo redirecionamento do trabalho.

Além disso, se considerarmos que a história é feita pelo conjunto e interação das pequenas histórias de vida individuais, esse trabalho também pode ser visto como a história da privatização de uma estatal, contada a partir do ponto de vista dos sujeitos que a experienciaram. E, de acordo com as palavras de um dos participantes da pesquisa, *“essa é uma história que merece ser contada.”* (Entrevista - Homem aposentado)

2. A Metodologia

Os sujeitos desta pesquisa foram ex-empregados das Centrais Elétricas do Sul do Brasil, Eletrosul - Florianópolis, que aderiram aos diversos planos de aposentadoria ou demissão voluntária no decorrer do processo de privatização daquela estatal, e algumas mulheres, esposas de funcionários aposentados da Eletrosul⁴.

Realizei análise qualitativa do material obtido em pesquisa empírica, através do método etnográfico. De acordo com Fonseca (1998: 3), o *“método etnográfico é visto como encontro tenso entre o individualismo metodológico (que tende para a sacralização do indivíduo) e a perspectiva sociológica (que tende para a reificação do social)”*. No que concerne a essa pesquisa, isso significou encarar a aposentadoria como um agente causal das mudanças, sem perder de vista a especificidade de cada informante, lembrando que sujeitos psíquicos individuais se constituem como sujeitos sociais.

Para começar meu trabalho de campo, procurei o serviço social da empresa, buscando acesso a informantes. Acreditava que lá poderia encontrar indicações de possíveis depoentes, ou seja, empregados da empresa que se aposentaram na faixa de 45 a 55 anos, que eu pudesse contatar futura-

⁴ Minha proposta inicial era a de entrevistar apenas homens que tivessem se aposentado precocemente. Não tinha intenção de entrevistar as esposas desses aposentados. No entanto, durante o curso da pesquisa, tive que rever essa posição, pois as esposas dos ex-empregados da estatal se revelaram informantes bem mais receptivas à temática que me interessava, gerando depoimentos mais focados nos efeitos concretos da aposentadoria de seus maridos em suas relações familiares. Por fim, juntaram-se a estes, depoimentos de homens empregados e de esposas de homens empregados.

mente. Apesar de ter sido muito bem recebida, fui informada de que aquele não era o local adequado para conseguir o que eu queria. Ali se lidava com um momento anterior à aposentadoria.

A empresa promove um Programa de Preparação para Aposentadoria (PPA) para seus funcionários. Quando faltam dois anos para o encerramento da vida funcional, estes são procurados pelas assistentes sociais. De acordo com elas, nesse momento começam a surgir dificuldades na vida desses empregados. As assistentes sociais informaram que o simples fato de um funcionário ser convidado por elas para integrar o programa, é suficiente para estigmatizá-lo em relação aos colegas de trabalho. Segundo elas, a partir desse contato, é como se um rótulo fosse colocado na pessoa, onde estivesse escrito “não se investe mais nesse empregado”. Ele não recebe mais promoções, não faz cursos, não faz viagens, as responsabilidades vão saindo de suas mãos. Se o programa dura 2 anos, esses anos se caracterizam pelo progressivo ostracismo do empregado. Elas me disseram também que quanto mais alta a posição do empregado na hierarquia da empresa, mais difícil é a aceitação, por parte dele, do convite para participação no programa.

Durante a conversa com as assistentes sociais da empresa percebi que as dificuldades nos relacionamentos, que mulheres conhecidas haviam me relatado e que me encaminharam para a investigação dessa questão, poderiam ser um reflexo de dificuldades que teriam começado, para seus maridos, muito tempo antes, talvez sem que elas sequer soubessem.

As assistentes sociais me sugeriram, então, que procurasse a associação dos aposentados da empresa e para tanto, indicaram o nome do diretor, seu telefone e horário de trabalho. Neste momento eu não tinha ainda nenhuma entrevista formal, gravada e autorizada, apenas muitos depoimentos espontâneos⁵, colhidos aqui e ali, no dia a dia.

Após alguns dias de angústia, tributo que não deixo de pagar quando tenho que contatar um informante, tomei coragem, telefonei para a Associação dos Aposentados e Pensionistas da Eletrosul (AAPE) e marquei um encontro com seu diretor, para explicar o que me propunha a fazer e pedir sua colaboração. O que eu tinha em mente era conseguir o acesso a cadastros ou bancos de dados dos aposentados da empresa, com informações precisas sobre sua situação em relação ao momento da aposentadoria, para que eu pudesse contatá-los, selecionando sujeitos para as entrevistas.

Apesar de ter obtido sucesso no encontro, minha expectativa de acessar um banco de dados não se concretizou. Fui informada que esse banco dos meus sonhos não existia. As indicações que me foram feitas para outras entrevistas, limitaram-se aos ex-colegas de trabalho e a outros membros da Associação.

⁵ Considero depoimentos espontâneos todos aqueles que me foram dados sem que eu fizesse perguntas sobre o assunto aposentadoria, ou apenas a partir da menção de que eu estava pesquisando sobre este tema, sem nenhum outro estímulo de minha parte.

O procedimento adotado por mim durante as entrevistas foi o de deixar os informantes o mais à vontade possível. Antes de mais nada, explicava o objetivo do trabalho, em que exatamente eu estava interessada e pedia que ele começasse contando como viera parar na Eletrosul, em Florianópolis. A partir daí, procurava interferir minimamente nos depoimentos, apenas tentando orientá-los para a temática que me interessava, das relações conjugais e familiares, quando achava que estavam se desviando muito. Mesmo isso me absteve de fazer, em muitos momentos, em todas as entrevistas, optando por colher o que o entrevistado estava oferecendo.

Diferente da história de vida, onde o pesquisado fala livremente sobre seu passado, suas experiências, o depoimento implica em que haja um interesse específico do pesquisador a orientar os encontros. Queiroz explica que,

“Ao colher um depoimento, o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador; pode fazê-lo com maior ou menor sutileza, mas na verdade tem nas mãos o fio da meada e conduz a entrevista. Da ‘vida’ de seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham se inserir diretamente no trabalho, e a escolha é unicamente utilizada com esse critério.” (Queiroz, 1988: 21)

Embora esta pesquisa tivesse um interesse específico, o roteiro que utilizei foi relativamente “frouxo” e contemplou, entre outros, os seguintes pontos: caracterização sócio-econômica das famílias; o contexto em que ocorreu a aposentadoria; a significação do trabalho; a percepção da relação conjugal, tendo por marco a aposentadoria (antes/depois); os significados de masculino/feminino e as atribuições de gênero⁶. Por “frouxo” estou designando um roteiro que permitiu ao entrevistado falar sobre assuntos não diretamente ligados ao tema específico da pesquisa, mas que poderiam se revelar úteis. Deixá-lo falar sobre sua infância, por exemplo, poderia render boas informações a respeito de sua visão sobre as representações de gênero na sua família de origem, papéis masculinos e femininos, etc., questões fundamentais para a melhor compreensão do universo dos sujeitos.

Acredito que, dessa forma, estive trabalhando nos limites entre história de vida e depoimento. Ressalto, entretanto, que as falas traduzem as representações que os sujeitos fazem nesse momento sobre suas histórias e, por isto, estão marcadas por suas experiências atuais.

Ainda que os informantes tenham sido sempre atenciosos, a situação de entrevista em si é sempre muito tensa para mim. Sinto-me numa posição ambígua. Por um lado, preciso da informação, do depoimento. Por outro, não quero constranger de forma nenhuma o entrevistado. Muito menos se o ponto que estou procurando enfocar é doloroso ou difícil de verbalizar para ele.

Da Matta (1978: 28, grifado no original) explica que *“vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: a) transformar o exótico em familiar e/ou b) transformar o familiar em exótico”*. No primeiro caso, ele se refere à busca, pelo etnólogo, da

⁶ Para os sujeitos entrevistados.

compreensão dos sistemas simbólicos que operam em outras culturas. No segundo, refere-se ao distanciamento necessário ao etnólogo para estudar o sistema no qual está inserido, numa viagem “para dentro”, que ele compara à do xamã.

“...a apreensão no primeiro processo é realizada primordialmente por uma via intelectual (a transformação do exótico em familiar é realizada fundamentalmente por meio de apreensões cognitivas), ao passo que, no segundo caso, é necessário um desligamento emocional, já que a familiaridade do costume não foi obtida via intelecto, mas via coerção socializadora e assim, veio do estômago para a cabeça. Em ambos os casos, porém, a mediação é realizada por um corpo de princípios guias (as chamadas teorias antropológicas) e conduzida num labirinto de conflitos dramáticos que servem como pano de fundo para as anedotas antropológicas e para acentuar o lado romântico da nossa disciplina.” (Da Matta, 1978: 30)

Como meu trabalho de investigação se desenvolveu no seio de uma sociedade complexa da qual faço parte e, mais especificamente, entre um grupo de “iguais” (famílias transferidas com a Eletrosul), o movimento necessário para a concretização do estranhamento - a transformação do familiar em exótico – conforme assinalou Da Matta, foi o distanciamento emocional, com direito aos já mencionados *“...conflitos dramáticos que servem como pano de fundo para as anedotas antropológicas...”*

Quando comecei a fazer essa pesquisa, acreditava que o fato de pertencer ao grupo que estava estudando tornaria o trabalho mais fácil. Afinal, até meu próprio interesse pelo assunto surgiu através de conversas com pessoas que faziam parte desse grupo. Fiquei sabendo das angústias pelas quais estavam passando através da fala, das queixas, das reclamações dessas próprias pessoas. A princípio, eu estava na condição ideal para fazer uma observação participante.

A observação participante, com seu levantamento intenso de material, é o procedimento que torna possível ao pesquisador ir além do relato e encontrar o que Malinowski (1976: 33) chamou de *“imponderáveis da vida cotidiana”*, que vêm a ser a maneira como os indivíduos realmente vivem, em contraste com o que dizem. Só assim, ele pensava, seria possível desvendar as regras que regem os comportamentos humanos.

A pertença ao grupo me colocou numa situação privilegiada, nesse aspecto, para saber quem estava se aposentando e em que momento. Quem eram as pessoas que estavam passando por dificuldades, por crises, por separações. Entretanto, saber disso em nada tornou a minha posição mais fácil. Muito pelo contrário, saber por outras fontes, sobre o sofrimento que os potenciais informantes estavam atravessando, inviabilizou totalmente para mim o contato com alguns deles. Como poderia ligar para um homem que se aposentou, separou-se da mulher, entrou em depressão, e pedir: ‘Boa tarde. Soube que você está com muitos problemas. Gostaria de me dar uma entrevista falando sobre este momento difícil pelo qual você está passando?’ Quem teria coragem de propor uma coisa dessas? Não eu, com certeza.

A propósito da “observação participante”, outras considerações podem ser feitas. Numa etnografia, a subjetividade não é escamoteada. O envolvimento do pesquisador com o pesquisado é

inerente ao trabalho etnográfico. Para Laplantine “*nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos*” (1991: 169-170). Em suma, tudo o que se passa com o pesquisador em relação à sua pesquisa e seus entrevistados, faz parte da pesquisa. Nessa especificidade reside a riqueza do trabalho etnográfico.

“A perturbação que o etnólogo impõe através de sua presença àquilo que observa e que perturba a ele próprio, longe de ser considerada como obstáculo que seria conveniente neutralizar, é uma fonte infinitamente fecunda de conhecimento. Incluir-se não apenas socialmente mas subjetivamente faz parte do objeto científico que procuramos construir, bem como do modo característico da profissão de etnólogo. A análise, não apenas das reações dos outros à presença deste, mas também de suas reações às reações dos outros, é o próprio instrumento capaz de fornecer à nossa disciplina vantagens científicas consideráveis, desde que se saiba aproveitá-lo.” (Laplantine, 1991: 172-173).

Outro problema que tive que enfrentar foi o do anonimato das fontes. Certamente subestimei as dificuldades nesse aspecto. Por ser um grupo restrito, de convivência extensa e intensa, praticamente qualquer coisa que eu escrevesse sobre um informante, poderia identificá-lo para os outros. Em alguns casos, só seria necessário dizer o número de filhos, para identificar um informante.

Quero deixar claro que a questão da identificação, em nenhum momento foi colocada explicitamente pelos meus informantes. Eles disseram não estar preocupados com isso, que não havia o menor problema em divulgar o que eles estavam dizendo, pois não tinham nada a esconder. Em um caso, um deles falou que estava muito tranquilo, porque não ia me “*dizer nada comprometedor ou que não pudesse ser divulgado*”.

A experiência do campo me revelou uma situação diferente. Um de meus informantes, em tudo muito solícito, assim que começamos a conversar me pediu: “*Antes de você ligar o gravador, vou lhe contar algumas coisas sobre minha vida para você ver se eu sou a pessoa indicada para lhe dar o depoimento que você deseja.*”(grifo meu) Em seguida, falou de sua vida pessoal, seus relacionamentos amorosos, conjugais, com seus filhos, colegas de trabalho, etc. Quando ele já havia falado por quase uma hora, pedi que parasse e que me deixasse ligar o gravador. Ele concordou e assim que liguei o gravador, recomeçou a contar sua vida, porém, enfocando agora suas atividades profissionais. Sua vida pessoal sumiu completamente da história.

Infelizmente, ele não foi o único. Outro entrevistado falou sobre toda sua carreira profissional até a aposentadoria, mencionando suas dificuldades em relação à empresa. Quando pedi que me contasse como a família enfrentou a nova situação, ele respondeu: “*Ah, foi difícil.*” e engrenou em outra direção. Eu insisti algumas vezes, mas não obtive sucesso. Ele já me havia falado anteriormente, em conversa na qual não foi utilizado um gravador, sobre as dificuldades que enfrentou em relação aos outros membros da família, após sua aposentadoria. Na entrevista não gravada, ocorrências de sua vida pessoal tiveram mais peso, foram bem mais presentes do que na entrevista gravada posteriormente.

Com um terceiro informante não foi diferente. Mesmo dando um depoimento interessantíssimo, porque abrangeu toda a história da chegada da Eletrosul à Florianópolis, quando perguntei sobre as questões conjugais e familiares, também tornou-se mais reticente.

Revedo todas as conversas que tive com os sujeitos, percebi que depoimentos sobre a vida pessoal só não foram reticentes⁷ em duas situações: quando entrevistei mulheres e quando foram depoimentos espontâneos. Nesse caso, indiscriminadamente se dados por homens ou mulheres.

De acordo com Geertz “...o homem é um animal, amarrado a teias de significados que ele mesmo tecen...” (Geertz, 1989: 15). Ele encara a análise dessas teias, a cultura em sua concepção, “*não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.*” (Idem). O que definiria a prática da etnografia, para ele, portanto, mais do que técnicas e procedimentos específicos como diário de campo por exemplo, seria a noção de “*descrição densa*”, emprestada de Gilbert Ryle, que busca desvendar os significados de ações e palavras que ultrapassam a mera descrição do comportamento adotado pelos indivíduos.

Essa perspectiva antropológica implica em pressupor que esses indivíduos não estão flutuando acima da cultura na qual vivem mas, ao contrário, estão inscritos nela, compartilhando símbolos e significados entre si, constituindo-se como sujeitos culturais.

Segundo Lago “*o método antropológico vai além da observação das instituições e das práticas dos agentes sociais. Como ‘observação participante’, leva o pesquisador a se deter na escuta da voz do outro, procurando penetrar no mundo de suas representações, no seu universo simbólico*” (Lago, 1996a: 19).

Voltando à questão do anonimato das fontes, embora os informantes tenham verbalizado sua despreocupação sobre o assunto, penso que certas atitudes tomadas por eles, dizem o contrário. Não consigo deixar de pensar que quando alguém pede: - “*Espera, não ligue o gravador ainda.*” – ou quando relaxa, sorri e altera totalmente o teor do que está dizendo após o gravador ser desligado, está demonstrando que existe uma diferença muito grande nas falas, gravada e não gravada. Parece haver uma “*responsabilidade*” maior sobre o que está sendo gravado e portanto, a fala costuma ser mais cuidadosa, explicativa e, eu diria, em alguns casos desta pesquisa, até didática. A fala não gravada, é espontânea, despreocupada, com risadas e, invariavelmente, acompanhada de relaxamento da musculatura. Registrei suspiros, sorrisos e até uma espreguiçada, ao final das gravações. Sempre por parte dos homens. Em apenas um caso, uma mulher se mostrou tensa, porém no início da gravação. Após alguns minutos, já havia relaxado, conseguindo discorrer livremente sobre o assunto.

⁷ Sinto-me desconfortável com a utilização deste termo. De forma nenhuma, essa palavra me agrada ou dá conta dos sentimentos que permeavam as situações de pesquisa e determinavam as atitudes adotadas pelos informantes. Apenas é a palavra que disponho para me referir a elas. A rigor, o que essas atitudes revelavam é que havia uma certa “*indisposição interna*” em enveredar pelo lado pessoal. Quando havia gravação, bem entendido.

Essas atitudes me induziram a pensar que devo tomar certos cuidados porque, parece, não é toda a fala que está autorizada a ser divulgada. Penso que a autorização formal dada pelos informantes poderia estar vinculada apenas ao que está gravado, associado à entrevista em si. Os outros momentos, antes e depois da gravação, podem não ter se caracterizado para eles como parte da entrevista propriamente dita.

Não tive dificuldades em obter entrevistas, pelo menos não por parte dos sujeitos contatados, mas ainda persiste a diferença na expressão de sentimentos. Embora nesta pesquisa eu tenha percebido uma mudança na atitude dos entrevistados, em relação à experiência de pesquisa que realizei anteriormente, notei que a explicitação de sentimentos e emoções para os informantes do sexo masculino, na maior parte das vezes, está ligada às questões do mundo do trabalho. A expressão de sentimentos e emoções associadas a questões ligadas à família e aos relacionamentos em depoimentos desse tipo, continua a ser mais própria das mulheres.

Sobre isso, gostaria de contar umas histórias. Quando fiz minha primeira pesquisa de campo, os sujeitos que iria entrevistar eram todos homens. Esperei ansiosa respostas à minha solicitação de entrevista por quase dois meses e recebi apenas três manifestações. Morria de inveja de uma colega que fazia sua pesquisa exclusivamente com mulheres e que comparecia aos encontros de orientação levando fitas cassete recheadas de entrevistas com suas informantes. Eu, que ia aos encontros apenas para comunicar que ninguém havia respondido minhas cartas, perguntava-me por que falar de si era tão difícil para os homens. Concluí que o assunto que eu estava abordando era comprometedor para eles e por isso não queriam se expor.

Tempos depois, cedendo novamente à curiosidade sobre o universo masculino, comecei a emprender esta pesquisa. Desta vez, por força das circunstâncias, entrevisto algumas mulheres também e com elas consigo mais informações... sobre os próprios homens.

Ao assistir a apresentação de um trabalho sobre masculinidade em um congresso, qual não foi minha surpresa quando o autor começou seu relato dizendo: “Foram entrevistadas vinte mulheres...” Mulheres?, pensei. Mas por que entrevistamos mulheres para saber dos homens? Perguntei ao pesquisador porque havia entrevistado mulheres e não homens e ele me respondeu que elas davam melhores entrevistas, falavam mais. Os homens não eram muito acessíveis. Percebi, então, que essa era uma questão que atravessava outros trabalhos.

As mulheres seriam mais acessíveis? Dispostas? É o que parece, pelo menos quando o assunto envolve emoções e sentimentos. No entanto, gostaria de fazer algumas observações a esse respeito. Em primeiro lugar, durante as entrevistas gravadas com os homens, não creio que tenha havido propriamente uma “ausência” da expressão de sentimentos e emoções. Ela estava lá, sim, só que quase que exclusivamente voltada ao relacionamento deles com a empresa e seus dirigentes. Em

segundo lugar, durante os depoimentos não gravados dados por homens, a expressão de sentimentos e emoções em relação à mulher e à família em geral, estava presente. Isto me leva a pensar que o que parece haver na realidade é uma “autorização” cultural para que as mulheres se expressem mais livremente nessa área. Aos homens estaria “permitida” essa expressão apenas em caráter “não-oficial”, como no caso dos conhecidos “desabafos” aqui chamados de “depoimentos espontâneos não gravados”.

Ainda me surpreendo com a quantidade de depoimentos espontâneos que recebi, e continuo recebendo, assim que comento sobre o que estou estudando. Deu para notar que essa temática está na ordem do dia para muitas pessoas. Os encontros mais fortuitos renderam-me depoimentos relâmpago e esses, ainda que curtos, expressaram muito mais os sentimentos que estavam em ebulição nos sujeitos, do que as entrevistas com hora marcada. Entre outros lugares, recebi depoimentos espontâneos interessantes em fila de *rôtisserie*, no jardim da minha casa enquanto arrancava matinhos, na universidade, na porta da casa de vizinhos, em loja de roupas, em casa de amigas, no supermercado e até enquanto fazia caminhadas.

Também recebi depoimentos após apresentar trabalhos relativos a essa pesquisa em seminários e congressos acadêmicos. Ao final de sessões de comunicação, fui abordada por mulheres que, havendo assistido minha apresentação, disseram “*saber do que eu estava falando*” e contaram seus casos particulares.

Estas são pequenas amostras dos depoimentos que recebi e que fazem parte do “*inevitável e indispensável diário de campo*” (Fonseca, 1998: 17), onde busquei registrar o máximo de informações coletadas que se referissem aos sujeitos e às situações objeto da pesquisa.

Em virtude da já anteriormente mencionada questão da facilidade de identificação das fontes, optei por não fazer um perfil detalhado dos entrevistados. Limitar-me-ei a informar que são homens e mulheres que estão dentro da faixa etária de 45 a 60 anos, pertencem às camadas médias urbanas escolarizadas, são casados ou separados, todos têm filhos e são originários de vários estados brasileiros.

Creio ter deixado claro que embora a pertença ao grupo estudado tenha facilitado meu acesso a algumas informações estratégicas para a pesquisa, esta também foi responsável por muitas de minhas angústias e bloqueios em relação aos possíveis informantes. Aprendi que transformar o familiar em exótico não é necessariamente um exercício menos penoso do que tornar o exótico, familiar.

2.1 O Campo

A experiência de entrevistar pessoas é, para mim, sempre dramática. Levo dias, meses, para tomar coragem; acho sempre que estou sendo invasiva, inconveniente e tenho verdadeiro pavor de deixar escapar assuntos pessoais de uns para outros. Até há pouco, pensava que essa dificuldade

estava ligada à norma social vigente de que pedir a alguém que fale sobre sua vida pessoal é desagradável e falar sobre isso com outros é, pior ainda, mexericar.

Entretanto, também me ocorre que, de alguma forma, a sensação de ilegitimidade que me assalta quando me volto para investigação de questões pertinentes à vida pessoal e íntima das pessoas, também pode ser tributada a uma certa persistência em mim, apesar de todo treinamento e esforço, de um resquício de sentimento de não-valorização do olhar feminino sobre o mundo, ou melhor, de insegurança em relação à ele, com a qual tenho que lutar durante a execução de minhas tarefas. Como se, no íntimo, o interesse pelas subjetividades no seio das ciências humanas, introduzido pelo olhar feminista, não passasse mesmo de “coisa de mulher” e como tal, desvalorizado. É claro que é sentimento passageiro e fugaz, porém marca sua presença com desanimadora regularidade, revelando os efeitos persistentes da coerção socializadora, apreendida “*do estômago para a cabeça*” (Da Matta, 1978: 30). Esses “incidentes” me fizeram compreender que, em uma cultura polarizada, na qual o polo masculino é valorizado, a articulação da relação dominante/dominado não é facilmente superada pelo treinamento intelectual, podendo se manter subjacente ao próprio olhar feminino.

Bourdieu afirma que

“...quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão.” (Bourdieu, 1999: 22 - grifos no original)

Enfim, tornar-se mulher numa cultura onde o masculino é o polo dominante, pode significar ter que lutar contra a dominação tanto fora quanto dentro de si mesma.

Afora estes (e outros) percalços, o campo desta pesquisa foi diametralmente oposto ao de minha pesquisa anterior (Machado, 1998), na qual tive grande dificuldade em colocar os informantes à vontade, ou de me sentir à vontade também, para conseguir que confiassem em mim o suficiente para contarem particularidades sobre suas vidas. Entretanto, as reações negativas e positivas de minha parte aos entrevistados e de parte deles em relação a mim, as tentativas de “sedução” por parte deles, o meu fracasso em “seduzir” outros participantes para a pesquisa, as gozações, as ofensas, a ansiedade, o medo, a raiva, as estratégias para escapar das entrevistas por parte deles, as artimanhas para não deixar o entrevistado escapar, de minha parte, tudo foi material riquíssimo de análise, sem o qual a pesquisa não teria alcançado os resultados que alcançou.

Desta vez, não tive que “caçar” informantes/informações. Eles/as é que me perseguiram. Quando digo “perseguição”, significa que qualquer local ou circunstância serviu de palco para depoimentos espontâneos, mais ou menos emocionados, dependendo do momento do interlocutor. Tenho por pressuposto que dadas as condições em que ocorreram, alguns desses depoimentos se caracterizaram como “desabafos” estando, portanto, fortemente influenciados pelo estado de espírito do

depoente. Não posso deixar de considerar também que, ainda que estivesse profundamente interessada nas informações acerca da experiência concreta da aposentadoria, minha receptividade a elas pode, e deve, ter sido afetada pela minha maior ou menor disponibilidade no momento em que o depoimento aconteceu. Mesmo o relato mais dramático pode não encontrar terreno fértil onde prosperar numa prosaica fila de *rôtisserie*.

Dessa forma, ainda que os depoimentos espontâneos tenham se configurado como os momentos mais propícios para o desvelamento dos sentimentos aflitivos pelos quais os informantes estavam passando, não foram de todo destituídos de tensão entre as partes envolvidas.

No mais, também acho importante esclarecer que embora o interesse específico pela temática da pesquisa tenha se iniciado a partir das queixas das mulheres e que a pesquisa em si tenha se desenvolvido em um período de tempo determinado, em virtude de compartilhar com as/os informantes das mesmas preocupações e inseguranças em relação ao futuro da empresa, esse assunto já fazia parte de nossas conversas, muito tempo antes do surgimento da idéia de fazer uma pesquisa. Todas essas conversas, portanto, também serviram de subsídio para o estudo.

Muitos depoimentos espontâneos foram dados em uma só ocasião. Outros, em vários encontros fortuitos com as mesmas pessoas e foram fornecendo material para que a imagem composta pelas informações que eram dadas a cada vez fosse se ampliando, como um grande quebra-cabeças, em um painel que serviu como pano de fundo para as entrevistas. Alguns foram longos e esclarecedores, outros contribuíram com uma só peça para o quebra-cabeças, porém nem por isso foram menos importantes.

Como já disse anteriormente, há muito tempo esse tema faz parte das conversas das pessoas que pertencem a esse universo, portanto os depoimentos aconteceram nos mais variados locais e momentos, ao longo de muito tempo, sendo inviável listá-los um a um. Em vista disso, selecionei apenas alguns para exemplificar as diversas circunstâncias em que eles ocorreram.

Além desses, recebi também depoimentos de pessoas que nunca havia visto anteriormente e que não faziam parte do grupo que me propus a pesquisar mas que, de alguma forma, sentiram-se incluídas no universo da pesquisa o suficiente para me contarem suas histórias.

2.1.1 As Entrevistas

Minha primeira entrevista foi feita com um informante que eu não conhecia anteriormente. Ele me foi indicado para contato pelas assistentes sociais da empresa como uma pessoa que poderia me facilitar o acesso a informantes. No entanto, após explicar o que eu desejava, ele começou imediatamente a dar um depoimento espontâneo, e ainda que um tanto frustrada por não haver levado o gravador para este contato, fiquei animada e pensei estar no caminho certo, pois as informações que

estava obtendo com ele também indicavam a existência de um “desconforto” entre o casal a partir da aposentadoria do homem, como tinha sido apontado pelas queixas das mulheres anteriormente.

Apesar de considerar este episódio como uma entrevista, mesmo não tendo sido agendada e gravada, penso que, talvez até por isso, a atitude do informante se aproximou muito mais das atitudes encontradas nos depoimentos espontâneos, do que nas entrevistas agendadas formalmente. O aspecto pessoal de sua vida ocupou a maior parte da fala e sua contrariedade e perplexidade diante das atitudes que a família havia adotado em relação a ele, foram mencionadas de forma muito explícita. Em nenhum momento percebi algum constrangimento de sua parte a respeito das ocorrências que estava relatando. Pareceu sempre muito seguro de suas posições, apesar de estar declarando que para os outros membros de sua família, seu status dentro dela (a família) havia mudado (para pior) depois de sua aposentadoria.

Acidentalmente, perdi as anotações desta entrevista e tive que pedir ao entrevistado outra oportunidade. Ele concordou e eu fui, desta vez bem preparada, levando o gravador. Porém, como já disse anteriormente, seu depoimento centrou-se nas suas relações com a empresa e nem mesmo quando eu perguntei diretamente a esse respeito, sua vida pessoal entrou na pauta. Só depois que eu desliguei o gravador. Quando encerrei a gravação, ele começou imediatamente a falar sobre a indignação de sua sogra com ele, pelo fato de ter feito um seguro de vida para sua mulher, em seu próprio benefício. E ao contar esse episódio, discorreu sobre o que pensava a respeito das relações entre ele e sua mulher, entre casais em geral, entre ele e sua sogra, entre as gerações e sobre e as dificuldades de conciliação entre as concepções de mundo masculinas e femininas, tanto no seu caso particular, como no geral. Está claro que nada disso foi gravado. Neste dia, decepcionada, enfrentei pela primeira vez o que mais tarde se delineou como um padrão entre entrevistados homens – falar sobre a vida familiar, só sem gravação.

Um outro informante foi escolhido por acaso. Durante um de meus diversos períodos de “angústia pré-contato com informantes”, encontrei um conhecido, ex-empregado da Eletrosul, numa farmácia. Sabia que era muito solícito, politicamente engajado e preocupado com questões éticas e sociais e que, portanto, poderia concordar em participar da pesquisa. Tomei coragem e pedi o número de seu telefone para ligar mais tarde e explicar o que eu queria dele. E assim foi feito. Quando liguei, ele aceitou e me convidou para ir à sua casa. Acertamos a data e no dia marcado fui encontrá-lo.

Quando ele me recebeu, estava atendendo a uma aluna e pediu que aguardasse um pouco até ele terminar. Depois que a aluna saiu, expliquei novamente o que eu queria. Ao me pedir para falar um pouco sem gravar⁸ eu, que já estava desconfortável com a presença de um de seus filhos lendo um

⁸ Ele foi a pessoa que, como já disse anteriormente, pediu para que eu não ligasse o gravador antes de me falar algumas coisas sobre sua vida. Depois disso, caso eu ainda achasse que era a pessoa certa para me dar a entrevista, ele o faria.

jornal sentado bem próximo ao local onde estávamos, fiquei bem mais preocupada. Achei que nosso encontro estava se encaminhando para um depoimento truncado, em virtude da pouca privacidade que a presença de um filho adolescente permitiria naquela situação. Enganei-me totalmente. Ele foi tão sincero, espontâneo e detalhista que o filho optou por bater em retirada.

Durante seu depoimento, o informante separou sua vida pessoal e profissional em compartimentos estanques e, embora tenha falado sobre os diversos problemas que teve em cada uma das duas dimensões, acreditava que em seu caso, e em outros casos também, as questões pessoais e de trabalho não tivessem relações diretas. Na sua opinião, seus problemas familiares teriam sido causados por dificuldades nas relações conjugais e com os filhos, e os profissionais, por dificuldades nas relações com a empresa.

Entre todas as entrevistas que já fiz com homens, foi nesta que me deparei com o informante mais espontâneo, tranquilo e menos evasivo. Ainda assim, sua atitude em relação ao relato foi semelhante ao informante anterior: nada do que disse a respeito da vida pessoal foi gravado.

Encontrei a informante seguinte quando estava um pouco desanimada com o resultado das entrevistas anteriores. Foi uma vizinha de bairro que, durante um bate-papo, começou a falar sobre o marido aposentado. Foi um depoimento tão rico que resolvi abrir um precedente e pedir uma entrevista, já que até este momento minha intenção era a de só entrevistar homens. Ela aceitou e conversamos tranquilamente por duas horas diante do gravador, em sua casa⁹. Fiquei encantada. Excetuando-se os depoimentos espontâneos, foi a primeira entrevista feita com informante mulher. Nela está relatada a turbulência emocional que sucedeu a aposentadoria precoce de seu marido (e de alguns de seus amigos) e como isto afetou a vida dele em relação à ela, aos filhos, às finanças, à reinserção no mercado de trabalho, aos colegas e ex-colegas de trabalho.

Por ter estado presente à entrevista feita com um de seus colegas, o informante seguinte já conhecia o teor da pesquisa. Embora na ocasião do depoimento do colega estivesse ocupado com seus afazeres, percebeu o que se passava, tendo inclusive feito colocações, tirado dúvidas em relação a algum fato passado e dado depoimentos espontâneos sobre sua própria situação, contando sobre como suas dificuldades financeiras haviam afetado sua família e como ele se sentia em relação a isso. No dia marcado para sua entrevista, agora um tanto desconfiada das entrevistas com homens, cheguei para o encontro. Novamente o relato deixou de lado o aspecto pessoal para privilegiar as questões profissionais, no entanto, incluiu uma minuciosa e apaixonada descrição da história da transferência da Eletrosul para Florianópolis. Ele fora uma das pessoas que viera inicialmente para preparar a transferência da empresa, mapeando prédios para instalação da mesma e dos empregados, entre

⁹ Por problemas relacionados à minha inépcia no uso do gravador, também foi necessária uma nova entrevista com esta informante, o que ocorreu sem maiores dificuldades.

outras coisas. Além desta recuperação da história, que adorei, foi nesta entrevista que finalmente percebi meu equívoco ao atribuir dificuldades em falar sobre suas emoções e sentimentos aos homens. Eles falaram sim, e tanto quanto as mulheres. A diferença é que no caso das mulheres, o alvo foi a relação conjugal e a família, e no caso deles, foram as relações de trabalho e com a empresa. Esta entrevista foi realizada em dois encontros e caracterizou-se por ter sido um dos depoimentos mais emocionados que recebi para esta pesquisa.

A entrevista seguinte se deu com uma mulher. Ela já havia conversado comigo muitas vezes sobre este assunto e um dia perguntei se gravaria uma entrevista. Ela aceitou e nos encontramos em sua casa.

Seu depoimento começou falando dos problemas que sua família de origem enfrentou após a aposentadoria de seu pai. Seu caso particular, a princípio, não se enquadraria nesta pesquisa pois seu marido não está aposentado ainda. Entretanto, decidi pedir esse depoimento em virtude de algumas informações que ela já havia me dado anteriormente, terem revelado uma face dramática do relacionamento entre funcionários dentro da empresa, como a sabotagem de trabalhos e o envio de cartas anônimas. Pensei que seu relato seria interessante para trazer à luz o contexto interno que envolve a adesão aos planos de demissão voluntária e aposentadoria.

Apesar de estar informada que eu gravaria nossa conversa, percebi que ela constrangeu-se um pouco no início do depoimento, quando se viu diante da realidade física do gravador. Para meu alívio, foram poucos minutos. Logo estava tranqüila e fluente como sempre.

Essa informante é pessoa que encontrei com freqüência e conversamos sem constrangimentos sobre os mais diversos assuntos, inclusive aposentadoria e risco de demissão de nossos maridos. No entanto, foi muito chocante para mim assistir ao seu constrangimento, mesmo que curto, diante do gravador. E eu não sei o que fazer quanto a isso. Usei o gravador apenas na tentativa de ser fiel aos depoimentos, mas o estrago que ele fez foi tão evidente que, sinceramente, comecei a duvidar que seu uso tenha sido compensador. A prova disso são os depoimentos espontâneos que me foram dados sem que os informantes demonstrassem o menor constrangimento.

2.1.2 Os Depoimentos

Após apresentar parte dessa pesquisa em um congresso em Curitiba, fui abordada nos corredores do prédio, por uma das pessoas que havia assistido à apresentação e queria me contar o seu caso particular, que em tudo se assemelhava aos que eu estava investigando em Florianópolis. Fiquei um tanto surpresa pois foi totalmente inesperado. Durante o debate na sala ela não havia se manifestado e quando me chamou para sentar e conversar com ela, eu não fazia a menor idéia do que me esperava. Ela era uma moradora da cidade de São Paulo, que disse entender muito bem o eu que estava dizendo. Seu marido (na faixa de 40 anos) havia sido demitido há alguns anos. Na sua opinião,

os dois primeiros anos após a demissão foram os melhores de suas vidas. Ele desenvolveu um projeto próprio e estava muito confiante no sucesso. Ao fim de dois anos, o sucesso esperado não veio, a situação financeira piorou, e ele, segundo ela, por não conseguir suportar o fracasso profissional, entrou em depressão, tendo por fim se divorciado dela, deixando os filhos e ido viver sozinho.

Entre surpresa e animada (com a possível entrevista, não com o teor da história), perguntei se ela daria um depoimento por escrito pela Internet. Ela concordou e trocamos nossos endereços eletrônicos, mas quando escrevi pedindo o depoimento ela não respondeu. E não mais entrou em contato comigo.

Contei essa história em outro encontro acadêmico, dessa vez em Florianópolis, e a situação se repetiu. Ao final da sessão de comunicações, fui abordada por uma participante que contou que seu marido estava entre os ex-empregados da Eletrosul e que ela talvez pudesse me ajudar. Minha exposição havia sido centrada nas dificuldades e angústias que enfrentava em relação a abordar informantes e ela me perguntou se eu gostaria que ela intermediasse um encontro com seu marido. Ele era um ex-empregado da Eletrosul e tinha passado pelas mesmas dificuldades. Entretanto, logo após ter feito seu oferecimento, ela mesma refletiu sobre a viabilidade do encontro, lembrando que a situação havia sido tão difícil que ele teria ficado inclusive *sem falar* durante três dias. Confesso que fiquei aliviada. Por alguns momentos havia ficado apavorada com a possibilidade de concretização de um encontro que certamente seria muito penoso, tanto para o informante como para mim. Agradei sua gentileza e respondi que era exatamente sobre isto que eu estivera falando durante minha exposição: a dificuldade em abordar pessoas que estão passando por momentos tão difíceis.

Nesses dois casos, apesar da surpresa no momento, estive totalmente receptiva aos depoimentos.

Um outro depoimento foi o de uma ex-colega de graduação que não via há um bom tempo e encontrei por acaso. Durante o bate-papo perguntamos uma à outra sobre nossos projetos. Quando eu falei dessa pesquisa, ela me contou que seus pais formaram durante anos um casal muito unido e que há pouco, após seu pai haver se aposentado, eles começaram a se desentender. Ela ficou surpresa ao saber que os problemas pelos quais seus pais estavam passando talvez pudessem ser comuns a outros casais.

Numa de minhas esporádicas saídas para caminhar, encontrei uma amiga e resolvemos ir juntas. Não levou muito tempo para que ela começasse a contar que estava muito chateada com seu marido. Ela havia retomado a vida profissional abandonada com o casamento e estava muito satisfeita. Não só com a carreira, como com os rendimentos que estava auferindo. Além do aumento na renda familiar, eles estavam lhe proporcionando uma liberdade de decisão quanto a algumas despesas, que ela não havia experimentado anteriormente. Por isso, ela estava meio perplexa com a reação de seu marido. Durante uma discussão para decidirem sobre a implementação ou não de um determi-

nado projeto, ele disse categoricamente que não o fariam porque ele não tinha dinheiro para tal. Ela disse que fariam sim, porque ela estava pagando. E assim foi feito, porém, ela me disse que ele confessou não ter gostado de usufruir um benefício pago com dinheiro ganho por ela, sentindo-se um aproveitador.

Aproveitei outra caminhada para entregar um objeto que pertencia a uma amiga, em sua casa. Colocando nossos assuntos em dia, ela me perguntou como andavam meus projetos acadêmicos. Quando falei da pesquisa, ela contou que não tivera nenhum problema com seu marido após a aposentadoria deste. Fiquei curiosíssima. Ali estava um depoimento destoante dos outros que já havia recebido. Ela continuou falando e logo surgiu sua explicação para o fato de não terem havido problemas no relacionamento. Quando seu marido se aposentou, tratou de não ficar em casa parado. Fez vestibular novamente e partiu para outra carreira que, segundo ela, era um sonho dele. Ainda de acordo com ela, eles não tiveram problemas em casa, não só em função desse projeto do marido, como do imediato engajamento dele. Assim que parou com uma atividade começou a outra. Em outra ocasião, recebi um depoimento semelhante, em que a mulher afirmou que seu marido não tivera nenhum problema com a aposentadoria por estar envolvido em um projeto pessoal, entretanto, num outro encontro me disse que ele estava prestando um serviço temporário e que isto estava sendo “*muito bom para a sua auto-estima.*”

Embora as caminhadas tenham se mostrado muito “eficazes”, sem sombra de dúvida o supermercado foi imbatível como campo de possibilidades. Não sei porque. Talvez o confronto com o aumento nos preços, sei lá. Coincidentemente, foi no supermercado que recebi o maior número de depoimentos de homens.

Antes de continuar, farei um parêntese para contar um fato que para mim foi bastante curioso. A princípio, eu não dava importância a ele, porém sua presença constante indicou que era merecedor de mais atenção. Como já disse, os depoimentos foram dados em sua maioria em encontros ocasionais. Pois bem, a primeira pergunta que me era feita logo após as já consagradas fórmulas de cortesia - “*Como vai? Tudo bem?*” – era - “*Seu marido aposentou?*” Dado que foi feita indiscriminadamente, por homens e mulheres, e observei ter sido feita não só para mim, mas para empregados ou ex-empregados também, comecei a pensar em qual seria sua importância, para aparecer com tanta regularidade. Em pouco tempo, descartei a mera curiosidade. A ansiedade que a acompanhava algumas vezes me autorizou a fazê-lo. Com o tempo, passei a me preparar para ela, o que me permitiu observar com mais cuidado a atitude de quem a fazia. Foi a partir dessa observação que formulei a hipótese de que a pergunta poderia ter a ver com uma espécie de “definição de posições entre interlocutores”. Definidas as posições, aposentado ou ativo¹⁰, o discurso poderia ser adequado à ocasião. É uma hipótese

¹⁰ Categorias êmicas.

para a qual não pude obter comprovação, em virtude de meu marido não estar aposentado, implicando em que minha resposta fosse sempre a mesma, ativo. Portanto, apesar de pensar que o discurso seria diferente caso a resposta fosse aposentado, não posso afirmar em quê seria diferente.

Posso, no entanto, falar da atitude dos interlocutores após a resposta “ativo”. Definido que o diálogo se daria entre as posições aposentado x ativo, podendo ser o aposentado ou sua esposa, a atitude no caso das mulheres variava, em geral, entre a conformidade e um certo desânimo, ou talvez fosse melhor dizer, uma “conformidade desanimada”. No caso dos homens, a atitude mais freqüente foi a de um “desconforto animado”. Tentarei explicar.

Encontrei um conhecido na seção de frios do supermercado. Estava procurando um produto e ele também. Conversamos sobre as qualidades do tal produto, enquanto desmontávamos a gôndola toda atrás dele, quando um ex-colega de empresa se aproximou para cumprimentá-lo. Ele abriu um franco sorriso e perguntou direto: “*E aí, aposentou?*” Diante da negativa do colega, retrucou: “*É... eu aposentei. Agora estou por conta do tempo... à toa.*” Ele continuava sorrindo, mas já não era o mesmo sorriso. Agora ele demonstrava estar meio sem graça, envergonhado, como alguém apanhado fazendo algo que não se esperava dele. Fiquei bastante impressionada com a mudança na sua atitude. Porque fazia tanta diferença? Por que parecia não ser legítimo aposentar-se e usar o tempo à seu gosto? Sobre esta questão precisei refletir, fundamentando-me teoricamente, quando da análise do material de pesquisa.

Outro encontro impressionante se deu na seção de frutas e verduras também de um supermercado, onde encontrei um conhecido de longa data fazendo suas compras. Já tinha enchido um saco plástico com uma grande quantidade de cebolas e fazia o mesmo com tomates. Perguntei brincando se ele ia dar uma festa. Ele deu uma risadinha sardônica e falou que sua mulher havia dito que ele não sabia comprar nada, só tomates e cebolas. Em represália ao comentário que ele considerou desabonador, comprava uma quantidade enorme de tomates e cebolas para encher a geladeira, já que “*era só isso que ele sabia fazer na vida*”.

Esclareço que este depoente estava aposentado e sua esposa havia começado uma nova profissão. Ela já havia se queixado da forma como ele administrava a casa em sua ausência e de sua cumplicidade com os filhos, demonstrando o desagrado que sentia com a perda de poder no espaço doméstico. Ele, por sua vez, que havia trabalhado por muitos anos em tarefas de grande responsabilidade, parecia não estar nada conformado a sua nova posição de “inatividade doméstica”. Algum tempo depois separaram-se e soube que ele voltou a trabalhar, agora como autônomo.

Estava um dia na fila para comprar almoço na *rôtisserie* do supermercado quando fui abordada por uma conhecida, esposa de um ex-empregado de outra estatal da cidade, dizendo-se desesperada. Seu marido, que a seu ver, nunca tivera “*muito juízo*”, havia “*aprontado*” a última: aderiu a um plano de

demissão voluntária. Dizia não saber o que fazer. De acordo com ela, seu marido ficou deslumbrado com a possibilidade de receber de uma vez uma considerável quantia de dinheiro, referente ao acordo de demissão. Seu grande medo estava relacionado ao fato de que ele, ao se ver com aquele dinheiro nas mãos, despreocupou-se com o futuro e ao invés de investir numa poupança para garantir os dias de desemprego, começou a gastar desenfreadamente. Ela trabalhava num negócio próprio, mas muito pequeno para suprir as despesas da família. Disse não haver conseguido aceitar a decisão que o marido, segundo ela, tomou sem consultá-la e pediu o divórcio. Naquela ocasião em que nos encontramos o divórcio já havia sido homologado, porém ela não tivera ainda coragem de contar para os filhos. Continuavam todos morando na mesma casa e ela disse não saber mais o que fazer em relação ao marido. Disse que já o havia mandado embora várias vezes mas ele acabava sempre voltando: *“Toca a campainha, eu vou atender e tá ele lá com a malinha dele.”*

Um dos primeiros e mais veementes depoimentos que recebi foi diante de minha casa. Era domingo e eu trabalhava no jardim quando um vizinho de bairro passou e perguntou secamente: *“Seu marido pediu demissão?”*¹¹ Quando eu disse que não, ele falou, rispidamente, que se ele quisesse se demitir, eu não deveria deixar. Devo confessar que eu não estava muito disponível para depoimentos naquele momento. Talvez por isso, e pelo fato de que o seu tom de voz não me agradara, eu tenha respondido provocativamente *“Essa é uma decisão que ele é quem deve tomar.”* exatamente o que ele não queria ouvir.

Minha resposta desencadeou uma reação explosiva. Por mais de uma hora ele falou enfaticamente sobre o episódio de sua demissão, sobre o fato de ter sido enganado pelos colegas e pela gerência da empresa e sobre a *“omissão de sua mulher”* na hora de decidir pela demissão. Contava vários acontecimentos que envolveram o episódio e voltava à tecla que eu não deveria deixar que meu marido se demitisse. E eu, cada vez mais incomodada, ficava pé na posição de neutralidade. Por fim, ele disse que a culpada pelas dificuldades que sua família estava passando, era a sua mulher. Afinal, quando ele disse que ia se demitir, ela respondeu que ele fizesse o que achasse melhor. Segundo ele, ela *“ao invés de me dizer: ‘Não. Você não vai se demitir.’ ficou cheia de coisa... ‘Ah não sei, você que sabe’...”*. E, por isso, agora ele estava em péssima situação. Portanto, concluía, *“as mulheres são as culpadas pelos problemas dos homens porque deixam eles fazerem besteiras!”* Aí estava o porquê de toda a sua bronca comigo naquele momento. O alvo não era eu, mas a atitude de sua mulher. Interessante é o fato de que sua mulher, que também me deu depoimento, ter contado que insistira para que ele não se demitisse. Contradições...

¹¹ Nessa época, duas situações estavam ocorrendo na empresa: havia começado a deterioração do ambiente de trabalho e estava entrando em vigor um dos primeiros planos de demissão voluntária. Havia muito burburinho e especulações para saber quem ia aderir ou não.

3. Algumas conceituações

3.1 Sujeito

Conceitos são a base de sustentação de qualquer análise. Através deles, tentamos entender e explicar os fenômenos que observamos. Cada campo científico tem conceitos que lhe são próprios e que são operados como ferramentas para a compreensão dos referidos fenômenos. Entre os conceitos fundamentais para as ciências humanas e conseqüentemente, para esta pesquisa, está o conceito de sujeito. No entanto, ser fundamental não o faz livre de polêmicas e concepções divergentes.

“Sujeito é um conceito carregado de polissemia, com diferentes significados em nossas tradições filosóficas. Em alguns paradigmas, o sujeito se constrói ativamente, como consciência de si, um sujeito de escolhas conscientes, de vontade (aqui ressaltado o processo de conscientização na auto-construção do sujeito). Como em Descartes - eu penso, logo sou - sou sujeito no meu pensar consciente.” (Lago, 2000: 2)

O conceito de sujeito que sustenta esta análise é aquele que emerge com os estudos de Freud e cujo impacto se dá exatamente sobre a noção de sujeito universal consciente que permeava as ciências humanas e a filosofia. Esse sujeito da psicanálise é um sujeito simbólico, constituído na linguagem, como sujeito do inconsciente. Nas palavras da autora,

“Contrário ao cogito de Descartes, é sujeito onde não sabe de si, que emerge e surpreende a si mesmo no enunciado de seu discurso. (...) Constituído na/pela linguagem, como sujeito inconsciente (Freud), sujeito do inconsciente (Lacan). Inconsciente que se estrutura como uma linguagem, no axioma lacaniano. Sujeito que se estrutura sob as mesmas leis que comandam as formações do inconsciente – as leis da linguagem (condensação e deslocamento, metáfora e metonímia). Este sujeito é falado, é significado pelo Outro, antes mesmo de se constituir como sujeito. Sujeito dividido, desde Freud, sujeito da falta, sujeito do desejo, constituído no discurso do Outro – discurso que faz laço social” (Idem: 3).

Autores desconstrucionistas¹², como Foucault, que investigou o surgimento do sujeito no discurso ocidental, também rompem com esse sujeito da razão, consciente, e Foucault, com base em seus estudos, ressalta que o sujeito é histórico, culturalmente produzido, constituído na linguagem, sujeito do discurso, assujeitado.

Ao voltar seus olhos para o conteúdo do discurso, Foucault buscou compreender, não só como este discurso sobre o sujeito adquiriu o caráter de “verdade”, embora histórica e socialmente produzido, como também em desvendar sua importância no processo de subjetivação dos indivíduos.

Certamente, se perguntados, os sujeitos que entrevistei se diriam conscientes. Seus relatos exporiam uma história linear e coerente dos acontecimentos de suas vidas. Entretanto, é no próprio relato que emerge esse sujeito do inconsciente *“constituído na/pela cultura, não desobrigado dos valores éticos de sua cultura..”* (Lago, 2000: 4) pois, como diz esta autora *“este inconsciente (...) opera (...) com significantes culturais, históricos, datados, investidos de valores, de uma ética.* (Idem: 3).

¹² Cf. as obras completas de Derrida, Deleuze, Guattari.

Esse comprometimento com os valores de sua cultura, no entanto, não os constitui sujeitos homólogos, na medida em que suas falas, que traduzem suas representações do mundo e de si, são atravessadas pelas experiências vividas, pelos discursos de sua época, pelas lógicas e visões de mundo disponíveis no seu contexto e tempo de vida e revelam que “*o sujeito do inconsciente, que se constitui nos significantes culturais, éticos, históricos, constitui-se como particularidade, um a um.*” (Idem: 3)

O sujeito desta análise é esse sujeito particular, histórico, constituído na e pela cultura, que irrompe no relato de suas representações conscientes sobre os acontecimentos de sua vida, enunciando o não conhecido, o não pensado, o não revelado nem mesmo para si próprio, mostrando que *é sujeito justamente onde não se pensa.*

3.2 Gênero

A crença numa *condição da mulher*, fruto de suas características biológicas, orientou os estudos de pesquisadoras feministas numa busca diligente para encontrar/demarkar a especificidade feminina, a substância inerente ao feminino que acreditavam existir. No entanto, as descobertas de Margaret Mead (1988), em três comunidades diferentes na Nova Guiné, apontaram para o “descolamento” entre sexo biológico, temperamento inato e comportamento social.

Dois dos grupos estudados por Mead, os Arapesh e os Mundugumor, não apresentavam distinções baseadas em diferenças sexuais biológicas no comportamento esperado/prescrito socialmente para os indivíduos. Todos os Arapesh deveriam ser dóceis e todos os Mundugumor, agressivos. Já o terceiro grupo, os Tchambuli, assim como em nossa cultura, esperavam/prescreviam condutas e valores diferentes para homens e mulheres. Entre eles, os homens deveriam ser dóceis e passivos, e as mulheres, agressivas e ativas, ao contrário do que acontece entre nós.

A presença de indivíduos que ela chamou de inadaptados¹³ em cada uma das culturas estudadas, evidenciou para Mead a existência de um temperamento individual inato, também “descolado” do sexo biológico e do comportamento prescrito socialmente.

Por força destas descobertas, introduziu-se o conceito de papéis sexuais nos estudos femininos. Esse novo conceito consistiu em um avanço teórico, na medida em que possibilitou a desvinculação das especificidades feminina e masculina da biologia, posto que papel sexual é algo socialmente construído.

Ainda que tenha sido um avanço, o conceito de papel sexual não conseguiu dar conta de questões como a condição de desigualdade entre os sexos, o machismo, entre outras, fulcrais para o movimento feminista.

¹³ Agressivos entre os Arapesh, dóceis entre os Mundugumor e homens agressivos e mulheres dóceis entre os Tchambuli.

A partir da continuidade dos estudos feministas (linguísticos, antropológicos, históricos), o conceito de gênero veio substituir o conceito de papéis sexuais para marcar as dimensões culturais da construção de masculinidades e feminilidades em relação. O conceito de gênero surge trazendo implícita essa dimensão relacional entre os gêneros.

A constante desvalorização do polo feminino nas mais variadas culturas humanas, expunha também uma dimensão hierárquica presente nas relações entre homens e mulheres. Segundo Scott (1990) os estudos empreendidos pelas teóricas feministas, que nas suas análises, adotaram as perspectivas das teoria do patriarcado, do marxismo e da psicanálise, ainda que tenham implementado consideráveis avanços à teoria, não conseguiram superar a oposição binária masculino/feminino. Scott (1990) aponta para a “...necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual.” (Scott, 1990: 13)

De acordo ela, “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.” (Scott, 1990: 14) Assim, gênero não só é uma construção social e cultural, com dimensão relacional e conjuntural, que traz consigo a constante noção de assimetria, como é, ele próprio constituinte das relações sociais. A noção de gênero acaba de vez com a idéia de uma substância inerente ao masculino e ao feminino.

Segundo Grossi e Miguel (1995), os estudos das Ciências Sociais sobre a mulher no Brasil, acompanharam a trajetória percorrida em outros países. Na década de 70/80, estes foram fortemente influenciados pelo feminismo e tratavam da *condição feminina*. A partir da década de 80, com a preocupação em relativizar a *condição feminina*, surgiu o conceito de gênero. Segundo as autoras, nem sempre a utilização do conceito de gênero alcançou a dimensão pretendida, pois em muitos momentos gênero foi empregado como sinônimo de papéis sexuais.

Grossi e Miguel não negam a importância das etapas pelas quais o campo de estudos passou, mas propõem que se desenvolvam tendências em direção a estudos mais centrados sobre a relação homem/mulher e sobre a masculinidade. A primeira, no sentido de deslocar o eixo das preocupações do polo feminino para o relacional entre feminino e masculino, sem perder de vista a plasticidade destas formas. A segunda, visando compreender como se dá a construção da identidade masculina e sua importância na consolidação da identidade feminina.

Há muito Freud manifestou sua crença na bissexualidade como “*disposição inata dos seres humanos.*” (1931: 80) Portanto, também para ele, masculinidade e feminilidade são construções sociais. Buscando problematizar críticas de segmentos feministas que caracterizaram-no como essencialista, Lago afirma que

“Freud analisa a diferenciação dos sexos como se constituindo na vivência intrapsíquica e relacional da situação edípica, enfatizando a bissexualidade original também no domínio do psíquico. Neste sentido feminilidade e masculinidade (construções relacionais) são atributos

tanto dos homens como das mulheres. Freud aprofunda portanto, a fundamentação da concepção de que as características que diferenciam os gêneros são constituídas nos diferentes contextos sócio-históricos-culturais e não mero resultado de determinações biológicas (posição essencialista)” (Lago, 1996: 172)

Na concepção de Stoller (1993), masculinidade e feminilidade são

“qualquer qualidade que é sentida, por quem a possui, como masculina ou feminina. Em outras palavras, masculinidade ou feminilidade é uma convicção – mais precisamente, uma densa massa de convicções, uma soma algébrica de se, mas e e – não um fato incontroverso” (Stoller, 1993: 28, grifado no original).

Cada sociedade possui sua própria “massa de convicções” e prescreve um repertório de atitudes que considera apropriadas a cada sexo biológico. Atitudes que, ainda que “...filtradas pelas personalidades idiossincráticas...” (Idem), são transmitidas, mais ou menos fielmente, às crianças, pelos seus pais. Ainda de acordo com Stoller, “...tais convicções não são verdades eternas: elas se modificam quando as sociedades se modificam. Um guerreiro indígena americano usava o seu cabelo comprido e sentia-se masculino; um prussiano afirmava a sua masculinidade usando o seu cabelo bem curto” (Idem), de modo que, não é o tamanho do cabelo que importa, mas a convicção de que aquela é a forma masculina.

Assim, as diferentes culturas constróem suas próprias idéias/convicções, seus modelos hegemônicos, sobre os atributos do feminino e do masculino, e as instituições sociais tais como a família, a escola, o estado, igreja, entre outras, garantem sua reprodução. É em função disso, que Bourdieu (1999: 101) defende que, para superarmos essa forma de articulação hierárquica entre os gêneros, nem a descrição “...das transformações da condição das mulheres no decurso dos tempos, nem mesmo a relação entre os gêneros nas diferentes épocas...” é suficiente. Devemos sim, voltar nossos olhos para as estruturas objetivas e subjetivas responsáveis pela re-criação constante e historicizada, da dominação de um gênero pelo outro. De acordo com ele,

“ao trazer à luz as invariantes trans-históricas da relação entre os ‘gêneros’, a história se obriga a tomar como objeto o trabalho histórico de des-historicização que as produziu e reproduziu continuamente, isto é, o trabalho constante de diferenciação a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se”. (Bourdieu, 1999: 102 - grifos no original)

3.3 Masculinidade

Connell (1997) entende a masculinidade não como um fator em separado da sociedade, mas como um aspecto de uma estrutura maior e propõe, para entendermos como se organizam as masculinidades, que voltemos nossos olhos para essa estrutura maior.

De acordo com ele, nem todas as sociedades têm um conceito de masculinidade. Sociedades que não polarizam as diferenças entre homens e mulheres, não devem ter conceitos de masculinidade nem de feminilidade (como por exemplo, as sociedades Arapesh e Mundugumor estudadas por Mead). Portanto, “*la masculinidad existe sólo en contraste com la femeneidad.*” (Connell, 1997: 32 - grifo no original)

Connell afirma ainda que, de acordo com o dados da pesquisa histórica, a própria cultura europeia não fazia distinções qualitativas entre os sexos até o século XIX e que, portanto, nosso conceito de masculinidade é bastante recente. Dessa forma, *“al hablar de masculinidad en sentido absoluto... estamos haciendo género en una forma culturalmente específica.”* (Idem - grifo no original) A verdade dessa assertiva se encontra na viagem que Laqueur (1994) faz pela história ocidental, desde a Idade Antiga até Freud, chamando a atenção para as transformações radicais nas formas de ver os corpos e os sexos, estabelecidas de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade e nos modelos da medicina.

Tendo definido que nosso conceito de masculinidade é histórico e relacional, Connell aponta quatro enfoques principais que nortearam as definições de masculinidade: o enfoque essencialista, o positivista, o normativo e o semiótico.

A fraqueza das definições essencialistas está no fato de basearem-se numa eleição arbitrária do traço que seria a essência do masculino. As positivistas, acabam por produzir uma definição tautológica de masculinidade: *“lo que los hombres realmente son”* (Idem: 33). As definições normativas prescrevem um modelo de masculino, *“la masculinidad es lo que los hombres debieran ser”* (Idem), ao qual poucos homens se encaixam. O enfoque semiótico, que propõe a masculinidade como inserida num sistema de diferenças simbólicas onde o masculino é definido como o não-feminino, de acordo com Connell, ainda que tenha superado as fragilidades das visões anteriores, não consegue dar conta de vários aspectos da masculinidade.

Connell não vê utilidade em tentarmos definir masculinidade como um objeto. Pensa sim, ser mais importante

“centrarnos en los procesos y relaciones por medio de los cuales los hombres y mujeres llevan vidas imbuidas en el género. La masculinidad, si se puede definir brevemente, es al mismo tiempo la posición en las relaciones de género, las prácticas por las cuales los hombres y mujeres se comprometen con esa posición de género, y los efectos de estas prácticas en la experiencia corporal, en la personalidad y en la cultura.” (Connell, 1997: 35)

No entanto, Connell afirma que reconhecermos que existem múltiplas formas de masculinidade é apenas uma etapa. Ele alerta para o perigo de cairmos em tipologias simplistas ou de encararmos estas múltiplas formas como estilos de vida alternativos, ou escolhas à gosto de cada freguês.

O conceito de hegemonia no qual se baseia Connell é o de Gramsci e se refere à tomada e manutenção de uma posição de liderança por um grupo sobre outros, na sociedade. Segundo ele, sempre haverá em cada sociedade um modelo cultural de masculinidade que será valorizado, em detrimento de outros. Para ele a masculinidade hegemônica pode ser definida como

“la configuración de práctica genérica que encarna la respuesta corrientemente aceptada al problema de la legitimidad del patriarcado, la que garantiza (o se toma para garantizar) la posición dominante de los hombres y la subordinación de las mujeres (...) y subordinación entre grupos de hombres.” (Connell, 1997: 39-40)

Connell também aponta para a existência de muitos grupos masculinos que, mesmo sem encarnar o ideal hegemônico, alcançam alguns benefícios, como a vantagem sobre as mulheres, apenas pelo fato de manterem com o grupo hegemônico uma relação de cumplicidade, e para outras relações, internas à dinâmica das relações de gênero, como a marginalização de grupos étnicos ou de classe.

Segundo Almeida (1995), cada sociedade apresenta seu modelo hegemônico de masculinidade,

“...modelo cultural ideal, que não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino.” (Almeida, 1995: 17).

Sobre os atributos prescritos pelo modelo de masculinidade em nossa sociedade, Jablonski (1995), em seu bem-humorado artigo, afirma que “milênios de condicionamento social nos fizeram associar masculinidade à independência, autonomia, autoconfiança, liderança nas relações de gênero e agressividade” (Jablonski, 1995: 158). Acrescenta ainda *“...outras características ligadas a adjetivos tais como: forte, autocrítico, aventureiro, arrogante, decidido, dominador, assertivo, rude, desafiador e orientado para a realização”* (Idem). Às mulheres, o modelo social prescreve comportamentos emocionais, docilidade, sentimentalismo, gentileza, dependência, sensibilidade, submissão, passividade, etc.

Os diferentes modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade que incorporam estas características genéricas utilizadas para diferenciar homem e mulher, acabam por “naturalizar” a diferenciação. Dessa forma, tanto meninos quanto meninas, costumam ser socializados assimilando a “naturalidade” da separação dos campos masculino e feminino.

“O movimento feminista, ao reivindicar para as mulheres acesso a campos antes exclusivamente masculinos (trabalho, educação, cargos políticos) e a direitos que lhes foram negados anteriormente (liberdade sexual, limitação do número de filhos), teria provocado uma “revolução” no modelo que empurrou os homens em direção a uma crise de identidade.” (Jablonski, 1995: 164)

Nolasco (1995), no entanto, discorda quanto a dar o crédito da crise da masculinidade ao feminismo e à liberação da mulher. Para ele, a crise na identidade masculina tem origem na crise no mundo do trabalho e da família.

Para Nolasco, em nossa sociedade, trabalho e desempenho sexual são as principais referências para a construção do modelo de masculinidade. O trabalho demarca a separação entre a vida pública e a vida privada e se constitui no eixo que estrutura os modos de agir e pensar masculinos.

¹⁴ Andrew Tolson. Os Limites da Masculinidade, Assírio e Alvim, Lisboa, 1977, p. 43.

¹⁵ Penso poder ir um pouco mais além, citando o caso já referido anteriormente, da mulher que cobrava do marido, não uma agenda cheia e preocupações (seu marido as tinha - fazia faculdade à noite e militava num partido político) mas um trabalho remunerado.

Tolson (1977)¹⁴, citado por Nolasco (1995), afirma que “*para todos os homens, o desfecho do respectivo processo de socialização é a entrada no mundo do trabalho*”. É nele que os meninos adquirirão independência e deixarão de ser meninos para serem reconhecidos como homens. “*O trabalho define a primeira marca de masculinidade, na medida em que, no plano social, viabiliza a saída da própria família*” (Tolson, 1977 apud Nolasco, 1995: 51)

O critério balizador para o bom desempenho de um homem e, conseqüentemente, para manutenção de seu equilíbrio psíquico, estaria em signos de “produtividade”, como muitos compromissos agendados, preocupações, desenvoltura nos negócios, etc. A ausência desses signos remeteriam o homem a uma profunda sensação de fracasso, pois é através deles que ele é reconhecido e aceito na sociedade¹⁵.

De acordo com outro texto de Nolasco, “*se entre a maternidade e mulher o que vigorou foi uma fusão - de modo que o destino de ser mãe seria a única possibilidade de realização - esta mesma articulação acontece entre homem e trabalho: sem ele um homem não pode ser considerado como tal.*” (Nolasco, 1993: 53-54; grifo meu)

Se o momento da aposentadoria já é um momento de ressignificação das identidades masculinas, tanto dentro como fora do âmbito familiar, o que dizer quando esta aposentadoria é antecipada? A meu ver, a antecipação da aposentadoria pode operar de forma muito mais intensa nas ressignificações dos sujeitos, principalmente se estiver aliada a outros fatores¹⁶ como, por exemplo, a entrada das esposas desses homens no mercado de trabalho e as dificuldades de sua recolocação num mercado de trabalho que se encolhe cada vez mais.

Como as queixas citadas anteriormente revelam, há uma mudança na assimetria da relação vivida até então. As mulheres estão usando o seu novo “status” de trabalhadoras remuneradas e a aposentadoria dos maridos como um caminho para exercer maior poder de decisão na relação conjugal.

Nos encontros com os grupos de gênero com os quais trabalha, Cushnir (1994) percebeu que “*mesmo um homem dito moderno, com esposa trabalhando fora de casa, quase sempre tem que ser o arrimo da família, ter o maior sucesso profissional... para muitos ser homem é TER O PODER ECONÔMICO.*” (Cushnir, 1994: 25, grifos no original)

Se o valor de um homem está calcado na sua performance profissional, na sua capacidade de ação, é certo que a aposentadoria será um golpe na auto-estima, que levará à nocaute muitos deles. Parafraseando Nolasco (1993: 64) se, na cultura do trabalho na sociedade capitalista ocidental “um homem é o que faz”, a conclusão inevitável seria então a de que quando ele deixa de *fazer*, também deixa de *ser*.

¹⁶ Embora este não possa ser considerado mais um fator significativo, apenas uma tendência incipiente, duas pesquisas citadas em matéria de revista de circulação nacional apontam para valorização de “condutas femininas”, inclusive em profissionais do sexo masculino, em alguns setores do mercado.

3.4 Trabalho

Paulo S. do Carmo (1992), faz um histórico da evolução das idéias sobre o trabalho, expondo as mudanças nos valores atribuídos a ele nas diversas sociedades, ao longo do tempo. Ele parte da sociedade escravista grega, onde o trabalho manual, altamente depreciado, não era exercido pelos cidadãos livres, pois estes precisavam dispor de todo seu tempo para tarefas como a contemplação. Eram os escravos que garantiam a sobrevivência de todos, através de seu trabalho.

Na Idade Média, segundo ele, o que ditava a condição de cidadão era a posse da terra. Os que não a possuíam, apesar de serem juridicamente cidadãos livres, tinham uma existência muito semelhante àquela dos escravos na sociedade grega.

Segundo Carmo, foi na Idade Média, e a partir dos mosteiros, que a idéia de trabalho, até então atividade de valor menor, começou a ser cunhada como obrigatoriedade moral. Como os monges deveriam, além de cumprir suas obrigações religiosas, dedicar algum tempo de seus dias a atividades manuais na lavoura para prover sua sobrevivência, criou-se inclusive a necessidade da regulação mecânica do tempo, que até então não existia. Cumpre dizer, entretanto, que essa nova visão de trabalho não se disseminou igualmente entre todas as camadas sociais. Nos meios aristocráticos, o trabalho continuava sendo considerado como indigno para o homem de qualidade. O trabalho como valor moral era ideologia dirigida às camadas subalternas.

Com o Renascimento, a situação se inverte. Desponta a admiração pelo trabalho artístico do pintor, do arquiteto, o trabalho artesanal do escultor, basicamente, o trabalho criativo. Surgem as corporações de ofícios, com seus mestres e aprendizes, que, tendo o controle sobre a matéria-prima e a posse das ferramentas, gozavam de uma certa independência para vender seus produtos e não sua força de trabalho. Nesta época, além da valorização do trabalho artesanal, também começam a brotar os germes do capitalismo.

É a partir da Reforma Protestante que a visão sobre o trabalho muda de vez. De acordo com Weber (1996), valores morais da ética protestante (o trabalho reforça a fé religiosa) aliados aos ideais do capitalismo emergente (a ociosidade e o desfrute dos bens adquiridos através do enriquecimento são condenáveis), foram fundamentais para a acumulação de capital neste período. Enriquecer tornou-se a própria realização do ideal religioso. Quem enriquecia demonstrava ter sido eleito para o reino dos céus. O trabalho e a acumulação de capital passaram a se instituir como fins em si mesmos para a burguesia emergente.

“... o mais importante é que o trabalho constitui, antes de mais nada, a própria finalidade da vida. A expressão paulina ‘Quem não trabalha não deve comer’ é incondicionalmente válida para todos. A falta de vontade de trabalhar é um sintoma da ausência do estado de graça.” (Weber, 1996: 113)

A história da acumulação do capital pela mudança das relações feudais de produção, com a conseqüente expulsão do servo da gleba, tornando-se trabalhador livre para vender sua força de

trabalho ao nascente setor industrial, estabelecendo novas relações de produção, foi contada por Marx (1978), que exemplificou com o caso inglês a forma como se deu o processo de desenvolvimento das relações de produção, do trabalho servil para o trabalho assalariado (em troca de pagamento).

A Revolução Industrial, o acúmulo de capital, a expansão comercial e financeira, provocou mudanças na sociedade como nunca se havia visto antes, tornando necessário um grande contingente de mão-de-obra operária disponível. Para que este contingente se efetivasse, criaram-se leis que obrigavam camponeses a migrar para as cidades, leis que obrigavam as pessoas a trabalhar sob pena de serem presas por vadiagem. Com isso, o trabalho artesanal e independente foi sendo substituído pelo trabalho nas fábricas.

A partir do século XVII, os pobres, os desvalidos e os loucos, antes considerados criaturas de Deus, cuja existência era justificada como necessária para proporcionar aos ricos a oportunidade de exercer a caridade, começaram a ser vistos como agitadores, desordeiros e passaram a ser recolhidos em “casas de correção” ou “*workhouses*”. Nestes locais, o “tratamento” ministrado eram os trabalhos forçados, o que se acreditava ser a cura para as inquietações sociais. De acordo com Foucault, “*a miséria não é mais considerada numa dialética da humilhação e da glória, mas numa certa relação entre a desordem e a ordem que a encerra numa culpabilidade*” (Foucault, 2000: 58)

O internamento, praticado na Europa a partir do século XVII até o século XVIII, embora pautado em preocupações morais como o “*esmorecimento da disciplina e a frouxidão dos costumes*” (Idem: 74), de acordo com Foucault “*...foi exigido por razões bem diversas da preocupação com a cura. O que o tornou necessário foi um imperativo do trabalho*” (Idem: 64). A prática do internamento “*...constitui uma das respostas dadas pelo século XVII a uma crise econômica que afeta o mundo ocidental em sua totalidade...*” (Idem: 66).

O mecanismo do internamento pode ser descrito *grosso modo* como útil em qualquer situação: em tempos de crise, internava-se para prevenir agitações e aumentar a produção e, em tempos de prosperidade, quando os salários são mais altos, garantia-se a mão-de-obra barata dos internos para a produção. O trabalho para as camadas subalternas tornara-se compulsório.

Carmo afirma que é no século XIX que os discursos religiosos e moralizantes sobre o trabalho vão sendo substituídos por doutrinas mais elaboradas como o liberalismo, que defendia a “liberdade” do trabalhador para vender sua força de trabalho, ou sua crítica, o marxismo, que alegava que o trabalhador “*aliena sua força de trabalho para gerar riquezas privadas*” (Carmo, 1992: 38) das quais nunca vai desfrutar.

A próxima mudança significativa, ocorreu no século XX. Até então, as ferramentas eram produzidas em conformidade com as necessidades do homem. A partir deste momento, em função dos novos modelos de produção mecanicista, o homem é quem tinha que se adaptar às máquinas.

Com o intuito de superar as dificuldades dos trabalhadores na interação com as máquinas e, conseqüentemente, aumentar a produção, surgiram novos conceitos, “científicos”, de racionalização da produção: o taylorismo, que fragmentou as diversas etapas da produção em tarefas muito simples e repetitivas, cujo tempo de execução era cronometrado a fim de se evitar o tempo perdido e os movimentos desnecessários, e o fordismo, que se seguiu ao taylorismo, e instituiu a esteira na linha de montagem, aumentando ainda mais a mecanização e impondo ao trabalhador, que não se movia mais de seu lugar na fábrica, o ritmo da máquina. O trabalhador era visto como mais uma peça na engrenagem da fábrica e, mais ainda, peça facilmente substituível pois, por executar apenas uma parcela ínfima de todo processo, dispensava qualquer qualificação, podendo ser substituído a qualquer momento por outro trabalhador, igualmente sem qualificação.

A mudança seguinte nas relações de trabalho se deu em função da incapacidade do fordismo e do taylorismo manterem uma mão-de-obra estável e produtiva. A rotatividade dos empregados era altíssima e isto limitava a produção. Ao privilegiar os aspectos fisiológicos e técnicos das linhas de produção, sem abordar os aspectos psicológicos dos trabalhadores, o fordismo não obteve meios para solucionar problemas como a apatia, a desatenção, o tédio e o conflito entre os empregados e os patrões, surgidos após a implantação de sua administração.

Na tentativa de superar essa limitação, entraram em cena os estudos das relações humanas que apontaram para a necessidade de serem atendidos os aspectos emocionais da vida do trabalhador. Em suma, para produzir mais, o fator humano não poderia continuar a ser negligenciável.

A estratégia para elevar os níveis de produtividade seria a de aliar as necessidades sociais dos trabalhadores à estrutura organizacional da empresa, fazendo com que estes se sentissem parte integrante e importante da mesma, cúmplices do processo produtivo. Dessa forma, *“a empresa, fazendo crer que seus interesses são coincidentes com os dos empregados, gera nestes o sentimento de participar dos objetivos da companhia, a qual, por sua vez, deve merecer seus esforços, contribuindo, assim, para seu sucesso econômico.”* (Carmo, 1992: 60) São implementados os chamados programas de qualidade¹⁷ no sentido de alcançar esse objetivo.

A última década do século XX, vem encontrar o trabalhador diante de uma crise do emprego. A automação e a informática, frutos da revolução tecnológica, elevaram os níveis de produtividade a patamares inesperados mas, em contrapartida, estão excluindo do processo produtivo contingentes cada vez maiores da população. Muitas profissões deixaram de existir num período de 20 anos. Outras surgiram e desapareceram neste mesmo período. Os trabalhadores que continuam inseridos nos

¹⁷ Cf. Búrigo (1997). Os nomes específicos dos diversos programas não são relevantes para esta pesquisa. O que quero enfatizar é que, nessa fase, a gerência empresarial percebe que não há como crescer, expandir-se ou ser produtiva sem a colaboração irrestrita dos empregados.

contingentes produtivos, cada vez mais tem que se esforçar para se manterem empregados. De acordo com Aued (1999) *“é cada vez mais visível o tormento de quem está desocupado, pois, (...) estar nessa condição não é ter o tempo livre para o lazer, é tensão diante de um futuro incerto, é medo, sentimento de fracasso e sensação de ser descartável.”* (Aued, 1999: 16)

Sennett (2000) compara as condições de trabalho atuais com as do período anterior, do pós-guerra (50-80), procurando demonstrar como as novas formas de organização do trabalho afetam a vida pessoal dos trabalhadores, promovendo o que ele chamou de *“corrosão do caráter”*. De acordo com ele,

“o termo caráter concentra-se sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. É expresso pela lealdade e o compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro (...) Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem.” (Sennett, 2000: 10)

Sendo assim, a formação do caráter depende da construção de laços sociais fortes, fruto das associações a longo prazo que são sustentadas pelas relações de confiança, amizade, fidelidade. Segundo Sennett, a globalização e o uso de novas tecnologias, marcas distintivas do novo capitalismo, ao introduzirem mudanças que podem ser traduzidas por *“não há longo prazo.”* (Idem: 21), fazem desaparecer as condições que favorecem a construção de relações baseadas na confiança, fidelidade e amizade. Para ele, *“as qualidades do bom trabalho não são as mesmas do bom caráter”*. (Idem: 21)

O bom trabalhador, adequado às novas organizações, deve ser flexível o suficiente para assimilar rapidamente qualquer mudança. A especialização flexível, qualidade valorizada no perfil do trabalhador atualmente, constitui-se, a meu ver, num paradoxo. A idéia de um especialista com a qual convivi durante minha vida pode ser descrita pelo chavão popular *“o cara que sabe cada vez mais de cada vez menos”*. A especialização flexível, no entanto, pode não permitir tal aprofundamento.

No campo dos trabalhadores altamente técnicos, a especialização flexível significa a troca frequente de aptidão durante o curso de sua vida profissional. Sennett afirma que um americano com dois anos de faculdade, deve esperar trocar de emprego onze vezes e de aptidão básica pelo menos três vezes, durante 40 anos de trabalho. Ao comentar sobre isso numa conversa entre amigos, um dos profissionais presentes me contou ter trocado cinco vezes de emprego e estar indo para sua quarta mudança de aptidão em 25 anos de trabalho.

Por outro lado, quando a mão-de-obra não é tão qualificada, a especialização flexível pode significar a impossibilidade do trabalhador vir a aprender qualquer coisa. Sennett exemplifica usando uma padaria automatizada onde o pão é feito por máquinas computadorizadas. O trabalhador que ocupa a posição de padeiro, agora dependente de programas de computador, aperta os botões de uma máquina para selecionar o pão que deseja que seja feito. Entretanto, quando a máquina não funciona, ele não apenas não sabe como consertá-la, como não sabe fazer manualmente o pão. Por trabalhar

apenas apertando botões de uma máquina, sem a menor noção de qualquer um dos processos, feitura do pão, construção da máquina ou criação do programa que ela executa, ele, na realidade, não se especializa em nada ou não sabe nada. De acordo com Sennett *“o trabalho não é mais legível para eles no sentido de entender o que estão fazendo.”* (Idem: 80) Nesta mesma padaria, há uma outra empregada que diz poder trabalhar em muitos lugares, como *“padaria, sapataria, gráfica, é só dizer, eu tenho as qualificações”* (Idem: 83). Sua afirmativa se baseia na convicção de que as *“qualificações necessárias”* não vão além de *“apertar botões.”* Para Sennett, a *“especialização flexível serve à alta tecnologia; graças ao computador, é fácil reprogramar e configurar máquinas industriais.”* (Idem: 60).

O autor enfatiza que outra habilidade necessária ao trabalhador atual é a capacidade de lidar com a fragmentação, nas chamadas *“ilhas de produção”*, partes integrantes dos arquipélagos de produção. Os arquipélagos de produção se caracterizam por organizarem-se de forma matricial, onde as ilhas são formadas para a execução de tarefas específicas. Findas as tarefas, dissolvem-se as ilhas e as competências (pessoais ou grupais), aglutinadas especificamente para aquelas tarefas, separam-se e se reagrupam em novas ilhas para execução das tarefas seguintes. Essa forma de organização é válida tanto para o trabalho dentro das empresas quanto para os prestadores de serviços.

Sennett afirma que *“capacidade de desprender-se do próprio passado, confiança para aceitar a fragmentação: esses são dois traços que aparecem (...) entre pessoas realmente à vontade no novo capitalismo.”* (Sennett, 2000: 73)

Diante da perspectiva de uns poucos se manterem empregados e muitos serem excluídos, começam a surgir algumas propostas de novas mudanças na concepção de trabalho. Propostas como a de Domenico di Masi que afirma ser *“preciso introduzir o teletrabalho e a semana brevíssima. Desse modo, modifica-se não só a organização do trabalho, mas também a da vida”* (Masi, 2000: 166), no sentido de diminuir a carga de cada trabalhador para garantir uma parcela do trabalho para todos, já que é do trabalho que extrai a subsistência.

Surgem também propostas como a de Enguita, (s/d apud Carmo, 1992)¹⁸, afirmando que *“o trabalho não será nunca o reino da liberdade, de forma que se torna necessário falar de uma cultura do ócio e do tempo livre”*, no sentido de educar os cidadãos para que o ócio não seja visto como sinônimo de inatividade ou improdutividade, mas como possibilidade de exercício da liberdade, de estudo, de lazer, de prazer e de criação.

“No processo produtivo, em que o ser humano transforma e é transformado, o trabalho, como ação humanizada, impõe assimilações em aspectos fisiológicos, morais, sociais e econômicos. É elemento chave na formação das coletividades e, portanto, dos valores que tais coletividades difundem.” (Zanelli e Silva, 1996: 21-22)

¹⁸ Mariano F. Enguita, “Tecnologia e sociedade: A ideologia da racionalidade técnica, a organização do trabalho...” In Tomaz T. da Silva (Org.) Trabalho, educação e prática social. Porto Alegre: Artes Médicas, s/d.

Ora glorificado, ora indigno, o trabalho se constituiu, indiscutivelmente, como um dos aspectos mais importantes da vida humana nos últimos séculos.

4. “*Uma História que Merece ser Contada*”

4.1 Os Primeiros Tempos

4.1.1 A Instalação da Empresa

A transferência da Eletrosul para Florianópolis, fez parte de um plano nacional implementado pelo Ministério das Minas e Energia, durante a gestão do ministro Shigeaki Ueki. A intenção era a de transferir a sede das diversas empresas de energia para suas áreas de atuação e, com isso, criar polos de desenvolvimento econômico regionais. No âmbito das empresas de energia elétrica, foram transferidas as sedes da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, CHESF, para Recife, das Centrais Elétricas do Norte do Brasil S. A., Eletronorte, para Brasília e da Eletrosul para cá.

Apesar de, historicamente, a mudança da empresa ser considerada como tendo ocorrido no primeiro semestre de 1976, o início da transferência da Eletrosul para a cidade se deu quando uma pequena equipe de funcionários, o Grupo de Trabalho e Transferência (GTT) se instalou no Ed. São Paulo, situado na R. Tenente Silveira, em 1975. Sua tarefa neste primeiro momento, era a de cadastrar os imóveis disponíveis para aluguel ou venda na cidade, de forma a atender à demanda que seria criada quando os empregados transferidos chegassem.

Os funcionários seguintes vieram do escritório de Porto Alegre, das áreas de manutenção das linhas de transmissão, de subestações, de Tubarão e, posteriormente, do escritório central no Rio de Janeiro.

Segundo informações recebidas, uma das alternativas que a empresa teria para se instalar, seria no recém inaugurado Ceisa Center. Apesar desta alternativa se mostrar interessante na época, em virtude do prédio estar pronto e com baixa ocupação, decidiu-se que a instalação da sede no centro não se configuraria exatamente como um estímulo ao crescimento e desenvolvimento da cidade.

Em virtude disso, o governo do estado doou uma área para a construção de uma sede numa região onde, naquele momento, existiam apenas a Universidade Federal de Santa Catarina e alguns bairros com baixa densidade populacional e poucas ruas calçadas, sendo a maioria ainda de terra.

A construção do prédio da empresa durou dois anos e, de acordo com depoimento, embora o projeto tivesse sido considerado arrojado na época, ele estava de acordo com um padrão arquitetônico adotado por outras grandes empresas públicas no Brasil naquele período, como, por exemplo, os prédios de Furnas e da Petrobrás, ambos no Rio de Janeiro. Em 1978, a sede ficou pronta e começou a mudança da empresa para o bairro do Pantanal.

Outra iniciativa adotada pela empresa, no sentido de estimular o crescimento urbano em direção à região onde o prédio havia sido instalado, foi a de comprar uma extensa área próxima ao local, lotear e construir casas para oferecer aos empregados que as quisessem comprar. Essa área ficou conhecida como o Condomínio da Carvoeira.

4.1.2 A Adaptação à Florianópolis

As falas de meus informantes deixaram clara sua adaptação à vida na cidade de Florianópolis e seu desejo de aqui permanecer.

“...a gente sente, sentiu também, que não queria mais sair daqui (risos). Essa ilha é boa demais, né? (...) foi assim na realidade, um encantamento... rápido... Os dois, né?” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“Olha, se você quer o emprego, tá é a Eletrosul, mas é no Rio. No Rio não quero, não quero cidade grande.’ Não mas é que vai pra Florianópolis, Florianópolis é cidade boa. Aí eu resolvi, bom já que vai. (...) pra Florianópolis...” (Entrevista - Homem - aposentado)

“...eu estive em viagem de reconhecimento (...) nós gostamos daqui. Nós achamos o lugar um espetáculo. (...) Foi fantástico ter vindo para cá... Ninguém quer voltar.... Mas a adaptação aqui... foi fantástica, fantástica.” (Entrevista - Homem aposentado)

É relevante mencionar a adaptação destes sujeitos à cidade porque acredito ser este um fator crucial em suas vidas. As limitadas possibilidades de recolocação no mercado de trabalho que a cidade tem, ou tinha, para oferecer para alguns desses profissionais após sua aposentadoria ou demissão, tornou a forte ligação com a cidade, a meu ver, num fator agravante da situação de tensão à qual estiveram, ou estão, submetidos esses ex-empregados e seus familiares.

“...eu fujo dessa idéia de... por exemplo, voltar para o Rio de Janeiro, não... é uma coisa que nem me passa pela cabeça.” (Entrevista - Homem aposentado)

Acho particularmente significativo o trecho em que uma entrevistada diz que, após a aposentadoria do marido e a conseqüente queda do padrão de vida, fizeram “tudo” para não terem que sair da cidade. “Fazer tudo”, nesse caso, significa aceitar fazer concessões anteriormente nem imaginadas.

“Então, isso aí foi uma decisão assim, que a gente fez mesmo tudo pra ficar aqui. (...) a gente não pensa em ir embora daqui.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Minha consciência, no entanto, me obriga a mencionar que esta análise pode estar sendo muito influenciada pela minha própria experiência. Atravessei uma longa crise de depressão durante o período em que moramos na cidade de Campinas, em São Paulo. Foi impossível, para mim, superar a saída de Florianópolis. Só me recuperei quando, após um ano e meio, voltamos para cá.

¹⁹ Yi Fú Tuan. Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo, Difel, 1980.

O envolvimento com a cidade, com o espaço físico, a topofilia, foi mencionada por Lago (1996a) em seu livro. Nele, ela usa as palavras de Tuan para descrever a topofilia: *“Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal... Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.”* (Tuan, 1980, apud Lago, 1996a: 23)¹⁹. Entretanto, creio que o envolvimento dos migrantes com a cidade abarcou, além do espaço físico, todo um modo de vida e de relacionamentos, pessoal e de trabalho.

4.1.3 Uma Grande Família

A fato dos funcionários e suas famílias terem se deslocado de vários pontos do sul e sudeste do Brasil para sediarem-se aqui, aliado a uma certa resistência de alguns segmentos dos habitantes da cidade, facilitaram a aglutinação dos recém-chegados em um grupo de coesão bastante acentuada, mais tarde caracterizado como uma “família”. A própria concepção de ‘sede’ da empresa só surgiu a partir da vinda para Florianópolis. Até então, haviam subestações, usinas, escritórios descentralizados e o escritório central, no Rio de Janeiro.

“...lá era escritório central, não era chamado de sede, no Rio de Janeiro. Aí a sede passou a ser aqui em Florianópolis. (Entrevista - Homem aposentado)

A resistência por parte dos moradores da cidade aos migrantes logo se fez sentir:

“No Rio de Janeiro nós éramos mais um, dentro de milhões de habitantes, aqui não, aqui nós passamos a ser conhecidos como os “Eletrosuis”. Isso... essa... esse... codinome... Essa identidade... já começou a nos afastar. Mesmo que nós quiséssemos nos chegar, nós já éramos quase que afastados por isso. E a mídia... fez muita questão de marcar isso. Eles repisaram isso, seguidamente. O autor desse... dessa coisa... é o Celso Pamplona. O falecido Celso Pamplona, que era um colonista aqui da cidade, muito conceituado. Foi ele que nos cunhou com esse “eletrosuis”, sabe?” (Entrevista - Homem aposentado)

Porém certas atitudes tomadas por alguns dos recém-chegados também não favoreceram em nada a boa receptividade pela população da cidade. Muito pelo contrário, deveu-se a elas uma parcela considerável de responsabilidade pela rejeição que os “eletrosuis” sofreram de alguns segmentos da sociedade local. Uma parcela dos migrantes adotou posturas consideradas arrogantes ou preconceituosas até mesmo pelos seus próprios colegas, em relação aos costumes da população local.

“Eu não vou dizer que nós não tínhamos colegas que contribuíram seriamente para criar uma imagem negativa da gente. Tivemos sim, gente que chegou aqui despreparada, altamente despreparada, e que entrava nas lojas e que queria esfregar os contracheques na cara dos comerciantes e que queria isso, queria crédito, queria vantagens porque era empregado da Eletrosul (fazendo pose). Mas isso foi... é patético. Não fomos todos que fizemos isso e talvez por isso a gente depois tenha acabado se entrosando aqui na cidade e hoje, nós somos tidos como mais um... mais um florianopolitano, graças a Deus.” (Entrevista - Homem aposentado)

Esses sentimentos de rejeição, de parte a parte, com o passar do tempo foram resolvidos, na medida em que os transferidos que não se adaptaram voltaram para suas cidades de origem e os que

ficaram se entrosaram perfeitamente à vida e aos hábitos de Florianópolis. Os conflitos ocorridos nos primeiros tempos passaram a fazer parte do folclore e do anedotário da cidade.

Em dezembro de 99, durante as comemorações dos 30 anos da Eletrosul, os funcionários da empresa encenaram a peça teatral “Meus Inesquecíveis 30 anos” que relembrou os acontecimentos mais marcantes da história da Eletrosul em Florianópolis. Sua autora, a professora Carmem Lúcia Fossari escreveu-a a partir dos relatos dos empregados sobre os mais variados episódios desse período e disse ter procurado

“...mostrar desde o choque cultural causado pela chegada dos primeiros funcionários vindos do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, que resultaram em momentos trágicos e cômicos, até o “boom” turístico e imobiliário, fortemente relacionado à implantação desta estatal na, até então pacata, Ilha de Santa Catarina.” (Jornal da Eletrosul, encarte especial 30 anos, março/99).

Em um de seus quadros a peça retratou a “Barbearia do Mundinho”, situada em local próximo à sede, onde vigoravam dois preços, um para os clientes comuns e outro “especial”, mais caro, para funcionários da empresa, os “eletrosuis”.

Outros fatores também foram importantes, senão para a construção e manutenção dessa idéia de família, ao menos para a percepção pelos empregados e seus familiares de que o vínculo com a empresa os caracterizava como um grupo específico, coeso e distinto do resto dos moradores da cidade.

A construção da sede no bairro do Pantanal incrementou um movimento, também fortalecido pela presença do Campus da UFSC na região, de valorização e ocupação das áreas do entorno, até então sem grande densidade populacional, em função dos empregados e suas famílias terem se concentrado maciçamente nesses locais (Pantanal, Carvoeira, Tercasa, Saco dos Limões, Jardim Anchieta, Santa Mônica e Trindade) nos anos seguintes. Isto levou os funcionários da estatal a um convívio diário de vizinhança.

A criação de uma associação dos empregados, com um clube de uso exclusivo e, posteriormente, de uma cooperativa que comercializava produtos em condições especiais e a preços mais baixos que os dos supermercados da cidade, também estão entre os fatores determinantes do isolamento.

Por força das circunstâncias, empregados e seus familiares foram submetidos a uma constante interação, que transcendia ao prédio da empresa e ao horário de trabalho, e afetava situações cotidianas que, em condições normais não excluiriam outros segmentos da população, como idas ao supermercado e atividades de lazer.

“Nós também passamos a viver um mundinho todo nosso. Dentro daquela redoma ali, sabe? A sede, ela se virou uma redoma.” (Entrevista - Homem aposentado)

O próprio nome do bloco carnavalesco criado numa das redes de sociabilidade que reunia parte dos migrantes na cidade, indica a situação vivida naquele momento: Consulado do Samba. Ou

seja, um posto avançado, uma parte de um outro território, aqui instalado, porém ainda não integrado.

“Aquele mundinho nosso ali, tudo nosso. Num primeiro momento, eu acho até que era alguma espécie de defesa pela rejeição que a gente sofria de alguns segmentos da cidade. Não do povo todo...todo mundo, não, não, mas alguns segmentos. A gente não conseguia participar de algumas coisas aqui em Florianópolis, sabe? Florianópolis tinha a sua... a sua... classe média, sua... intelectualidade, a sua elite que não admitia muito, até hoje não admite... Também era corporativa pelo seu lado. Nada, nada contra... tudo bem, né? Só que para você penetrar nessa sociedade, ser aceito por essa elite, não é uma coisa muito fácil, era uma coisa meio complicada.” (Entrevista - Homem aposentado)

Além dessas contingências, a empresa atuou na prática de outras formas para estimular a criação ou manutenção da idéia de família. Como já vimos anteriormente com Carmo, esta era a estratégia adotada pelas empresas neste período, como forma de obter, senão a cooperação total do empregado, pelo menos o máximo possível que, naquele momento do desenvolvimento das relações de trabalho, era a única forma de conseguir mais produtividade.

“A empresa se apresenta como família, cuja equipe é capaz de proporcionar um novo lar, dando proteção social e emocional para o indivíduo. Explora, assim, a sua necessidade de segurança, afeto, prestígio e auto-realização. Em retribuição, a empresa espera ser recompensada com uma força de trabalho dedicada, esforçada e satisfeita.” (Carmo, 1992: 60)

Com o objetivo de integração dos empregados e familiares, a cada 4 anos, estes eram convidados a participar das Olimpíadas da Elase (Associação dos Empregados da Eletrosul). Os que concordavam em participar o faziam defendendo as cores da diretoria na qual estavam lotados. Esses jogos mobilizavam um grande contingente de participantes e assistentes empolgados. Entretanto, com o passar do tempo e a repetição dos jogos, foi se criando um clima de rivalidade entre as equipes (diretorias) que, às vezes, extrapolava o contexto da olimpíada.

Como estratégia para diminuir a permanência dessa rivalidade, o comitê organizador passou a dividir a chamada “grande família elaseana” não mais em função das diretorias, mas em equipes representadas por cores, nas quais os participantes ingressavam por meio de sorteio. Dessa forma, as equipes olímpicas passaram a ser compostas pelos integrantes dos quadros das várias diretorias, recombinações aleatoriamente a cada nova edição do evento.

Os primeiros anos da empresa em Florianópolis, foram descritos pelos informantes como um período de bastante trabalho, porém com o sentimento de que este era relevante e recompensado. As condições de vida dos empregados e seus familiares foram caracterizadas por eles como um período de progresso pessoal e econômico, de aumento da capacitação profissional, de formação e consolidação de patrimônio, de construção e fortalecimento de relações sociais, sendo tudo permeado por sentimentos de tranquilidade e segurança.

“...quer dizer, os primeiros anos de Eletrosul foram fantásticos porque a gente só se preocupava em trabalhar. Não tinha nenhuma outra preocupação que não fosse trabalhar e cuidar da família, dos

filhos... e cultivar as amizades e viver nessa coisa que eu sempre considerei um paraíso.” (Entrevista - Homem aposentado)

4.2 Os Tempos Árduos

4.2.1 As Mudanças Externas

Ao fim do período da ditadura militar, o perfil da empresa começou a se modificar. Até então a Eletrosul, segundo depoimento, era considerada empresa modelo no setor elétrico e havia sido responsável pela construção e operação de usinas hidro e termelétricas no sul do Brasil, além da transmissão da energia gerada por essas usinas para as diversas cidades das regiões sul e sudeste.

Nesse momento teve início no Brasil um movimento incipiente de esvaziamento das empresas estatais, de preparação para o “enxugamento” e posterior venda à iniciativa privada, adequando a estrutura do governo ao estado mínimo, com vistas a atender às diretrizes do modelo econômico neoliberal. Para isso, várias medidas começaram a ser tomadas. Entre elas estavam as propostas de alteração nas leis de estabilidade dos funcionários das estatais, a mudança das regras em relação ao tempo de serviço para aposentadoria, a diminuição dos investimentos nas empresas e o surgimento dos planos de incentivo à demissão. No caso específico da Eletrosul, esse período significou o fim dos investimentos no setor e conseqüente abandono dos projetos de construção de novas usinas. Uma das falas de meus entrevistados explicita o sentimento de decepção que ocorreu entre os empregados naquele momento:

“Aí aconteceu uma coisa que, a meu ver, foi o que (...) começou esse problema da Empresa, sabe... mudar, mudar. Foi o seguinte: a Eletrosul como empresa responsável pela transmissão e distribuição de energia elétrica na região sul do país, ela nos seus primeiros dez, quinze, vinte anos, ela tinha (...) que estar construindo. Sabe? Construindo. Ela construiu Passo Fundo. Ela construiu Salto Osório, construiu Salto Santiago. Mas tinha mais... ela já tinha que ter construído Itá, já tinha que ter construído Machadinho, tudo isso já tinha que ter acontecido. Então, esse ritmo... aquela equipe de trabalho que ela formou, que ela treinou, que ela preparou... A Eletrosul é a empresa modelo do setor... e vinha num pique fantástico. Com todas essas usinas e tal... Isso tinha que ter continuado. Mas não teve continuação. Não apenas porque a empresa precisava trabalhar e... mas porque o Brasil precisava disso, né? O Brasil precisava disso. Nós estivemos aí sempre na iminência de... estamos até hoje, de ter problemas sérios de racionamento... de energia, essa coisa toda, porque não havia, e não há ainda, (...) o atendimento... nós temos uma demanda, não só uma demanda reprimida mas tem uma demanda já instalada, uma demanda que está aí, que nós temos que construir. (enfático). Não tem jeito, tem que se buscar essas alternativas energéticas (...)mas parou. A empresa parou de construir. E com isso, as pessoas começaram a não ter o que fazer. E começaram a se preocupar com outras coisas que não tinha nada a ver com aquilo que nós fizemos durante muitos anos.” (Entrevista - Homem aposentado)

As mudanças econômicas tiveram impacto direto e imediato nas condições de trabalho e no relacionamento com a empresa, e posteriormente, nas relações pessoais entre os funcionários. O fim dos investimentos em construções de usinas, deixou parte dos empregados sem tarefa definida. A fala dessa informante dá conta da sua perplexidade diante dessa situação.

“Então, o (nome) ...ficou dez anos na Eletrosul, escrevendo de manhã e apagando de tarde para escrever no outro dia, porque não tinha projeto, era tudo amarrado, não tinha verba para nada, eles não faziam nada.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Concomitantemente, havia a difusão na mídia de uma imagem das estatais como deficitárias e onerosas ao país por estarem inchadas de funcionários. Os empregados de estatais começaram a deixar de ser vistos como profissionais competentes e valorizados, para transformarem-se nos vilões que “mamavam nos cofres públicos.” Para os empregados da Eletrosul esse foi o início do seu reconhecimento social na cidade pelo apelido de “marajás da Eletrosul”.

“Se você for olhar hoje, o meu nível de renda e o dessas pessoas atingidas, ele não chega a 50% (...) e aí vem uma cidade inteira te chama de marajá? Ah! Brincadeira, brincadeira! Não é mole.” (Entrevista - Homem aposentado)

Considero muito interessantes algumas falas nas quais, mesmo se dizendo contrários ao período de ditadura militar que o país enfrentou, alguns entrevistados comparam certas posturas ou atitudes dos governantes militares com as dos governantes do período pós-militar, com vantagem para o período militar. Por exemplo, a percepção de que as decisões tomadas pelos dirigentes no período militar obedecia a critérios técnicos, considerados pelos informantes como corretos, e não políticos²⁰ ou patrimoniais.

“...eu fiz e faço parte até hoje do sindicato dos eletricitários, justamente pela dificuldade que houve com a mudança da empresa, certo? (...) quando eu fui admitido, ainda era na época da ditadura... faço um esclarecimento que (...) eu nunca fui favorável à ditadura mas faço justiça à ditadura... (...) o pessoal que trabalhou em empresas estatais e que eram técnicos, que era o meu caso, a gente não tinha problemas. Porque se estava desempenhando bem a sua função, você era reconhecido por executar aquela função técnica para qual você foi contratado e nesse período, eu não tive nenhum aborrecimento. Agora o período que veio... o reestabelecimento da democracia, (...) as estatais, como todo mundo sabe, viraram cabide de emprego dos políticos. Infelizmente, a Eletrosul estava transferida aqui para Santa Catarina e virou cabide de emprego de políticos e... geralmente... que tinham fracasso na sua vida política. Não se elegiam e passavam a ser presidente ou diretor da Eletrosul.” (Entrevista - Homem aposentado)

“...depois do retorno do Brasil à democracia, a postura nas empresas estatais e principalmente na nossa, foi mudada. Então as nomeações e as coisas eram mais políticas do que técnicas.” (Entrevista - Homem aposentado)

“A Eletrosul começou a ir mal no momento que começaram a botar... botar políticos... reconhecidamente, só políticos. Porque o Dr. Telmo era político mas era um... um técnico. E tocador de obras....(..). Porque sem as amizades, sem o círculo político... isso é uma coisa que tem um peso muito grande aqui em Florianópolis. Essa coisa é... ela funciona no Brasil inteiro, mas em cidades menores como é o caso de Florianópolis isso é muito mais marcante, né? A política interferindo na vida do cidadão... interferindo na vida das instituições. Pessoas incompetentes sendo colocadas em posições... que elas não poderiam estar porque não tem conhecimento do assunto... sabe? Pela força da política. Pela força da política.” (Entrevista - Homem aposentado)

²⁰ Político aqui entendido como político-partidário, sujeito ao clientelismo.

Essa avaliação pelos empregados de que no período militar a situação de trabalho era melhor, pode ser explicada pelo fato de que o período militar foi, efetivamente, de instalação e consolidação da infra-estrutura energética e de comunicação, necessárias ao desenvolvimento do parque industrial brasileiro, portanto, período de grande valorização do pessoal técnico necessário à execução da tarefa. Situação na qual se incluem os entrevistados dessa pesquisa.

Em contrapartida, as mudanças econômicas que impuseram a estagnação da empresa, fizeram com que alguns desses funcionários, altamente especializados, ficassem sem ocupação definida, ou mesmo sem ocupação, enfrentando a sensação de “desvalorização” de seu trabalho, o que, como apontou Nolasco (1995), implicaria no sentimento de desvalorização pessoal. A falta de tarefas relevantes, preocupações, prazos a cumprir, em suma, os signos de produtividade, levou muitos desses homens a experimentarem sensações de perplexidade e angústia. A “grande família” sofreu nesse momento seu primeiro abalo.

4.2.2 As Greves

De acordo com Carmo, *“quando o grau de exploração atinge níveis elevados, os descontentamentos explodem com mais vigor e as máscaras patronais sustentadas por longos anos despencam.”* (Carmo, 1992: 62)

A política de “esvaziamento” das estatais empreendida pelo governo, provocou algumas reações por parte dos empregados. Com o fortalecimento dos sindicatos e associações profissionais, eclodiram greves cujos propósitos eram a defesa dos salários dos funcionários e dos direitos adquiridos por estes. Além disso, também havia por parte dos funcionários e sindicatos, ações com vistas à chamada defesa do bem público, no caso a empresa, contra o que consideravam os desmandos dos políticos que haviam assumido seu controle. Uma das iniciativas nesse sentido ocorrida na empresa, foi uma greve de gerentes com o objetivo de pressionar o governo a substituir um presidente, considerado por eles inadequado para o cargo.

“E... mas... aí depois, todos vocês conhecem, a estória da Eletrosul,... nós fizemos um movimento... 172 chefes, na ocasião, se recusaram a trabalhar com Dallagnol. Porque nós éramos técnicos, como eu disse, e não estávamos acostumados às questões políticas. As questões políticas eles deviam resolver lá por cima e não misturar técnica com posições políticas. Então, nós fizemos um documento em que pedimos à Eletrobrás, da diretoria da Eletrosul, (que retirasse) ...inclusive o seu presidente, que era o (nome). Eu tenho guardado até hoje esse documento, e a gente pode constatar que daquelas 172 assinaturas, depois de um certo tempo nenhum deles ficou mais com cargo de chefia. Mas isso a gente também sabia, na hora que a gente fez. A gente sabia que podia ter represália, que podia... as nossas funções estarem sendo tiradas. Mas o que era correto, e como técnicos, nós achamos que o correto era a gente preservar a empresa. E foi isso que a gente visou. Mas custou muito caro para mim e para todos que... assinaram o documento. Então,... foi uma experiência que nós tivemos e eu não me arrependo de nada do que a gente fez, não faria diferente e... só gostaria de ter podido ficar sempre como técnico e não tendo esses problemas políticos aí no meio.” (Entrevista - Homem aposentado)

“A empresa foi criada pelo governo, mas ele não é dono da empresa, o dono da empresa somos todos nós. Mas, alguém tem que administrar... eu, como gerente, sempre entendi que fazia parte da...”

dessa administração e que tinha, num momento de crise, fosse ele qual fosse, a obrigação de defender a empresa (...) Nós saímos todos do prédio para a rua. E saímos todos inclusive os gerentes. Todos, todos.... (Entrevista - Homem aposentado)

Gostaria de chamar a atenção para estas duas falas. Nelas, penso que podemos “ouvir” duas coisas. A primeira e mais evidente, já foi mencionada anteriormente: a oposição conflitante entre o âmbito técnico e o político. A segunda, penso que menos evidente, está no fato de que estes homens em suas falas se posicionaram em relação à empresa como *protetores*. Eles usaram palavras como preservar, defender, tendo, inclusive, um deles mencionado o custo desta defesa. Não me recordo exatamente das palavras pronunciadas pelos homens no ritual do casamento mas creio que é algo parecido com amar, respeitar, *proteger*... Mais tarde voltarei a esse ponto.

Além desse movimento, outras greves eclodiram durante esse período, com o intuito de garantir que os reajustes dos salários acompanhassem suas perdas salariais. Entretanto, houve uma greve que foi citada pelos entrevistados como o estopim de detonou uma ruptura na coesão interna, e que determinou o fim de um período e o início de outro.

4.2.3 As Rupturas

Curiosamente, apesar de ter sido mencionada por vários depoentes, não há precisão sobre a data da ocorrência dessa que foi a maior greve já posta em andamento pelos funcionários da empresa. Foi citada como tendo ocorrido em 86, 88 e 90. Apesar da discrepância nas datas, todos se referem à mesma greve, aquela que incluiu uma greve de fome por parte de um grupo de empregados. Como se pode ver mais tarde, essa foi uma opção desastrosa.

Segundo depoimentos, a empresa estava irredutível, sem aceitar nenhuma negociação com o sindicato. Essa irredutibilidade levou o sindicato a propor o recrudescimento da greve e, em uma assembléia, surgiu uma proposta de greve de fome, como tentativa de sensibilização da opinião pública e conseqüente pressão para o início da negociação. A discordância entre os funcionários quanto à implementação ou não dessa greve, agravou as tensões entre os próprios grevistas e entre estes e os não grevistas. Ainda assim, alguns funcionários aceitaram participar e a greve de fome foi levada a cabo.

Os objetivos da greve, entretanto, não foram atingidos. A sociedade local criticou duramente os grevistas, a mídia cobriu o episódio, muitas vezes, com matérias cujo tom era irônico, a empresa continuou a se negar a negociar e a greve chegou a um impasse. A solução chegou quando um membro da direção nacional do sindicato veio à cidade e convenceu os empregados a darem fim na greve.

“ Eu não sei precisar a data... eu sei que foram 36 dias, isso eu me lembro. Aí, terminou a greve. A greve que terminou numa forma... melancólica. Porque o pessoal resolveu fazer uma greve de fome e isso não tem nada a ver (...) E era um absurdo, era um absurdo”. (Entrevista - Homem aposentado)

Foi após o retorno dos funcionários à empresa que o impacto dos últimos acontecimentos se fez sentir, tendo atingido em cheio as relações de trabalho dentro da empresa e, conseqüentemente, as relações sociais fora da empresa. Todos os depoimentos são unânimes ao mencionar esse momento como marcante na vida da empresa.

“Olha, foi a greve mais longa que nós tivemos, eu não sei te dizer, precisar, mas foi uma greve de praticamente um mês, no final, 86, aí no final pessoas fazendo greve de fome, certo? E foi uma coisa muito marcante (...) E esse confronto foi pode-se dizer que foi um “divisor de águas” dentro da empresa.” (Entrevista - Homem aposentado)

“Bom... aí em 88, aconteceu uma greve... que aí... (...) Eu sei que ali aconteceu um divisor de águas muito grande. Essa greve trouxe com ela essa consequência triste. Ali começou a acabar um pouco... daquela amizade, (...) Por que aí começou, sabe? (...) romperam definitivamente. Gente que era amigo assim, compadre. Pôxa vida. Eu até hoje, tenho um ou dois aí, não vou citar nomes, não interessa, que nunca mais falaram comigo, que eram meus amigos. Amigos... (...) que lá na Elase estavam sempre junto, às vezes jogando bola, contando uma piada, tomando uma cerveja, sabe? E que nunca mais falaram (...) isso deixou sequelas, deixou cicatrizes na gente. Deixou cicatrizes, sabe? Foi violento.” (Entrevista - Homem aposentado)

“Só que aí... voltamos... (da greve) o pessoal que estava lá fora voltou... a trabalhar e começou um período... pior do que quando nós estávamos na greve. Por que quando estava uma turma lá fora e outra dentro, a coisa foi mais ou menos meio a meio, a gente... não se falava, praticamente, não se via. Mas desde o momento que terminou a greve, passamos a nos ver e a nos falar, e aí como é que faz?” (Entrevista - Homem aposentado)

A relação entre os empregados começou a tornar-se insustentável e mudou de vez o quadro de “grande família” cultivado anteriormente. Quadro cuja fragilidade é exposta quando a filósofa Maria Aparecida Rhein Schirato, que pesquisa as relações trabalho-empregado, em entrevista à Revista Veja, afirma que

“Empresa não é família. Aliás, não conheço nenhuma família que corte 20% dos seus membros quando entra em crise. Família divide o bife, põe mais água no feijão e não demite os filhos.” (Schirato, Revista Veja, 14 de abril, 1999, pág. 13)

Outra consequência dessa greve foi o esvaziamento do sindicato e da associação dos empregados. Nenhuma outra greve, depois dessa, conseguiu a adesão significativa de funcionários.

Essa greve foi vista por alguns como, de certa forma, prestando um grande serviço aos propósitos do governo. Um depoimento deu conta de que os períodos de estagnação da empresa e de fortalecimento do sindicato foram estratégicos para o governo, porque na hora que ele quis, num só episódio, provocou a “quebra das pernas de todo mundo” (Depoimento - Homem empregado), empregados e sindicato. Assim foi percebido esse momento, como de ruptura entre os empregados, entre os empregados e a empresa e entre os empregados e o sindicato. O ambiente de trabalho “era péssimo, era péssimo.” (Entrevista - Homem aposentado)

No aspecto emocional, a ruptura significou a percepção de que ali não havia mais “família”. Nem “mãe” nem “irmãos”.

“...a greve de 88 foi o grande divisor de águas. O grande divisor de águas, sabe? Até ali, nós éramos uma família. A partir de 88, nós deixamos de ser todos uma família, passamos a ser duas famílias, praticamente. A que aderiu à greve e a que não aderiu.” (Entrevista - Homem aposentado)

Segundo outro depoimento, o espírito dos empregados fora dobrado de tal forma e as relações entre eles ficaram tão abaladas, que o caminho ficou aberto ao novo período de mudanças, no qual foram implementadas as ações de enxugamento da empresa.

4.2.4 “A Guerra Fratricida”

“...a greve de 90... a partir daquele momento se desbaratou... começou uma guerra fratricida.” (Depoimento - Homem empregado)

Segundo os depoimentos dos informantes, a estratégia básica da empresa era a de criar o pior ambiente interno possível, com vistas à desistência pelo funcionário, de sua condição de empregado. Algumas das ações concretas, levadas a cabo pela direção da empresa para promover o que foi chamado por um depoente de “*deterioração do ambiente interno*”, foram a instituição do cartão de ponto e o controle rígido de frequência. Para alguns pode parecer bobagem, mas algumas das queixas que ouvi vieram de profissionais cujo trabalho era basicamente intelectual, para quem o controle do horário e da frequência se configurou como sendo apenas um constrangimento, sem nenhum fim prático, visto que “pensavam” a qualquer hora do dia ou da noite e que a eventual ausência durante o horário normal de trabalho poderia ser compensada em outro horário.

Outra das atitudes tomadas pela direção, foi a do desrespeito à estabilidades mínimas, como por exemplo, o local da mesa de trabalho. A partir de 90, a empresa passou a trocar todo mundo de lugar permanentemente, o que é percebido por alguns funcionários como uma maneira de lembrá-lo constantemente que ele não é estável.

Porém, segundo depoimento, a atitude de mais impacto, foi a de descartar-se do “lixo” ou “limpar o prédio.” Nessa ação, móveis e documentos a serem descartados foram empilhados e deixados expostos no hall da sede, como um monumento aos novos tempos. Seu efeito moral, de acordo com esse depoimento, foi fulminante.

“Uma das coisas que foram jogadas fora, e que o pessoal mais sentiu, foi a memória do trabalho que estava armazenada nos armários. Basicamente, o trabalho das pessoas.” (Depoimento - Homem empregado)

Quando ouvi estas histórias, percebi que o impacto das ações práticas adotadas pela administração da empresa, objetivava atingir os sujeitos muito mais profundamente do que a princípio poderia parecer.

De acordo com o depoimento acima, as medidas tomadas pela empresa foram percebidas por parte dos empregados, sujeitos cuja identidade está imbricada com a idéia de trabalho, como equivalentes à “*seu trabalho não me interessa, pode ir para o lixo*” e, portanto, “*você não me interessa*”. No momento

em que eles ainda estão sob o impacto dessa constatação, a empresa oferece um Plano de Demissão Voluntária (PDV).

A interpretação de que essa ação visava atingir os sujeitos emocionalmente, está explícita na afirmação de um empregado quando diz que “*se o sujeito não está muito bem de cabeça (seguro de si), adere mesmo (ao PDV).*” (Depoimento - Homem empregado)

O efeito das ações práticas, portanto, foi além de simplesmente alterar a forma de organizar o trabalho e a empresa, atingindo em cheio a imagem que cada um fazia de si.

Em seguida a esse período de grande pressão interna, a empresa ofereceu um PDV, que, segundo um informante, é uma forma de “*capitulação honrosa*” (Depoimento - Homem empregado).

Ao agregar a palavra honrosa ao termo capitulação, a intenção é claramente colocar honra onde não havia antes. Com efeito, Pitt-Rivers (1992) informa que desonroso não é ser derrotado, desonroso é não lutar. Mas contra o que é possível lutar nessa situação? Contra a demissão não é, já que não há opção, é sair ou sair. Ao optar pela demissão voluntária, o empregado adquire compensações econômicas, conseqüentemente, esta configura-se então como a escolha lógica e razoável. Se esta é a escolha lógica e razoável, e lógica e razão são tidos como atributos do masculino em nossa cultura, por que a demissão voluntária não é percebida por eles como “a escolha lógica, razoável e financeiramente compensadora” e sim como uma “capitulação honrosa”? A meu ver, o uso da expressão “capitulação honrosa” significou que agir de acordo com a razão e a lógica, para eles não foi suficiente para dar conta dessa questão satisfatoriamente.

Segundo Pitt-Rivers (1992: 9) “*os componentes da honra variam de acordo com a classe social (...) grupos sociais e entre profissões, comunidades ou regiões*”. A “capitulação honrosa” nesse caso, poderia estar ligada ao fator profissional, por exemplo. Os sujeitos aos quais me refiro eram profissionais reconhecidamente competentes, com funções de responsabilidade, e que, senão toda, a maior parte de suas carreiras foi dedicada ao serviço público, o que lhes garantia estabilidade no emprego. Nessas condições, as únicas demissões ocorriam por justa causa (agressões, desonestidades), visto que até um funcionário especialmente incompetente, poderia ser transferido para outro lugar ou função. Ser demitido então, se traduzia como uma mancha no caráter do sujeito. Nesses novos tempos de demissões em massa, os sujeitos para os quais essa lógica é operante, ainda que cientes de que a razão dos cortes se apoie em diretrizes econômicas, podem experimentar a demissão como uma mancha na sua folha funcional, e portanto, uma desonra.

Penso que existe ainda um outro componente atuando nesse desligamento do mundo do trabalho. Um fator que estaria ligado aos significantes da fala, os quais demarcam a diferença entre ser demitido e se demitir. Quem é demitido, sofre em si uma ação de outrem e é portanto, um elemento passivo. Quem se demite é o agente de uma ação e, nesse caso, é ativo. Sofrer uma ação, ser passivo

é, no imaginário masculino, uma aproximação ao feminino, em suma, algo a ser evitado com toda a energia.

No início da Conferência XXXIII sobre Feminilidade (1933 [1932]), Freud reitera as concepções que havia sistematizado em 1931 sobre a Sexualidade Feminina, marcando a importância das diferenças entre meninos e meninas desde os tempos pré-edípicos e, principalmente, no momento fálico da organização da sexualidade infantil. Neste texto, em que também responde publicações de várias/os autoras/es do círculo psicanalítico ao texto de 1931, Freud faz uma interessante reflexão sobre o que é feminilidade e masculinidade, procurando rastrear seus significados nas ciências anatômica e psicológica. Ele começa destacando características que, em última análise, definiriam para estas ciências a diferenciação masculino/feminino (os produtos sexuais, os órgãos que servem às funções sexuais, no caso da anatomia e atividade/passividade no caso da psicologia). Em seguida, argumenta como estas características estão sujeitas a muitas variações, como são instáveis, marcadas pela bissexualidade, tanto em relação à anatomia quanto ‘a psicologia.

“os senhores, contudo, não poderão senão ter dúvidas quanto à importância decisiva desses elementos e devem concluir que aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia.” (Freud, 1933[1932]: 17)

Referindo-se à psicologia

“Até mesmo na esfera da vida sexual humana, os senhores logo verão com é inadequado fazer o comportamento masculino coincidir com atividade e o feminino, com passividade. Uma mãe é ativa para com seu filho, em todos os sentidos (...) As mulheres podem demonstrar grande atividade, em diversos sentidos; os homens não conseguem viver em companhia dos de sua própria espécie, a menos que desenvolvam uma grande dose de adaptabilidade passiva.” (Idem: 18-19)

Assim, o autor conclui, *“também a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade.”* (Idem: 20)

Continuando, Freud afirma que à psicanálise não importa *“descrever o que é a mulher”* mas sim indagar *“como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual”* (Idem: 20)

Nas páginas seguintes, marcando a diferenciação entre meninas e meninos, o autor ressalta a importância, na experiência edípica, do complexo de castração, vivenciado de maneira diferentes por ambos, e os caminhos diversificados que se apresentam para as meninas, em direção à feminilidade: a substituição, como objeto de amor, da mãe pelo pai; a identificação com a mãe, no momento mesmo em que dela se afasta com ciúme e hostilidade.

Com as ressalvas que faz, o autor utiliza, no entanto, os atributos de passividade e atividade, para diferenciar feminino e masculino. Mas utiliza para reforçar o que já vinha marcando desde textos bem anteriores: que masculinidade (atividade) e feminilidade (passividade) são atributos tanto de homens como de mulheres, estão desligados do sexo biológico.

Nessa referência a Freud, que dialoga com os discursos disciplinares de sua época, utilizando seus conceitos, à medida em que os relativiza e complexifica, podemos perceber a longa tradição que liga masculinidade à atividade e feminilidade à passividade.

Daniel Welzer-Lang em recente seminário²¹ na UFSC, reiterou que a masculinidade, a virilidade, demandam de um homem uma considerável energia no sentido de sufocar qualquer “feminilidade” que possa eventualmente emergir de si.

Visto que na cultura ocidental a passividade ainda é um atributo preconizado para o feminino, e a atividade para o masculino, revela-se mais um motivo poderoso para a necessidade de uma saída “honrada.”

Uma “*capitulação honrosa*” é uma derrota que não parece derrota. Uma derrota na qual é possível tentar salvar um pouco da auto-estima, já abalada anteriormente, do golpe que a sensação de fracasso advinda de uma demissão inflige a qualquer um. Golpe que terá conseqüências mais profundas ainda se o demitido for homem, visto ser o trabalho, segundo Nolasco (1995), constitutivo da identidade masculina.

A “*guerra fratricida*”, por sua vez, refere-se ao fato de que os relacionamentos profissionais construídos ao longo dos últimos quinze anos, sucumbiram às pressões externas. O primeiro golpe já havia sido dado pela greve que dividiu os funcionários em grevistas e não grevistas, e o golpe fatal foi dado pelo plano de demissão voluntária, que instalou uma espécie de luta pela sobrevivência, ou melhor, pela permanência na empresa, como veremos mais adiante .

Schirato faz duras críticas ao Plano de Demissão Voluntária ao afirmar que ele

“...não existe. É uma mentira. Quando uma empresa abre um programa com esse nome, ela já decidiu quantos vão ser demitidos, e quem são eles. O funcionário que consta da lista tem apenas duas opções: ou assina a demissão voluntariamente, para receber os benefícios propostos, ou é demitido sem ganhar nada em troca.” (Schirato, Revista Veja, 14 de abril, 1999, pág. 11-12)

Ainda que haja uma lista pronta, existe a possibilidade de que funcionários que não estejam nela, adiram ao plano de acordo com sua conveniência. Em vista disso, começaram a surgir atitudes por parte de alguns empregados no sentido de pressionar colegas para que aderissem ao plano, numa lógica predatória que pode ser descrita como “quantos mais eu conseguir convencer a sair, mais chances eu tenho de permanecer”.

Exemplifico com o caso de uma entrevistada que ouviu de seu marido que o ambiente no seu setor estava ficando insustentável.

Nessa época, a separação da empresa em duas para que uma fosse vendida, já havia sido efetivada. Uma das empresas manteve-se estatal e seus empregados continuaram a gozar de estabili-

²¹ Seminário Bissexualidade e Violência Masculina contra a Mulher, UFSC, dezembro, 2000.

dade no emprego, ao contrário dos empregados que foram transferidos para a empresa vendida para a iniciativa privada. No entanto, os empregados lotados nas duas empresas continuavam a dividir o espaço físico, o que provocou uma série de conflitos pessoais.

Voltando à minha informante, ela contou que seu marido tirou 20 dias de férias e quando voltou sua mesa havia sido retirada da sala. Ele havia sido transferido para um outro setor, sem que ninguém o avisasse. Algum tempo depois, já trabalhando nesse novo setor, uma das tarefas que lhe foram confiadas e que lhe custou quase um mês de trabalho, foi roubada de sua mesa, o que lhe causou grandes aborrecimentos. Em outro episódio dramático, ele recebeu cartas anônimas referindo-se a atributos físicos seus como indicadores de velhice e pressionando-o a aposentar-se em função de sua idade avançada. Ele tem cinquenta e dois anos.

Segundo depoimento, quando a empresa atinge o número de demissões previsto para cada etapa do enxugamento, o sentimento entre os empregados que permanecem é de alívio. Entretanto, é um alívio temporário pois, como aponta Sennett *“os trabalhadores sobreviventes ficaram mais à espera do próximo golpe do machado que exultantes com a vitória competitiva sobre os demitidos.”* (Sennett, 2000: 58)

Além das dificuldades econômicas, da sensação de fracasso, perder o trabalho, em virtude da já mencionada importância do trabalho para a identidade masculina, pode levar um homem a experimentar a sensação de diminuição da virilidade e portanto, de seu valor perante os outros homens. Kimmel afirma que

“...los hombres alardean entre sí de sus logros (...) y (...) constantemente pasamos revista a los indicadores de la virilidad - riqueza, poder, posición social, mujeres atractivas - frente a otros hombres, desesperados por obtener su aprobación. La masculinidad es una aprobación ‘homosocial’.” (Kimmel, 1997: 51)

Diante disso, creio que as expressões “capitulação honrosa” e “guerra fratricida”, adquirem contornos mais nítidos, e traduzem muito do sentimento masculino em relação ao impacto que uma derrota, ainda que pontual, pode ter na auto imagem de um homem e na imagem que ele deseja projetar de si.

Gostaria de fazer um parêntese para mencionar algo que me chamou muito a atenção. À princípio me pareceu estranho porém, mais tarde compreendi seu significado.

Durante as entrevistas e depoimentos, quando os informantes mencionavam este período que culminou com a divisão e venda de parte da empresa, lamentavam e criticavam o ocorrido, responsabilizando o presidente da Eletrosul, na época, pelos acontecimentos. No entanto, também manifestaram seu reconhecimento pela habilidade com que ele conduziu e executou a tarefa para qual foi designado, enxugar a empresa, ao afirmarem que o trabalho *“foi muito bem feito, muito bem feito.”* (Depoimento - Homem empregado)

A aprovação das medidas infligidas, pelos próprios sujeitos que as sofreram, expôs em primeiro lugar, novamente o reconhecimento, senão da superioridade, ao menos da adequação da abordagem técnica²² para resolver problemas. Ainda que abordagem técnica signifique pressão emocional, problemas e funcionários a serem demitidos, ou seja, eles próprios. Em segundo lugar, que a aprovação homosocial, que de acordo com Kimmel é, ela própria um signo de masculinidade, é um tributo devido e pago, àquele que obtém êxito nos confrontos, inclusive pelos derrotados.

A história da relação dos funcionários com a empresa me foi descrita de forma muito interessante num bate-papo, como tendo três períodos. O primeiro período foi o da sensação de proteção e segurança, e foi denominado como sendo o período d' "*O Pai*". O segundo período, das mudanças das regras, de instauração da insegurança entre os empregados em relação ao seu futuro e ao futuro da empresa, foi também o período da tentativa de organização e coesão dos funcionários. Este foi chamado de período da "*omissão da empresa e tentativa de organização dos irmãos*", ou seja, fortalecimento dos sindicatos. Por fim, o terceiro período, que foi iniciado a partir da greve de 89/90 e que foi chamado de "*Guerra Fratricida*", onde o sindicato perdeu sua expressividade e cada um passou a se preocupar com a sua sobrevivência na empresa, ou mesmo, fora dela.

O que me fez achar essa descrição curiosa foi o fato de que ela representa uma síntese da *essência da formação de um grupo*, que Freud (1921) descreve em seu artigo "Psicologia dos Grupos e Análise do Eu". Freud explica que a essência da formação de um grupo está na ilusão de que há um líder "*que ama todos os indivíduos do grupo com um amor igual.*" (Freud, 1921) Segundo ele, tudo depende dessa ilusão, pois sem ela o grupo se dissolveria, seria "*cada um por si*". A idéia de grande família, a empresa funcionando como um líder, favoreceu esta ilusão de que fala Freud. Quando esta idéia foi abandonada, o grupo dos empregados se dissolveu nos moldes previstos por ele.

4.3 Saída da Cena Profissional: um rito de passagem?

Durante o encontro que tive com as assistentes sociais da Eletrosul, recebi informações não somente a respeito do período que antecede a aposentadoria, como também sobre alguns casos particulares ilustrativos de até que ponto pode chegar a angústia e a desorientação de um sujeito após sua aposentadoria.

De acordo com elas, o Programa de Preparação para a Aposentadoria (PPA) implementado pela empresa, aborda questões psicossociais, previdenciárias, fundacionais, econômicas, financeiras, de saúde, lazer, conjugais, entre outras, e visa atingir a todos os empregados que estejam há três anos da aposentadoria, com ações específicas que incluem seu cônjuge. O programa compõe-se de palestras, vivências, grupos de reflexão, seminários e, apesar da proposta diversificada, a receptividade

²²No caso, a abordagem técnica se refere ao fato da empresa ter recorrido à assessorias externas, como por exemplo, a consultora Anthropos, de propriedade do antropólogo Dr. Luiz Marins.

por parte dos empregados ao programa não é boa. Só o convite à participação já é considerado um fator estigmatizante para o funcionário, significando que a empresa não tem mais interesse em investir nele. A partir do convite, a relação empregado/empresa começa a se desgastar.

Algumas das outras informações obtidas através delas foram as de que, dependendo da época em que se aposentam (qual a regra que está vigorando), podem sair muito bem ou muito mal, financeiramente. Alguns ex-empregados que não tem casa própria e decidem empreender a construção de uma nesse momento são, segundo as assistentes sociais, em geral, os que passam por maiores dificuldades econômicas.

Além dos problemas econômicos, muitos conflitos pessoais são vividos pelos sujeitos: perda de amigos, da identidade profissional, do poder aquisitivo, sentimento de vazio, sentimento de exclusão antes mesmo da aposentadoria. Segundo essas funcionárias, quanto mais alto o nível hierárquico, maiores são os conflitos pessoais. As queixas sobre conflitos conjugais, quando existem, ocorrem a partir de ambos os sexos. Se o casamento já não ia bem, após a aposentadoria tende a piorar. Foi citado um caso de uma aposentada que, ao permanecer em casa, começou a ter conflitos domésticos com a empregada.

As dificuldades em relação à desvinculação com a empresa podem chegar, em alguns casos, a situações extremas: um ex-empregado durante uns quinze dias após sua aposentadoria, vinha diariamente à sede, dirigia-se à sua mesa e lá ficava sentado. Um outro, algumas vezes saía de casa e dirigia-se automaticamente para a empresa, só se dando conta de que não tinha que estar ali depois que chegava.

Estas informações obtidas com as assistentes sociais, entretanto, são relativas aos empregados que se aposentam no que poderíamos chamar de condições normais.

No caso dessa pesquisa, os sujeitos são outros. Os sujeitos são aqueles que tinham direito à aposentadoria especial do INSS e, para não perdê-la, optaram por aposentar-se e aqueles cujo nome constava de uma lista de demissão e, em vista disso, optaram por aderir ao plano de demissão voluntária e receber os benefícios oferecidos. Para muitos empregados, todo o processo foi muito rápido, não havendo tempo hábil para nenhuma preparação.

Segundo os depoimentos dos informantes, a motivação para sair da empresa esteve ligada às ameaças de mudanças nas regras que regiam o direito à aposentadoria e também às mudanças nas condições de trabalho dentro da empresa, em termos de relacionamento pessoal e institucional. De acordo com Zanelli e Silva,

“o medo generalizado se encontra calcado na idéia de que ao mudar as regras do jogo, o trabalhador teria que postergar a sua aposentadoria. Em decorrência, inúmeras pessoas, principalmente na esfera do serviço público, estão buscando antecipar o quanto podem, sem uma maior reflexão, o desligamento de suas atividades normais. (Zanelli e Silva, 1996: 47)

Os depoimentos a seguir mostram que foi exatamente isso que aconteceu nos dois casos.

“Em 94, naquela correria de querer se aposentar por que o governo ia mudar, não sei o quê... (ele).. achou que era o momento de deixar a Eletrosul, se aposentar (...) foi aquela coisa no grito, eu fui contra o tempo inteiro, mas, é... E foi um caos, né?” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“Me aposentei por causa do seguinte, não é que eu não queria, eu achava que, nem me interessava, eu estava lá e ia cumprir o meu... Aí chegou no final do ano, o Fernando Henrique ameaçando todo mundo, que vai privatizar, que vai demitir, que vai não sei o quê (...) Se eu tivesse garantia de emprego... ‘você tem garantia, você vai trabalhar.’ Não mas, daqui a pouco me colocam na rua, ainda mais com o meu passado maravilhoso (sindicalista) (...) os caras estavam loucos para se livrar de mim. Eu falei, não, não. Vou aproveitar essa oportunidade.” (Entrevista - Homem aposentado)

Mesmo que alguns aderissem rapidamente às propostas de saída da empresa, suas falas deixaram claro que a aposentadoria não era um projeto almejado para aquele momento de suas vidas. Os autores também observam que

“os sentimentos gerados a partir dessas situações, em muitos casos são marcados por conflitos que se manifestam da seguinte forma: de um lado existe a pressão para consolidar o ato; de outro ocorre o desconforto por ter que precipitar o processo da aposentadoria.” (Zanelli e Silva, 1996: 47)

Com efeito, as falas dos entrevistados demonstram claramente a pressão exercida pelas circunstâncias, o arrependimento e a incredulidade depois de consumado o desligamento.

“Eu já não aguentava mais... isso aí é uma coisa que você pode perguntar para minha esposa porque ela vai dizer: ‘Olha, ele era um caco!’ Eu chegava em casa um caco. Um trapo. Eu saía um trapo e voltava um trapo. É... aí... eu não estava... era muita pressão. (...) Aí,... eu digo: ‘Eu vou me embora. Não adianta ficar aqui. O quê eu vou ficar fazendo aqui?’ Não queria. Eu não queria. E acho que não devia ter ido, né?” (Entrevista - Homem aposentado)

“Porque, nessa época, o pessoal ainda era... jovem.(...) nessa época, a gente ainda não estava... nessa faixa dos 40, 40 e poucos anos, no máximo 50, não havia aquela coisa de querer sair, né?” (Entrevista - Homem aposentado)

“Me aposentei em... abril de 89. Aí você vai dizer: ‘Pôxa, mas abril de 89..’ Eu tinha 46 anos. (pausa para assimilar o impacto do fato) Ou seja, o quê que eu quero te dizer? Quarenta e seis anos não é idade para ninguém se aposentar?” (Entrevista - Homem aposentado)

Tendo em vista que o trabalho constitui um dos fatores primordiais da existência humana, é de se esperar que a aposentadoria, o afastamento do mundo do trabalho, configure-se como um momento marcante na vida de qualquer profissional. Zanelli e Silva entendem que *“se aceitamos que a pessoa é reconhecida socialmente pelas atividades que desempenha, o desligamento do trabalho, na transição da aposentadoria afeta a identidade pessoal.”* (Zanelli e Silva, 1996: 31)

A pesquisa de Medeiros (1995) apontou para uma íntima relação entre o significado do trabalho para os homens e a forma como a aposentadoria é vivenciada. Se os homens estabelecem uma relação negativa com o trabalho, em virtude de desgastes e tensões associados à ele, a aposentadoria é vista como uma libertação, o momento de serem finalmente livres para fazerem o que desejarem.

Mas se, ao contrário, o eixo em torno do qual construíram sua identidade foi o trabalho, os problemas serão inevitáveis.

Zanelli e Silva, no entanto, afirmam que

“o rompimento das relações de trabalho tem impacto indiscutível, ainda que varie de pessoa para pessoa no contexto global da vida. A aposentadoria implica bem mais que um simples término de carreira. A interrupção das atividades praticadas durante muitos anos, o rompimento dos vínculos e troca de hábitos cotidianos representam imposições de mudança no mundo pessoal e social.” (Zanelli e Silva, 1996: 28)

Com efeito, após a concretização da aposentadoria, muitas mudanças se impuseram nas vidas dos sujeitos entrevistados. Os relatos nos permitem entrever como se traduziu essa experiência para eles, em aspectos distintos de suas vidas.

Um dos impactos do rompimento das relações de trabalho fica exemplificado em um acontecimento que me foi relatado pelas assistentes sociais da empresa, a revolta que causou nos recém aposentados o fato de terem que se utilizar de um crachá de visitante para ingressarem no prédio. Este episódio indica a dificuldade na aceitação da desvinculação com a empresa, por parte de ex-empregados. A pressão criada pela manifestação desses aposentados como grupo, redundou na instituição de um crachá específico para os aposentados.

Schirato afirma que uma das conseqüências do modelo de administração onde a empresa cuida de tudo é a *“cultura do crachá”*. Segundo ela, isto ocorre quando, além do vínculo empregatício, há um vínculo emocional ligando a empresa e o empregado, levando com que este perca sua identidade social e passe a se identificar com ela. Para a autora *“...empresa como grande mãe gera filhos dependentes, trabalhadores inseguros e sem vida pessoal.”* (Schirato, Revista Veja, 14 de abril, 1999, pág. 13)

As palavras de um dos informantes podem ilustrar um pouco do que fala Schirato. Elas expõem a sua (dele) identificação com a profissão que exercia antes de ingressar na empresa e as dificuldades nesse aspecto, depois de contratado.

“Aqui na Eletrosul eu me senti meio perdido no começo, porque puxa vida, lá como professor, não ganhava grandes coisas não, mas eu sabia o que eu era, independente do que eu ia dar, o que eu não ia dar, se os alunos iam gostar, se os alunos iam me xingar, então eu era mais ou menos eu dominava o que eu ia fazer. Aqui eu era uma pecinha numa imensa engrenagem sabe, que eu não sabia qual era a utilidade que eu tinha nesse negócio. (...) porque o pessoal dizia assim, ‘esse aqui é um servente de pedreiro, o cara nem sabe o que está construindo (...) mistura a massa aí, levanta essa parede aqui.’ (...) Ai perguntam - ‘o que você tá fazendo é uma ponte, é um grupo escolar ou uma casa?’ O cara nem sabe, nem se interessa. Mas eu era um imbecil com diploma. O cara dizia assim ‘calcula o vertedor de (...)’ eu calculava. ‘Agora o de (...)’, eu calculava também. Mas eu não me interessava se a obra era boa para o Brasil ou se não era, se era superfaturada se não era, se era uma sacanagem que ia beneficiar (...) então eu estou dizendo que imbecil com diploma tem muito. Eu era um.” (Entrevista - Homem aposentado)

No aspecto econômico, a aposentadoria revelou-se como o início de um período de muitas dificuldades financeiras. O primeiro impacto sentido foi a queda no padrão de vida. Para os aposen-

tados, que não receberam incentivo à demissão, esse impacto foi imediato. Outros foram atingidos entre um ou dois anos após a saída.

Mesmo tendo procurado investigar as relações de gênero atenta ao polo masculino, conforme proposta de Grossi e Miguel (1995), além de outros estudiosos do tema, esta pesquisa obteve depoimentos muito ricos de mulheres, pelas razões já discutidas no capítulo referente à metodologia (págs. 21 a 23).

Na tentativa de não se afastarem muito dos níveis de vida que vinham mantendo até então, a alternativa viável para os aposentados, já que não tinham outra fonte de renda, foi fazer uso do patrimônio conquistado nos anos anteriores.

“Ele ganhava na época acho que dois mil e quinhentos, três mil reais, e passou para seiscentos, na aposentadoria. E o que segurou, nesses anos todos (...) foi a venda dos imóveis no Rio (...) entrando para despesa, né? (...) Então nós fomos vivendo de reserva, comendo reserva. (...) E ele começou a sentir que não dava para viver daquilo. Só que não dava para voltar atrás também. E tudo isso, foi um caos.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“Eu tinha aplicado numa casinha, uma casa de praia nos Ingleses... Só que... com o passar do tempo, (...) aquela perda de poder aquisitivo começou a se fazer sentir. E aí, o dinheiro não dava para nada. E aí, o que ... o que era cem... virou cinquenta. Então, eu já não conseguia mais... cumprir, honrar meus compromissos. Pagar as minhas despesas. E a casa de praia que eu comprei nos Ingleses, que eu não comprei à vista, eu comprei financiada... eu não suportava pagar a prestação. Das duas, uma: ou vendia a de Ingleses ou vendia a que eu morava. A que eu morava eu não ia vender. Então, resolvi colocar à venda. Levei um ano e meio para vender. Porque ninguém tinha dinheiro. Quando eu consegui vender, o que peguei na casa foi para pagar dívida. E aquele meu incentivo foi para o espaço. O meu incentivo foi para o espaço. (ênfático)” (Entrevista - Homem aposentado)

“Bom.. aí aconteceu... um ano depois de eu ter me aposentado... justamente o que eu não poderia prever (mudanças no plano econômico), não esperava e que... desmantelou a minha vida. Desmantelou a minha vida. Porque a partir daí, eu iniciei uma busca incessante de alternativas para sobrevivência.” (Entrevista - Homem aposentado)

“Teve momentos, que eu fiquei numa situação desesperadora... não sabia o que fazer... As minhas coisas... eu já estava me desfazendo de tudo mas... a minha casa eu não vou vender! Não vou vender.” (Entrevista - Homem aposentado)

4.3.1 Uma nova ordem familiar – a relação com os filhos

A responsabilidade pelo sustento dos dependentes se configurou como uma preocupação a mais, um agravante da situação.

“Porque quando você é sozinho, ou é em dois, tudo bem. Mas quando envolve mais (número de filhos) (risos) aí a coisa muda de figura. Aí, eu sei bem o que é isso... não é moleza não. (...) Eu tenho a preocupação do trabalho, porque a gente ainda tem essas meninas aí por alguns anos. (...) Fiquei oito anos sem pintar a casa. Por que? Porque eu tinha que canalizar o pouco para manter a escola, para manter a comida. Eu parei de comer camarão? Não importa. Eu estou comendo carne moída? Ainda de primeira? Está ótimo!” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Alguns afirmaram ter passado por situações que foram consideradas por eles humilhantes. Uma entrevistada falou das dificuldades na hora da negociação de dívidas escolares.

“É difícil você tirar o filho do colégio particular para botar para o público. É difícil você ter que ir na escola negociar o pagamento que você não fez... tem três meses que você não faz, né? Porque a escola é uma empresa, ela não quer saber. Ele não diz para você: se a senhora não pode manter o filho aqui, a senhora tira. Ele não diz isso, mas ele olha na sua cara, escuta e fala: ‘Eu não posso fazer nada. ...a senhora vai dar um cheque para três meses?’ Ele bota lá o juro de três meses e te cobra. E tudo isso... é difícil para caramba. É muito difícil. E eu passei por várias situações assim, e eu é que tinha que ir porque o (nome) não iria.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Já um dos entrevistados manifestou sua vergonha por ter que assumir diante do filho sua incapacidade de fazer face a uma despesa que ele próprio considerava muito pequena.

“Outro dia, meu filho, saiu do banho... lá em casa e me falou: ‘Pai, tem que consertar esse chuveiro. A água não esquenta, tá muito frio.’ Eu não tenho dinheiro pra mandar consertar! Deve custar o que? Nem cem reais. E eu não tenho. E como é que você fala pro seu filho: ‘Eu não tenho dinheiro para consertar um chuveiro?’ E é um chuveiro elétrico, comum.” (Entrevista - Homem aposentado)

As dificuldades econômicas impuseram muitas mudanças radicais nos modos de vida dessas famílias. Entretanto, estas mudanças foram percebidas no relato de uma das entrevistadas, como sendo fator de amadurecimento, de aprendizado. Suas falas mostram que ela encarou essas mudanças como avanços em direção ao modo de vida americano ou europeu, fazendo inclusive uma expectativa de que esta mudança atinja a todos, quando diz que *“o Brasil caminha para isso.”*

“Tivemos que cortar um monte de mordomias (...) é dramático porque você tirar, é difícil, mas depois também mostrou que era supérfluo.” (...) Isso amadureceu bastante, todo mundo, né? (...) Só que isso, é... eu não sei te dizer se é ruim ou se é bom (risos). Mas eu estou para te dizer que não é ruim. Isso ensina a gente a viver de outra maneira. Por que eu antes, eu comprava uma geladeira em cinco vezes por que eu sabia que eu (...) tinha o dinheiro durante os cinco meses para pagar. Que todo dia 15, dia 30 entrava dinheiro. Hoje não, hoje eu espero os cinco meses para poder comprar ela à vista. Entendeu? Então é diferente, A gente aprende a viver... diferente, né? Então é... são coisas assim que... amadurecem, é uma outra maneira de viver. O europeu vive assim, o americano vive assim, é que a gente não têm o hábito de viver assim. Mas não é ruim.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“Fazer o seu... é difícil, sabe? É muito difícil. Por que a gente não sabe fazer isso. Eu ainda não sei fazer, sabe? Nós aqui em casa ainda não sabemos fazer isso. Eu acho tão interessante quando alguém me conta que... por exemplo, as meninas voltaram do intercâmbio, as amigas (americanas) vão para a universidade, elas têm uma poupança desde que nasceram, os pais fazem uma poupança para pagar a universidade. Imagina! Eu acho que a gente não ia ter essa tolerância de ficar vinte anos guardando sei lá quantos dólares, quantos reais por mês para o filho ir para universidade... a gente não sabe fazer isso. E... então eu acho que caminha para isso. Sabe? Só que a gente tá... a duras penas... aprendendo, né? (...)O pessoal de fora, eles têm essa coisa do trabalho, não importa... qualquer trabalho é trabalho, sabe? Então, eu acho que o Brasil vai caminhar para isso por que a mentalidade dos filhos da gente... eles ainda não têm coragem. Mas se todos os amigos fizessem eles iam também. Sabe essa coisa assim?” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Assim ela conclui,

“Porque, uma coisa eu aprendi: se você ganha três, você vive com três. Se você ganha dez, que ótimo você vive com dez. Mas, se você ganha mil, você tem que aprender a viver com mil.(...) Então, a gente aprende, não precisa de muita coisa. Então, com isso, também consegue equilibrar mais as finanças. Não é?” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Em relação aos filhos, as falas demonstram que a perda do poder econômico do pai, pode se refletir na forma como estes passam a se relacionar com ele.

“Ele disse que até o relacionamento com os filhos mudou, porque as meninas, já moças também, no fundo, no fundo, culpavam ele da situação toda de insegurança que tinha (...) os valores, a família... eu acho que você tem que manter. (...) às vezes as meninas falavam alguma coisa, eu falava: ‘Ó, você respeita teu pai! Até então, se teve, a maior parte veio dele.’ Então, (...) de vez em quando eu tinha que dar uma sacudida. Filho, às vezes, ele fala sem pensar.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“Então eu acho que a falta de dinheiro é... ah, pesa muito. (...) te dá insônia, você ouve do filho...” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Um aposentado me contou ter tido problemas com os filhos porque estes passaram a vê-lo como alguém permanentemente disponível para atender às suas (deles) demandas. Segundo ele, as frases solicitando alguma cooperação de sua parte sempre começavam com *‘Pai, você que está aí sem fazer nada...’* Ele me disse que quando percebeu isso *“bronqueou e acabou com a história”*, saindo para trabalhar durante meio período como voluntário fora de casa.

Este caso me parece revelar duas coisas. A primeira, o fato dele ter *“acabado com a história”*, saindo de casa, mostra que, pelo menos no seu imaginário, ele concordava com o filho de que ali naquele espaço, ele não poderia ou não deveria ficar sem fazer nada. A outra está na diferença de valor que pareceu estar colocada entre ajudar em casa e ser voluntário fora dela. Ser voluntário implica em vontade própria, em ação, em atividade. No caso da ajuda em casa, penso que esta foi percebida por ele, como um estar passivamente à mercê da vontade ou desejo dos outros.

A questão seguinte também emergiu das falas sobre o relacionamentos com os filhos e dizia respeito à questões morais e éticas. A preocupação nas duas entrevistas era a mesma, ensinar aos filhos que dinheiro não é tudo.

“Não sou contra o estudo mas o que eu falo sempre para os meus filhos: ‘curso superior, se quiser tirar eu vou dar apoio, agora se não quiserem, se quiserem ser um bom padeiro ou bom mecânico, um bom cozinheiro, um cara honesto, digno, etc, não tem problema nenhum, eu não sou contra absolutamente. Eu só quero que seja gente decente, responsável e tal, e faça bem. Pense na profissão como meio de servir à sociedade, de ajudar.” (Entrevista - Homem aposentado)

Coerente com o que diz, esse depoente, em pelo menos duas ocasiões abriu mão de benefícios financeiros garantidos por lei, cujo montante era substancial, por não achar moralmente justo recebê-los.

Já o depoimento seguinte expõe a insegurança de uma entrevistada acerca dos efeitos que terão os exemplos que ela imagina estar dando aos filhos, em função de sua constante preocupação com o dinheiro. A pouca disponibilidade de recursos em sua família, tornou necessário um controle rigoroso das contas e uma avaliação antecipada de qualquer tipo de despesa. Para eles, o assunto dinheiro tornou-se presente cotidianamente. Sua fala traduz sua intenção de ensinar aos filhos que o dinheiro *é muito importante, mas não é o mais importante.*

“A falta do dinheiro, eu acho ela grave, mas você também não pode deixar, não pode passar para o filho que esse dinheiro tem que vir de qualquer maneira. Porque o jovem está muito exposto... E a gente com filho jovem tem que ter muito cuidado para que ele não vá buscar lá fora a facilidade, né? Porque está exposto, está disponível.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

No entanto, a ciência de que seus exemplos concretos eram conflitantes com o que dizia, na medida que, em sua casa, tudo girava em torno do fator dinheiro, deixava-a muito preocupada. Ela me contou haver lido uma matéria sobre algumas jovens de boas famílias, educadas e instruídas, presas por traficarem pequenas quantidades de drogas, apenas para aumentarem suas mesadas. Também a assustava o fato de que cada vez mais se ouvem notícias de estudantes universitárias que reforçam seu orçamento trabalhando como garotas de programa. Sua insegurança, a meu ver, refletiu a incerteza que tem sobre sua capacidade de atingir as metas que projetou para si, na criação dos filhos, também em relação aos aspectos morais. Porque no aspecto econômico, sabe que não pode proporcionar a eles tudo o que planejara.

“Ah, as meninas, para tirar as mordomias não foi fácil. Elas tiveram que trabalhar. As duas mais velhas já trabalham. A terceira agora vai trabalhar também...” (Entrevista - Esposa de aposentado)

4.3.2 Relações Conjugais – permanências e dissoluções

No âmbito das relações conjugais, como já seria esperado, a palavra está com as mulheres. Os depoimentos dos homens nesse sentido são bem mais enxutos.

“Então isso... lógico que eu como mulher e eu que estou aqui dentro de casa, eu pago as contas, eu sei se o dinheiro pode ir ou se não pode, só que ele não aceitava muito isso. Então eu ouvi muita coisa, sabe?” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“É, a família sofreu sim. E sofre até hoje” (Entrevista - Homem aposentado)

“E no fundo, no fundo você... porque tem dia que você está mais sensível, mais puta, você olha para a cara do sujeito e dá vontade de você dizer para ele: ‘Olha, eu estou passando por isso porque a culpa é tua. Ninguém mandou você fazer isso.’ Mas, também você não pode falar. Porque você vai botar o sujeito no chão, mais do que ele já está? Vai pisar em cima, sapatear? É aonde eu acho que tem que haver... eu não sei nem se é amor, porque eu acho que não é, não... eu acho que é respeito pelo outro que também está no chão, entendeu?” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“Porque depois de um casamento de 23 anos, quando eu falo também... já não me escuta muito. Eu acho até que ele pensa, mas na hora ele é contra, sabe? Então, acho assim que... não sei, não sei o que ele acha. Mas, tem dia que ele tá contra. Então, também a gente tem que saber a hora de retomar o assunto. (...) E isso por 23 anos de casado, eu aprendi a hora de falar. E coisas que eu não posso falar. (...) E ele assim, quando ele está agoniado, alguma coisa ele me conta. Eu, às vezes, não falo nada, depois num outro momento a gente conversa. Eu vejo que ele me ouve bastante, sabe? (...) Na maioria das vezes. Quando ele encasqueta com uma coisa, eu tenho que esperar passar.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Suas opiniões sobre as separações de amigos, que estavam ocorrendo após a aposentadoria dos maridos não são muito divergentes. O casamento é visto como uma associação de longo prazo, que

atravessa períodos de altos e baixos. As falas enfatizam que é no período de turbulências que se pode saber quais são os reais compromissos entre os casais.

“...eu acho que a mulher para deixar um cara que viveu com ela muitos anos, pai dos filhos dela... fazer um negócio desse eu acho que é falta de respeito com um ser humano. Por que amor, essas coisas, sei lá se acabou, né? Mas você vive com a pessoa, é o pai dos seus filhos, vinte e tantos anos juntos, você não bota para rua assim. Então, minha filha, tem gente que não sabe repartir o pão, né?”
(Entrevista – esposa de aposentado)

“A pessoa agüentava mais coisa por causa do casamento indissolúvel. Agora se a gente for casar e disser assim ‘Olha se der deu, se não der eu parto pra outra’, então não vai agüentar é nada! A primeira briguinha que tiver, você pega a tua trouxinha e cai fora, não é? Então não pode ser uma coisa assim.” (Entrevista - Homem aposentado)

Um dos depoentes, que está no terceiro casamento, não acredita que a aposentadoria tenha relação com as separações. Ele entende que o casal que não construiu uma relação pessoal sólida, que não tem nada para partilhar, ao ficar a sós não consegue conviver.

“Aquele contrato que eu falei (...) ‘olha nós vamos casar, vamos comprar uma casa, vamos comprar um carro, vamos ter uma casa de praia, vamos fazer uma viagem pra Disneylândia, uma pra Europa’, coisas assim, aí pega todas as energias e tal. Se conseguirem fazer isso, eles estão ocupados, não pensam muito no relacionamento pessoal e não tem um ideal maior assim pra você, que consiga te entusiasmar, te apaixonar. Isso eu conheço, eu conheço casal que depois de feito tudo isso viu que a vida do casal era uma droga e aí foi para o brejo a coisa. No caso da aposentadoria é um pouco assim, o cara vive mais perto da família. Se a relação não era boa mas o cara também fica afastado, com quem fica afastado você não briga não é? Então eu acho que esse tipo de coisa às vezes mascara os problemas.” (Entrevista - Homem aposentado)

“Eu conheço um casal que o cara é engenheiro, na época das vacas gordas que ganhava um monstro de um salário... construiu a primeira casa, construiu a segunda casa, construiu a terceira casa, mudou e não sei o que e tal, acabou o dinheiro. Aí o casamento foi pro brejo. Mas porque que foi pro brejo? É porque acabou o dinheiro? Não. É porque o dinheiro servia pra encobrir os problemas que tinham, a pessoa ficava ocupada com outra coisa, então, isso existe mesmo não tem dúvida.” (Entrevista - Homem aposentado)

4.3.3 Amizades

Os efeitos da nova situação também se fizeram sentir nos relacionamentos sociais com os colegas de trabalho. Os laços já afrouxados pelas greves, de acordo com os depoimentos, se esgarçaram ainda mais.

“Quando nós viemos para cá... a gente se relacionava nos fins de semana, tinha bastante amigos. É... aquele monte de gente... na casa de um, na casa de outro. Fim de semana animado...passava um domingo maravilhoso, um monte de crianças. E de vez em quando caía um, machucava outro... Então era uma farra. A gente era feliz e não sabia, não é? Depois as coisas foram piorando, para uns primeiro, para outros depois, as pessoas foram se distanciando. Eu hoje vou te dizer que a gente não visita ninguém e não recebe visitas de ninguém. (...)Então, quer dizer, aquele grupo de amigos, aquele movimento de fim de semana, aquilo acabou. A situação financeira de todo mundo apertou, né? E eu conversei isso com as pessoas que eu ainda encontro de vez em quando, as pessoas falam: ‘Ah, a gente também sente isso. Precisamos reunir, não sei quê, não sei quê, vamos fazer um churrasquinho no fim

de semana...’ Fica muito no vamos fazer (...) Mas assim... aquelas amizades antigas se perderam.”
(Entrevista - Esposa de aposentado)

4.3.4 ‘Novas’ relações de trabalho?

O reingresso dos aposentados novamente no mercado, via de regra, tem se dado através de outro modelo de relações contratuais.

“Hoje... hoje eu não sei aonde é que a gente vai. Metade já foi para a Gerasul, outra metade tá na Eletrosul e a grande maioria foi para a rua. Alguns se aposentaram, né, outros para o cemitério. O fato é o seguinte, o modelo que nós vivemos há trinta anos atrás, mudou. Já não existe mais. Hoje, o meu filho (...) está lutando aí (...) por um lugar, primeiro, ao sol, né? Um lugar na sombra a gente tem que tentar mais tarde (risos). Primeiro, tem que conseguir um lugar ao sol. Eu estou tentando até hoje um lugar na sombra e não consigo. Porque, do sol, eu já estou cansado. Eu já queimei muito.” (Entrevista - Homem aposentado)

No novo modelo, cada profissional é uma firma individual e como tal é contratado para desempenhar uma tarefa.

“Por que isso já existe no mundo inteiro. No Brasil é que existia essa, essa coisa de você ser empregado do governo, não pode ser mandado embora... então tem o bom funcionário e tem o mau, e todo mundo fica ali. Hoje isso aí não existe mais. Quem tá entrando, quem tá sendo chamado, entra através de uma empresa, é uma prestadora de serviço. Então (...) ele montou uma empresa... uma empresa individual, que presta serviço. E ele é funcionário da empresa, né?” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Em tese, o fim do contratos se daria ao término da tarefa, entretanto os depoimentos dizem que as coisas nem sempre se dão dessa forma.

“Então existe um contrato, que é a cada três meses... diz que a empresa pode romper esse contrato a qualquer momento... não tem décimo terceiro, não tem fundo de garantia, não tem nada. (...) Sem férias, sem nada. Porque você, né... numa empresa assim também você não tem férias. (...) Ele não tem férias! (...) Não se fala em exclusividade. Só que ele tem que dar oito horas de trabalho... Mas ele pode chegar na segunda-feira e não ter acesso ao computador... à senha. Ela foi cancelada. Então ele recebe um comunicado que foi cortado e... tchau, muito obrigado, bênção, é assim.(...) o contrato do (nome) vence agora, dia 02 de fevereiro. Só que a pessoa já falou com ele: ‘Olha, não vamos fazer só de três em três não. Vamos fazer de dez em dez, de doze em doze meses.’ Para eles, também, não faz a menor diferença. Porque se tiver que dispensar, dispensa mês que vem, mesmo, né?” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“...em dezembro, romperam o contrato que ia até fevereiro (...) o governo cortou, a empresa cortou também. E simplesmente cortaram a verba, cortaram os dezoito engenheiros... assim. De sábado para domingo (...) essas empresas com dinheiro... não estão nem aí, mandam embora do dia para noite. Eu sei de casos de gente da (nome da empresa) que chega, vai entrar no computador, não tem mais a senha. Aí aparece: comparecer no departamento pessoal. Eles estão mandando embora assim! Não existe aquela coisa de te chamar, seu chefe te chamar.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

A pesquisa histórica nos mostra que vivemos em constante transformação. Costumo pensar na história da humanidade como um longo filme que, como se sabe, é composto por uma seqüência de quadros estáticos. Nossa existência individual, por sua vez, é tão curta em termos de tempo históri-

co, que estamos sujeitos a perceber apenas os quadros desse filme e por isso, ficarmos com uma imagem estática da história, mais semelhante a um retrato do que propriamente a um filme.

Os contratos temporários não são novidade na história da engenharia. A engenharia, em seus primórdios, foi uma profissão liberal e, como tal, seus profissionais eram contratados para desempenharem tarefas e não como assalariados. Estes contratos aos quais se referem as falas, refletem mais uma retomada da profissão nos moldes mais antigos, do que propriamente, uma novidade. No entanto, são percebidos como novos porque durante o tempo de vida desses sujeitos o “retrato” que esteve visível foi outro, o do trabalho assalariado, com remuneração mensal.

As novas condições de trabalho trouxeram novidades também em termos de relacionamento entre colegas nas novas empresas.

“Então, quando ele chegou: ‘Você vai trabalhar com o fulano.’ E esse fulano não passava serviço. Tinha dia que ele chegava aqui e dizia assim para mim: ‘Eu não fiz nada hoje, porque não me passaram serviço.’ (...) as pessoas que estão na empresa... quando chegam esses de fora, que são contratados, o pessoal boicota. Medo de perder o emprego. Esse que veio da Eletrosul. Esse que foi comprado junto com a empresa, morre de ódio desses que vêm de fora. Fazem guerra psicológica. ‘Ó, seu contrato acaba mês que vem, tá sabendo?’ Você acredita que eles falam assim? É um terror! Tanto que uma pessoa que é aqui do nosso bairro, e foi trabalhar nessas condições abandonou o serviço, não agüentou a pressão psicológica. E disse mesmo: ‘Eu não volto.’ Abandonou um salário de 5500 reais. E é aposentado. Não agüentou essa pressão Não pediu nem demissão, simplesmente não apareceu mais. E disse depois... ‘Não, é um problema de cuca minha, um problema de relacionamento lá dentro. Eu não agüento essa pressão.’ (...) hoje não existe mais amizade no trabalho. Não existe, infelizmente não existe, sabe?” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“E outra coisa também: o chefe lá em cima, o francês... primeiro que ele não conhece isso. Porque o europeu, o americano, eles não têm muita amizade uns com os outros. Eles trabalham, cada um faz a sua parte. Então você não sabe também como é que chega lá. Então você tem que ter muito cuidado. Hoje, o ambiente de trabalho é esse. É péssimo! É tenso, você tem que medir as palavras.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

O setor elétrico brasileiro compõe-se de três grandes segmentos: a geração de energia, feita nas usinas, a transmissão da energia através das linhas de alta tensão para as subestações e a transformação para baixa tensão e distribuição das subestações para os consumidores finais. A privatização no setor, até o momento, atingiu os segmentos da geração e da distribuição. Ocorre que os técnicos que trabalharam no setor durante os anos em que este era público e unificado, adquiriram conhecimentos sobre ele que outros técnicos, mais jovens ou de outros países, não tem, nem terão oportunidade de vir a ter, em virtude do desmembramento dos três segmentos, após a venda das empresas e usinas. Em função disso, alguns desses técnicos estão sendo requisitados por empresas construtoras ou proprietárias de usinas e por consultoras.

“E... e esse convite do ano passado, mostrou para ele que pessoas do padrão dele, de técnico que ele é, e tudo, está fazendo falta, porque hoje não existe. Tanto que todos que foram aposentados estão retornando. (...) Ele mandou o currículo numa quarta-feira. Sexta-feira, ...onze horas da manhã a

... pessoa ligou... olha como eles estavam desesperados atrás de um técnico...” (Entrevista – Esposa de aposentado)

Muitos aposentados aproveitaram para por em prática novos projetos, ou mesmo planos já antigos, deixados de lado por falta de tempo, com maior ou menor sucesso no empreendimento.

“Então, ele achou que ele tinha tempo para se aposentar, ele desenvolvia um trabalho paralelo, de software (...) E ele tinha um sonho que ele ia conseguir manter a família dele com isso. (...) E então como ele achava que a... a âncora dele era esse software, ele podia largar tudo e viver disso, e ele... apesar, sempre fui contra... ele fez isso.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“Tem uma coisa que eu gosto de fazer, que é cozinhar. Sempre gostei. Eu sou conhecido aí como paellero... e tal. Pois é. Então, aquilo que eu fazia como hobby, passei a fazer meio que profissionalmente, né? Aí...’Eu vou montar uma micro empresa, para mim, e vou me dedicar a isso. E não vou ter patrão.’” (Entrevista - Homem aposentado)

Alguns sonhos ou projetos terminaram em grandes decepções.

“Então se você vende um programa a 500 reais, (...) e a feira te cobrou seis mil para você ficar ali um fim de semana, você imagina quantos programas tem que vender, só para cobrir aquilo ali? E vender o tanto mais para você... se manter, manter sua família, investir na empresa. Uma propaganda numa revista especializada, na época, em 96, era 5 mil reais. Então são coisas assim tão astronômicas que uma pessoa pequena não consegue desenvolver. E tem atrás dele, quinhentos copiando o programa dele (...) se o seu é 500, o cara copia igualzinho e vende por 250. E todo mundo sem dinheiro nesse país, vai comprar o de 250. Entendeu? (...) Três anos. Três anos, ele tentou (...) tinha mercado, vendia... só que para trabalhar com isso, você tem que investir muito... Mas, eu acho que ele tomou tanta decepção da coisa, que não quer nem saber daquilo. (...) Foi uma puxada de tapete violenta, sabe? (...) foi uma decepção muito grande, mas, na verdade eu acho que a gente tem que cair para poder levantar, né?” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“E um dia... Ele foi chamado para desenvolver um trabalho numa firma... um engenheiro da Eletrosul que montou uma firma, contratou vários engenheiros aposentados e... deu cano em todo mundo. E foi avisado (...) que ele não era uma pessoa séria. Só que na realidade, ele também não tinha outra coisa para fazer.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“...comecei a amargar o fato de que não conseguia mais emprego... as pessoas não tinham dinheiro nem para encomendar um lanche, que dirá um jantar, então, aquela idéia da empresa foi por água abaixo porque eu não consegui levar adiante... esse projeto. (...) Meu Deus do céu e agora o que é que eu faço? Aí, eu fui (...) numa agência de turismo, fui gerente do receptivo durante um ano também nessa agência de turismo mas ele (o dono da agência e ex-empregado) também não... ele não conseguiu levar adiante o empreendimento.” (Entrevista - Homem aposentado)

“O (...) saiu da Eletrosul, foi para (firma), depois, lá em (firma), ele foi demitido. Mas como ele tinha uma reserva financeira razoável, ele montou um negócio próprio que acabou não dando certo, infelizmente.” (Entrevista - Homem aposentado)

Outros sujeitos deram outros rumos a suas trajetórias profissionais e com isso abriram novas possibilidades de inserção no mercado de trabalho.

“Antes de me aposentar eu nunca pude dar aula, eu até gostaria, mais aí tinha muita coisa, não dava para fazer. Aí depois disso nunca me preocupei, não quero um emprego doido (...) eu quero trabalhar no que eu gosto, então dar aula me divirto né?” (Entrevista - Homem aposentado)

“O (nome) está se formando agora. Está feliz. Ele disse que finalmente vai fazer o que sempre quis, dar aulas para crianças.” (Depoimento - Esposa de aposentado)

Analisando os depoimentos sobre os projetos para futuro, não pude deixar de notar que os sujeitos cujos planos foram a requalificação profissional obtiveram mais êxito do que aqueles que optaram por montar um negócio próprio. Entre os aposentados que conheço, oito reingressaram na universidade, sendo que seis já se formaram e dois estão cursando. Dos que optaram pela micro empresa, apenas dois continuam com a empresa funcionando, quatro já desistiram.

4.3.5 Mudanças nas representações das mulheres sobre masculino e feminino em função da aposentadoria dos homens

Quanto às representações de feminino e masculino, podemos observar nas falas seguintes, femininas, que houve uma tendência a enfatizar a “força das mulheres” em oposição à uma “fragilidade dos homens”. Acredito que isto se deva ao fato de que essa “batalha” está sendo travada em casa, “reino da mulher” por excelência. As falas dão conta de que, no âmbito doméstico, a mulher é competente e o homem incompetente...

“...eu faço um almoço em uma hora. Talvez até menos, se já tiver as coisas preparadas... pendurando... tirando a roupa, recolhendo, que vai chover... corre lá e faz, varrendo... escuta notícia no jornal da televisão, que ela está ligada... quando é uma coisa que interessa eu olho... ele não consegue isso (...) ele não consegue desenvolver duas coisas ao mesmo tempo. Acho muito engraçado isso também (risos). Poderia...poderia. Porque a gente pode... como é que é...assobiar e chupar cana (risos). Que o homem não consegue fazer isso. Porque a gente faz tanta coisa ao mesmo tempo, né? Eu dou conta. Mas eles são assim.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Observadora e ele desligado...

“Porque às vezes elas estão com malériação com ele... sabe quando a pessoa não percebe? Aí eu dou um toque: ‘Mas como é que você deixa fulana falar assim?’ Aí ele plect! Estala e bota elas no lugar delas também.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Equilibrada e ele desequilibrado...

“Nós mulheres, eu acho que a gente mantém um certo equilíbrio, e eles caem de vez. (...) as filhas não se apoiam nele em nada, porque ele é contra qualquer coisa... o negócio é com a mãe, o negócio é com a mãe.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Forte e ele fraco...

“E eu no meio, segurando a ponta de um lado e do outro para ele não adoecer, não ficar depressivo (...) eu acho que eu tenho um papel muito grande na família. Eu acho que a mulher, quando ela consegue desenvolver esse papel, eu me sinto assim... sabe o que é aquele fincado, aquele esteio do meio assim... que nego me balança prum lado, é pau... tem um pau que a gente fala que não quebra, que não verga... e que volta, né, eu não lembro que madeira que é... é vara verde que dobra e não quebra. Eu me sinto muito assim. (...) Agora... é difícil! E o homem é muito fraco.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Inteligente e ele burro...

“Eu acho que o homem, pelo menos o daqui de casa, ele não tem assim... quando ele fica puto, ele fica burro. Ele não consegue enxergar as coisas. A expressão é bem essa mesmo, eu digo: ‘(nome), para, porque você ficou burro. Agora não dá pra conversar mais.’ (Entrevista - Esposa de aposentado)

Disposta e ele preguiçoso...

“Eu sou muito de não levar o problema para frente, para dividir. Isso talvez me desgaste um pouco, me dê uma dor de estômago, mas eu tenho muito jogo de cintura para resolver as coisas, né? (...) Ele essa semana recebeu um telefonema de um cliente que comprou um software e queimou o computador e ele perdeu o programa. Eu estou brigando com ele porque ele tentou montar de novo, pegar os pedaços das coisas, que está tudo espalhado, e falou: ‘Eu não tenho saco para fazer isso.’ Eu falei: ‘Gente, eu não acredito que você vai fazer isso com o cara. Primeiro, porque você está com a oportunidade de vender um outro, né? Porque o cara não está te pedindo para você mandar um para ele de graça, ele está querendo te comprar outro. Segundo, que o cara usa o seu programa, usa demais.’ E aí, o que acontece? Ele tá sem saco!” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Adaptável e ele rígido...

“E isso aí, eu acho que toda essa rebordosa de 94 para cá, me deu essa... vamos dizer assim, essa cancha de saber levar a coisa. (...) ele não tem jogo de cintura...” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Responsável, sofredora e ele dependente...

“Mas, olha, coitada da mulher, ela sofre. E o pior que ela falou: ‘Eu não posso largar dele porque ele não tem nem família para ficar com ele. Vou botar aonde? Num hospital psiquiátrico e esquecer lá?’ Ela sofre horrores.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

Como vimos, a aposentadoria, além de trazer problemas relacionados à auto-imagem masculina frente a outros homens, também trouxe dificuldades relacionadas à sua imagem frente às mulheres, principalmente àquela com a qual o homem convive.

4.3.6 Inatividade – uma questão além do trabalho...

Todos os aspectos abordados até agora contribuíram na construção de uma imagem da situação pela qual passaram esses sujeitos, necessária para que o objetivo da pesquisa, compreender as interrelações entre a aposentadoria e as relações conjugais, fosse atingido.

Entretanto, para mim, nenhum deles se mostrou mais revelador do que as representações sobre a atividade e a inatividade que aparecem nas falas dos entrevistados. Nelas podemos encontrar pontos nodais da questão.

De acordo com os relatos, a atividade é “fundamental” e pode ser vista, até mesmo como salvaguarda contra males do corpo e, principalmente, do espírito.

“No ano passado ele desenvolveu um trabalho (...) foi muito bom, porque aí voltou, ele começou, melhorou a auto-estima, porque ele achava que ele não servia mais para engenharia, que... que ele estava, vamos dizer... sucateado, né? (...) porque na realidade... você vê como é que são as coisas: ele estava louco para voltar para a engenharia... é... voltar para um trabalho... um trabalho.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“Eu acho que uma das coisas que foi ótima foi o (nome) ter deixado uma atividade e ter sonhado uma outra, porque ele tinha uma coisa para fazer. Porque deve ser terrível você viver uma situação, uma modificação dessas e a pessoa ainda adoecer.” (Entrevista - Esposa de aposentado)

“...aposentadoria não ia fazer muita diferença pra mim que eu ia arranjar uma coisa pra fazer. É fundamental.” (Entrevista - Homem aposentado)

“Apareceu agora também antes de dar aula, uma consultoria (...) negócio de meio ambiente, então foi um trabalho interessante, mas não é só graninha, foi interessante mesmo, então essas coisas me realizam. E o aspecto social, mas eu estava me sentindo assim meio inútil, não é inútil, um pouquinho subaproveitado (...) Agora estou feliz de novo... mas não entrei em parafuso, continuo correndo”. (Entrevista - Homem aposentado)

As associações que são feitas com a inatividade são ainda mais impressionantes. Zanelli e Silva, chamam a atenção para alguns sinônimos que os dicionários oferecem para o verbo aposentar. Entre eles

“...o que mais estarrece é ‘por de parte, de lado’. O que é colocado de parte, de lado? Aquilo que já não presta.” (Zanelli e Silva, 1996: 27)

De acordo com as palavras dos informantes, um aposentado pode ser visto como incômodo...

“...eu se tivesse um marido desse, eu ia arrumar alguma coisa para ele fazer porque, realmente dentro de casa não dá, né?” (Entrevista – Esposa de aposentado)

Inútil...

“...procurar esse sentido de utilidade, isso e daquilo, de ser útil para sociedade, então eu acho que você vai achar coisa para fazer.” (Entrevista - Homem aposentado)

Desocupado...

“Agora, se o camarada tivesse ocupado com alguma coisa, não pra ganhar dinheiro mas para servir, ele não estava ali dando pó, questionando né?” (Entrevista - Homem aposentado)

Acomodado...

“Eu conhecia (...) um camarada que ele foi aposentado médico (...) Ficou em casa um tempão, depois morreu. Eu digo, porque que o cara não pegava não ia atender umas duas horas lá numa favela lá, coisa simples, se colocava a serviço de uma coisa que tem tanta necessidade, não é possível que a pessoa não ache alguma coisa para fazer.” (Entrevista - Homem aposentado)

Morto...

“...eu acho que tem sempre coisa para fazer, agora se quiser morrer, fique vendo filme em casa, televisão, vá tomar uma cerveja no bar todo dia que já morreu e não sabe disso.” (Entrevista - Homem aposentado)

Improdutivo...

“Eles são ótimos, só que eu acho que são pessoas que ainda podiam estar produzindo. Mas, não. Literalmente aposentados. Aposentaram e não querem mais fazer nada. Então eu acho que essas pessoas morrem cedo. Ou então, vai ficar um velho insuportável, porque nada pode jogar fora, que tudo se aproveita, eu posso precisar amanhã...” (Entrevista – Esposa de aposentado)

Vadio...

“Os que estão aposentados (...) alguns voltaram a trabalhar. Outros, estão como dizem eles... estão vadiando, sabe?” (Entrevista – Esposa de aposentado)

Enjoado...

“ Ab, pelo amor de Deus! Um sujeito de cinquenta, sessenta anos, advogado, podia estar trabalhando até de graça, lá no Fórum, na polícia ali. Tem os processos dos presos, tem tanta coisa... que n. pode fazer. Que abre a sua cabeça. Mas, não minha filha, é desse jeito. Não faz absolutamente nada. Agora, ajuda em casa a mulher e tudo. Mas deve ter um papo enjoado, sabe? Só lê o jornal no domingo. Para não gastar muito, não assina o jornal de segunda a segunda, então só compra o Diário de domingo. Então, nem as notícias do que está acontecendo, ele não sabe. Só vê de televisão. Se ainda gostasse de leitura...” (Entrevista – Esposa de aposentado)

Inerte...

“Um advogado, um homem que trabalhou trinta e tantos anos no direito da empresa. Era da Eletrosul. Não faz absolutamente nada! Nada!” (Entrevista – Esposa de aposentado)

Egoísta...

“...também lógico se você é inútil, (...) se você, - oh não, agora vou gozar a minha aposentadoria, então eu vou ficar em casa vendo duzentos milhões de filme, é uma posição meio egoísta.” (Entrevista - Homem aposentado)

Culpado...

“A pessoa... aposentada dentro de casa... ele começou a se sentir culpado, né?” (Entrevista – Esposa de aposentado)

Doido...

“Porque corta aquele ritmo, né? Então eles ficam doidos.” (Entrevista – Esposa de aposentado)

A maioria destas falas, apontou para o que Zanelli e Silva já haviam observado sobre como os outros percebem a disponibilidade de tempo de quem está aposentado. Segundo eles, o tempo de que dispõe um aposentado *“de imediato é ligado ao ócio, ao ‘não fazer’, ao ‘deixar a vida correr’. O sentimento que é contraposto ao direito de aproveitar o tempo, é o da inutilidade.”* (Zanelli e Silva, 1996: 27)

As falas também apontam claramente para a inatividade como causadora de doenças. Algumas revelam medo de doenças ou a certeza que o aposentado está sujeito a elas.

“Estão aproveitando, mas eu acho que estão adoecendo. É, adoecendo. Eu acho que a pessoa... ele está feliz porque não tem aquela rotina de oito horas por dia dentro de um escritório, aquela coisa. Mas ele também, se não tem nada para fazer, aí dói aqui, dói ali. Eu encontrei um casal há poucos dias. Achei ele péssimo, está até sem cor. Não disse para ele que está doente, mas, assim... a cabeça branqueou de vez.” (Entrevista – Esposa de aposentado)

“O meu maior medo de tudo isso era do R. ficar doente, entrar em depressão... Aquele homem que não queria mais nada, aquela pessoa que não sai do quarto, aquela pessoa agressiva (...) então eu tenho muito medo que ele viesse a adoecer...” (Entrevista – Esposa de aposentado)

Os relatos também revelam que alguns dos sujeitos. enfrentaram uma face mais dramática da situação.

“Dos que eu conheço, um era alcoólatra, e voltou a beber. Tá um inferno. Tinha parado, e voltou a beber depois que aposentou. E...quer voltar a trabalhar, mas ninguém chama. Porque ele

bebe horrores. A família se mudou daqui... mas estão sofrendo muito, a família está destróçada.” (Entrevista – Esposa de aposentado)

“...ele estava pegando uma faca e jogando no coqueiro em frente à casa. E ela falava com ele... e ele não jogou a faca nela, mas apontava a faca para ela e jogava no coqueiro. Ele ficou louco. Ele tem... uns cinqüenta anos. E ela, coitada, piron. Ela chegou a dizer para mim: ‘- Eu quero que ele sare, porque eu vou largar dele. Porque eu não tenho coragem de largar dele doente. Mas eu não quero nem saber desse homem mais. Eu não agüento.’ (...) Ele foi demitido. E ele piron. Sabe? Ele foi demitido. Por coisas que também ele fez de errado mas, assim... foi uma coisa tão sumária. E ele já não estava bem. Por ele ter tido aquela atitude que ele teve, ele já não estava bem. Só que ela falou: ‘ Eu me culpo porque eu já devia ter internado ele antes.’ Só que você vai chamar uma polícia para levar o seu marido que está dando um piti para um hospital psiquiátrico? Você não chama. Você começa a tentar, você tenta... ela falou: ‘ Hoje eu vejo que eu devia ter feito isso. Porque ele podia ter sido até aposentado por invalidez.’ (...) Eu sei que ela já internou ele umas duas vezes. Porque ele enlouquece. Agora ele está bem” (Entrevista – Esposa de aposentado)

E como seria de se esperar, a face cômica também se fez presente.

“Eu conheço duas pessoas de cinqüenta e poucos anos... talvez um pouquinho menos, que de manhã... são aposentados, têm complementação, tão ganhando entre 3 e meio e 4 por mês, que o sol tá da calçada da direita de manhã e ele tá ali. Todas as obras da rua ele passa em frente e olha e pergunta... aí, o sol muda de lugar, eles mudam para o outro lugar. São pessoas sem vícios, não bebem, não saem de casa e voltam de madrugada, são maridos ótimos, mas inativos. E outra coisa também, passam na calçada e vêem um lixo ali, alguma cadeira quebrada e leva para casa para consertar. Sabe? Eu conheço um aqui assim. É sobrou um metro de fio, a pessoa ia jogar fora... e ele leva para casa, então, ele tem um entulho em casa. Porque ele pode precisar. Ficou pitiático assim, sabe, gente assim?” (Entrevista – Esposa de aposentado)

“Eu tenho uma amiga que o marido era assim: ela precisa comprar seis buchas de parafuso n.º 8 para pregar seis quadros. Aí ele vai lá, ele compra vinte parafusos de 6, vinte de 2, vinte de 8. Aí, ela vem: ‘Mas, para que fulano?’ ‘Não, porque depois você pode precisar...’ Aí, ele guarda aquele saquinho em algum lugar. Três meses depois, ela fala com ele assim: ‘Aquele parafuso que você comprou seis, eu estou precisando de um...’ Aí, ele procura não acha vai lá e compra mais vinte... porque depois pode precisar. Sabe essas pessoas assim? A casa dela é um depósito de ...Ela mudou... você não calcula... porque nada podia jogar fora. Levou aquelas tralhas... 1 m de fio preto... meio metro de fio branco... parafuso sem bucha... bucha sem parafuso...carregou tudo... assim a pessoa tem que ter outra casa para entulho. E do tipo assim, o vidro de geléia, não pode jogar fora porque é um vidrinho para guardar isso, um vidrinho para botar aquilo... Eu vi ele arrumando uma mala para viajar, ele pegou um vidro de geléia e botou shampoo, fechou e botou dentro da mala. Porque que não levou o vidro de shampoo? Então quer dizer... eu não consigo viver com uma pessoa assim. Eu acho que não. E... aposentou ficou assim.” (Entrevista – Esposa de aposentado)

“...ele começou a mudar as coisas de lugar na cozinha. Ele observou e contou que a mulher dava dez passos para pegar os pratos num armário e que se ela botasse os pratos no outro armário ela ia dar seis passos... ele não sugeriu nada, ele trocava tudo. Então a mulher começou a piron. Eu acho até que esse casal se separou. Porque ele ficava insuportável, ele começou assim: as camisas de manga comprida tinham que ficar do lado direito, e as de manga curta do lado esquerdo... sabe como é que é? Os cabides tinham que ficar todos virados para dentro. Então, quer dizer...a pessoa fica pitiático, sei lá o que é que fica. Porque fica in-su-por-tá-vel.” (Entrevista – Esposa de aposentado)

Zanelli e Silva (1996: 27) afirmam que “não é sem razão que a categoria dos aposentados é denominada nos registros formais de ‘inativa’. Sentido oposto à mobilidade ou movimento, essência da própria vida.” .

Por tudo o que foi dito, pela forte positividade que foi colocada na atividade nas falas, penso que a situação de aposentado ou inativo colocou alguns sujeitos quase numa condição de estigmatizados. As mulheres não os querem em casa, os filhos “perdem o respeito”, vão-se os amigos, o poder econômico, a saúde...

Penso também que, aquilo que chamei de “desconforto animado” poderia estar ligado à percepção, pelo sujeito, de sua condição de aposentado/demissionário/inativo, como inferiorizada. Se a atividade é vista como um mvalor da masculinidade, a inatividade, estado associado ao desemprego ou aposentadoria, certamente será estigmatizante para o sujeito. Um sujeito estigmatizado, no sentido usado por Goffman, é um sujeito que “...tem um atributo que o torna diferente dos outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído...” (Goffman, 1963: 12). O que nos leva a perceber que no imaginário masculino, um sujeito em idade considerada ainda produtiva não *deveria* ter o *status de inativo*...

Mas é no imaginário masculino ou social? Dois motivos me levam a crer que esta questão transcende a esfera do masculino. Primeiro, visto que a mulher que não trabalha nem ao menos em sua própria casa, também recebe seu quinhão de gozações (como, por exemplo, sendo apelidada pejorativamente de dondoca), a atividade me parece estar qualificada como um valor não só da masculinidade ou feminilidade, mas da nossa sociedade em geral. Segundo, o fato de que alguns depoimentos *de mulheres* deixaram bem claro seu descontentamento com a situação de relativa inatividade de seus parceiros. Digo relativa porque mesmo o homem que após a aposentadoria preencheu todo o seu tempo com atividades acadêmicas, de cunho social e políticas, foi duramente criticado por sua mulher por não estar exercendo nenhuma atividade remunerada.

Goffman aponta três tipos de estigma: as deformidades físicas, as culpas de caráter individual, e as marcas tribais, de raça ou religião. Os inativos estariam situados no segundo tipo, das culpas de caráter individual. O autor afirma que estas culpas podem ser

“...percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical.” (Goffman, 1963: 14)

É certo que o desemprego do qual Goffman está falando se refere mais a uma incapacidade do sujeito se manter empregado, e não a alguém que teve uma ocupação estável durante 25 ou 30 anos e depois aposentou-se, ou aderiu a um plano de demissão voluntária. Porém, a associação que Goffman diz ser possível entre desemprego e vontade fraca, pode dar uma idéia do peso soivial que pode ser para esses homens, não estar empregado.

Outro ponto abordado por ele é do encontro entre os normais²³ e os estigmatizados, a chamada “situação social”. Para ele, este se caracteriza como um momento de tensão e insegurança, onde

²³ Goffman usa esse termo para referir-se aos sujeitos que não estão submetidos a uma marca estigmatizante em relação a outro ou outros que estão.

o estigmatizado não sabe em que categoria será classificado pelo outro. Será que esta pode ser uma das explicações possíveis para o “desconforto animado”? O “desconforto” não será uma demonstração da insegurança sobre o que o sujeito ainda ativo pode pensar sobre quem “optou” pela inatividade? Uma demonstração de que mesmo ele (o inativo) pode chegar a perceber (vivenciar) como “uma culpa de caráter individual”, o que aconteceu por força das mudanças econômicas?

Goffman indica duas atitudes possíveis para lidar com essa situação: formação de um grupo de “iguais” ou a atitude de encarar o problema apenas como o afastamento do sujeito de um aspecto de sua vida.

“Recomenda-se ao indivíduo que se veja como um ser humano completo como qualquer outro, alguém que, na pior das hipóteses, é excluído daquilo que, em última análise, é apenas uma área da vida social.” (Goffman, 1963: 126)

Encontrei as duas atitudes entre os sujeitos da pesquisa, com resultados diferentes. A primeira atitude, de criação de um grupo de iguais, trouxe para estes alguns benefícios de caráter político²⁴. A criação de um grupo é, inclusive, um dos objetivos do Programa de Preparação para a Aposentadoria., já que em relação ao empregado pretende “*desencadear um processo de participação, oportunizando a criação de um espaço de convivência após a aposentadoria*” porque “*a convivência nesses grupos, representa a diminuição dos efeitos negativos que a desvinculação profissional provoca na aposentadoria.*” (Souza et al., 1995: 53)

Por outro lado, a percepção por alguns de que apenas um aspecto da vida social se encerrou, nesse caso, o vínculo empregatício com a Eletrosul, proporcionou-lhes a possibilidade de traçar e trilhar outros trajetos, resignificando suas identidades sociais, como no caso dos sujeitos que retornaram à faculdade, para começar carreiras em áreas completamente diferentes daquela em que exerceram sua profissão até a aposentadoria ou demissão.

5. Elocubrações...

O sujeito que aparece, na descrição do processo estudado, através do testemunho de suas falas, é o sujeito inconsciente da concepção psicanalítica, que emerge no enunciado do discurso, afastando-se daquela versão coerente e racional do imaginário com que relata sua história. E mais, como este trabalho procurou demonstrar, é o sujeito que se constitui um a um, na sua história de vida.

As falas desses sujeitos homens e mulheres, interpretam/representam suas vivências refletindo sobre trabalho, masculinidades, feminilidades, educação, responsabilidades parentais, etc. Em seus discursos transparecem modelos de família que combinam padrões tradicionais, mãe cuidadora responsável pela casa e pai provedor, mesclados com os ideais igualitários do individualismo, que se

²⁴ Por exemplo, o já referido crachá de aposentado.

realizam, conforme vários autores têm apontado, mais na relação com os filhos, que nas relações entre casais. Tanto que as mudanças na situação funcional/econômica dos homens fragilizam a estes nas relações familiares e, nas representações das mulheres, tornam-nas mais poderosas mostrando como são mais fortes e adaptáveis.

Os discursos dos entrevistados, homens e mulheres, circulam sobre a concepção imaginária de uma masculinidade hegemônica, que desestabiliza muitos dos sujeitos homens colocados na situação de inativos. Não podemos esquecer que a psicologia como lembra Freud em artigo de 1933, relaciona masculinidade com atividade e feminilidade com passividade. O que se torna, então, este inativo, não ativo, no imaginário próprio, familiar e coletivo?

O longo trajeto pela história das relações de trabalho na empresa, embora possa ter sido tedioso, teve um motivo que considero justo. Serviu para demonstrar que, ainda que a curiosidade da pesquisadora tivesse sido instigada pelas queixas das mulheres, estas não marcaram o início das dificuldades pelas quais estes homens passaram. As queixas das mulheres apenas informaram quando a perturbação atingiu o espaço sob sua jurisdição, o doméstico, culturalmente definido como feminino. Os depoimentos dos homens mostraram, entretanto, que o início de suas tribulações, datavam de quase dez anos antes. Penso que o momento das queixas marcou o encontro, no espaço doméstico, entre uma mulher segura de sua posição de dona de casa (e ciosa de mantê-la) e um homem cujo status estivera centrado no trabalho e no ganho que este lhe proporcionava e que, aposentado, inativo, vira desaparecer este valor.

Sobre as queixas, gostaria de tecer alguns comentários. Como já disse anteriormente, esta pesquisa surgiu a partir de queixas de mulheres. Um dos objetivos desta pesquisa, era descobrir como os homens estavam reagindo à aposentadoria e às queixas das mulheres. Não procurei descobrir quais eram as queixas dos homens porque há um entendimento de senso comum de que as queixas são “coisa de mulher”. O que inclusive, já me foi reiterado em várias ocasiões, por homens e mulheres.

- Mas será isso mesmo? Queixas, histerismos, são exclusivos das mulheres?

Na sua concepção de organização e constituição do psiquismo, Freud²⁵ utiliza, conforme o faziam seus contemporâneos, a terminologia patológica para diferenciar as estruturas constituídas nas vivências relacionais de cada sujeito. Na estrutura neurótica, o autor distingue a histeria e a neurose obsessiva, ligando a primeira à passividade, enquanto a segunda seria marcada pela atividade. Assim, a histeria estaria do lado da feminilidade e a neurose obsessiva, seria mais própria do masculino. No entanto, o autor concebe que masculinidade e feminilidade estão desligadas dos sexos biológicos, encontrando-se, em níveis variados, nos homens e nas mulheres. Desta forma, tanto as

²⁵ Cf. Freud (1896) “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” Cap. I e Cap. II, cf. também “Estudo sobre a histeria” (1895), escrito em colaboração com Dr. J. Breuer. Nesta época, Freud ainda postulava a teoria do trauma de infância substituída posteriormente, em seus textos, pela teoria da sedução - cf. “Uma criança é espancada” (1919).

mulheres podem apresentar comportamentos obsessivos, compulsivos, quanto os homens podem se manifestar através de queixas histéricas.

No decorrer do trabalho, notei, com alguma surpresa, que os homens estavam manifestando seus sentimentos, suas emoções quando falavam em sua relação com a empresa, e mais ainda, com a mesma desenvoltura que as mulheres o fazem, em relação à família e aos maridos.

Este fato configurou-se para mim, num primeiro momento, apenas como uma observação interessante. Somente mais tarde, analisando as falas, comecei a perceber indicadores de que a relação de alguns dos homens com a empresa parecia ter certas nuances de uma relação de afetividade. Como, por exemplo, aquela preocupação em *defender* e *proteger* a empresa, manifestadas por dois sujeitos e já mencionadas anteriormente. Eu estava ainda remoendo estas observações, tentando encontrar seu nexos, quando, numa conversa eventual com um homem, ainda ligado à empresa, este me pergunta a queima-roupa: *“Em algum desses livros que você leu para fazer seu trabalho, já viu alguém falar da semelhança entre o relacionamento dos empregados com a empresa e o de marido e mulher?”*

Aí estava! O que eu andava elocubrando me foi praticamente lançado ao rosto. Meu informante inesperado me contou que já ouvira outros empregados fazendo queixas da empresa, utilizando-se para isto, de expressões que, na sua opinião, eram semelhantes às usadas pelas mulheres se queixando dos maridos. Mais ainda, queixas clássicas, aquelas que batem várias vezes na mesma tecla.

As queixas se referiam ao fato da empresa demonstrar pouco interesse na permanência de seu quadro funcional e, em algumas ocasiões como já vimos, até mesmo incentivá-los a sair. Ele disse já ter ouvido frases como *“A é? Comeu a carne, agora vai ter que roer o osso!”*, que, no seu entender, é típica de mulher cujo marido quer deixá-la. Também descreveu a imagem que faz da situação dos empregados em relação à empresa.

“Eles (os empregados) ficam lá agarrados na perna dela (a empresa). Ela chacoalha, chuta, faz tudo para eles irem embora e eles lá agarrados.” (Depoimento - Homem empregado)

Voltei aos depoimentos, agora procurando observar mais atentamente, e encontrei algumas falas que apontam para o que meu informante inesperado colocou tão claramente: falas de homens em relação à desvinculação da empresa guardam semelhanças com falas de mulheres em relação à separação de seus maridos. Os sentimentos de desvalorização, abandono e traição, tão comuns nas separações de casais, estão todos presentes.

“...a minha história na Eletrosul é uma coisa da qual eu me orgulho e me orgulho muito. Sabe, eu tenho assim, pelo meu trabalho, pela minha carreira dentro da empresa um orgulho muito grande. Eu tenho admiração. (...) a Eletrosul me deu a oportunidade de eu ter coisas que no Rio de Janeiro e em outras empresas eu talvez não tivesse tido. Sabe, a Eletrosul me deu cursos, a Eletrosul me treinou para eu ser um executivo... depois ela jogou tudo isso fora. Sabe, depois ela jogou tudo isso fora.” (Entrevista - Homem aposentado)

“Ab, vamos fazer uma festinha... fulano está saindo... está se aposentando.” (...) Foi só aquilo ali. (...) a Eletrosul não deu a menor bola. A Eletrosul não deu a menor bola.” (Entrevista - Homem aposentado)

“Olha só, eu me considero uma pessoa iludida.. (...)Eu fui enganado! Eu fui ludibriado! Eu fui tapeado! (enfaticamente, dando pancadas na mesa).” (Entrevista - Homem aposentado)

Creio que, baseada no que vi e ouvi antes e durante o período da pesquisa, agora possa oferecer algumas das respostas possíveis para as questões colocadas inicialmente.

Sobre o que disseram as queixas das mulheres, penso que estas indicaram que no espaço doméstico, espaço pelo qual o homem não era responsável e no qual ele não transita com tanta desenvoltura, não existe uma posição valorizada para ele. O maior ou menor engajamento dos aposentados nos projetos dos outros membros da família, está diretamente ligado à receptividade que ele encontra na casa.

Acredito que as reações dos homens à aposentadoria e às queixas das mulheres foram muito semelhantes, na medida em que, em ambos os casos, a solução passou por saírem de casa em busca de recapacitação profissional ou recolocação no mercado de trabalho.

Quanto à questão da aposentadoria dos homens provocar, ou não, conflitos nos relacionamentos conjugais, só posso dizer que a aposentadoria, ou melhor, a inatividade dos homens, inegavelmente provocou um aumento de tensões nos relacionamentos. Porém, de acordo com o que indicaram os depoimentos e os autores que já pesquisaram o tema, este é um momento de tantas transformações, que não é possível falar numa alteração pontual.

Por tudo que aconteceu nas vidas dos aposentados, acho que podemos pensar a aposentadoria como se constituindo num rito de passagem que, como tal, institui *“uma separação sacralizante, (...) entre os que já receberam a marca distintiva e os que ainda não a receberam...”* (Bourdieu, 1999: 34-35) e inscreve os sujeitos que por ela passam, em outra categoria no tecido social. Neste caso, uma marca desvalorizada, estigmatizante, a de inativo. Daniel Welzer-Lang, em palestra, referiu-se à aposentadoria como a *“andropausa social.”*

O ditado popular de que me utilizei para dar título a este trabalho, reflete a percepção que o senso comum faz do aposentado: “Homem em casa vira Maria”. Nele podemos observar duas coisas, primeiro que o homem “vira” mulher, portanto, “perde” signos de masculinidade. Em segundo lugar, ele não vira qualquer mulher, ele vira a Maria. O que o ditado está dizendo então? Que o homem que se aposenta e vai para casa, assemelha-se a uma mulher e, como lá já existe uma mulher que é dona da casa, a posição que lhe resta é secundária, de auxiliar, coadjuvante. Semelhante à de uma mulher sem poder na casa, uma empregada, a Maria.

Não discordo de Goldenberg quando ela afirma que nos tempos atuais ocorre *“uma maior consciência crítica das experiências e visões de mundos consideradas específicas de homens e mulheres. Papéis considerados como masculinos, como, por exemplo, homem provedor, forte, chefe de família (...) são relativizados por outros*

atributos como homem sensível, vaidoso e delicado...” (Goldenberg, 14-15, s/d). e em virtude disso podemos observar “*a coexistência de modelos tradicionais de homem e mulher e novas representações sobre o masculino e feminino, traduzindo-se em múltiplos padrões competindo com os modelos hegemônicos.*” (Idem, 15, s/d). Entretanto, gostaria de dizer que as informações que obtive, autorizam-me a pensar que não devemos subestimar a força dos modelos tradicionais. Eles continuam norteando ações dos sujeitos, mesmo quando os discursos dizem o contrário.

Gostaria de acrescentar que as observações feitas por mim neste trabalho, não têm a pretensão de esgotarem a questão, muito menos de serem definitivas. São observações parciais, marcadas pelo meu olhar. Outros olhares sobre o material que obtive na pesquisa, seguramente resultariam em outras interpretações.

6. Bibliografia

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si*. Lisboa: Fim de Século Edições, LDA, 1995.
- ARILHA, Margareth. “Homens: entre a ‘zoeira’ e a ‘responsabilidade’” In: ARILHA, M., RIDENTI, S. G. U., MEDRADO, B. (Orgs.) *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed 34, 1998.
- AUED, Bernardete Wrublesvski. “Introdução” In: AUED, B. W. (Org.) *Educação para o (Des) emprego (ou quando estar liberto é um tormento)* Petrópolis: Vozes, 1999.
- BESSA, Karla Adriana Martins. (Org.) *Trajetórias de gênero, masculinidades...* Cadernos Pagu, (11) 1998. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUFFON, Roseli. “Reconstruções da Imagem Masculina em um Grupo de Homens das Camadas Médias Intellectualizadas” (xerog), s/ data.
- BÚRIGO, Carla Cristina Dutra. *Qualidade de Vida no Trabalho: um estudo de caso na Universidade Federal de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Administração, CSE, UFSC, janeiro/1997.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *A Ideologia do Trabalho*. São Paulo: Ed. Moderna, 1992.
- CONNELL, R. W. “La organización social de la masculinidad” In: VALDÉS, T. y OLAVARRÍA, J. (Orgs.) *Masculinidad/es. Poder y crisis*. Santiago: Ed. de las Mujeres n° 24, 1997
- COSTA, A. de O. e BRUSCHINI, C. *Uma Questão de Gênero* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- CUSHNIR, Luiz. *Masculino, Feminina*. São Paulo: Saraiva, 1994.
- DA MATTA, Roberto. “O Ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de O. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FONSECA, Cláudia. “Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação”. Trabalho apresentado na 21ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED – realizada em Caxambu, 20 a 24/9/98.
- FOUCAULT, Michel. “A Grande Internação” In: *A História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2000. Cap. 2 6ª edição
- FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1895). In: *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud*, Volume II. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

- FREUD, Sigmund. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896). In: *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud*, Volume III. Rio de Janeiro: Imago, s/d.
- FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada (1919). In: *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud*, Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago, s/d.
- FREUD, Sigmund. “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896)” In: *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud*, Volume III. Rio de Janeiro: Imago, s/d.
- FREUD, Sigmund. “Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921)” In: *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud*, Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, s/d.
- FREUD, Sigmund. “A Dissolução do Complexo de Édipo (1924)” In: *Pequena Coleção das Obras de Freud*, Livro 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976a
- FREUD, Sigmund. “Sexualidade Feminina (1931)” In: *Pequena Coleção das Obras de Freud*, Livro 9. Rio de Janeiro: Imago, 1974
- FREUD, Sigmund. “Feminilidade (1933 [1932])” In: *Pequena Coleção das Obras de Freud*, Livro 29. Rio de Janeiro: Imago, 1976b
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade* São Paulo: UNESP, 1993.
- GODOY, Fabiana. “O Lado Mulher nos Negócios”. In: Revista Veja. Ed. Abril – edição 1586, ano 32 – n.º 8 – 24 fev/1999.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1963.
- GOLDENBERG, Miriam. *A Crise do Masculino: um tema de debate dentro e fora da academia*. Lugar Primeiro, PPGSA-IFCS-UFRJ, s/d.
- GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.
- GROSSI, Miriam e MIGUEL Sônia M. “Trajetória do Conceito de Gênero nos Estudos sobre a Mulher no Brasil”. Calhamaço, n.º 2, LEC, UFSC, 1995.
- JABLONSKI, Bernardo. “A Difícil Extinção do Boçalossauro”. In: NOLASCO, S. (org.) *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- KIMMEL, M. S. “Homofobia, temor, vengüenza y silencio en la identidad masculinidad” In: VALDÉS, T. y OLAVARRÍA, J. (Orgs.) *Masculinidad/es. Poder y crisis*. Santiago: Ed. de las Mujeres nº 24, 1997
- LAGO. M. C. S. ; SOUZA, N. O. S.; VIEIRA, F. T. “Mulher e Identidade; um estudo sobre gênero no processo de transformação social da Ilha de Santa Catarina” Relatório de Pesquisa – Departamento de Psicologia, UFSC, CNPq., 1995.
- LAGO. M. C. S. “Refletindo sobre gênero a partir de textos freudianos”. In: Anais do Fazendo Gênero: seminário de estudos sobre a mulher. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1996.
- LAGO. Mara C. de S. *Modos de Vida e Identidade* Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1996a.
- LAGO. M. C. S. “Constituição do Sujeito e Construção da Identidade nas intersecções entre Antropologia e Psicanálise”. Apresentado na 22ª Reunião Brasileira de Antropologia - ABA. Brasília, 2000.

- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia* São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LAQUEUR, Thomas. *La Construcción del Sexo: cuerpo y género desde os griegos hasta Freud*. Madrid: Ed. Cátedra, S. A, 1994.
- MACHADO, Rita Maria Xavier. “Homem solteiro procura – Anúncios classificados no DC como caminho para o relacionamento amoroso” In: *Revista Ciências da Saúde*. Vol. XVII, n.º 1, jan/jun, 1998, Florianópolis: EdUFSC.
- MARX, Karl. *O Capital*. Livro I, Capítulo VI (Inédito) São Paulo: Ciências Humanas, 1978.
- MASI, Domenico de. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- MEDEIROS, Alessandra Regina Borges. *A Aposentadoria na Perspectiva dos Aposentados da FUSESC (Fundação CODESC de Seguridade Social)* Monografia de Conclusão de Curso de Ciências Sociais, CFH-UFSC, julho/95 – Florianópolis.
- NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- NOLASCO, Sócrates. “A Desconstrução do Masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero” In: NOLASCO, S. (Org.) *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- NOLASCO, Sócrates. (Org.) *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PARK, Robert Ezra. “A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano” In: VELHO, Otávio G. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.
- PITT-RIVERS, Julian. “A Doença da Honra” In: (Org.) *A Honra: Imagem de Si ou Dom de Si - um ideal equívoco*. Porto Alegre: LPM, 1992.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Relatos Oraís: do indizível ao dizível”. In: VON SIMSON, Olga de M. (org.) *Experimentos com Histórias de Vida*. São Paulo: Vértice, 1988.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n.º.2, jul. 7dez. 1990.
- SENNET, Richard. *A Corrosão do Caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SCHIRATO, Maria Aparecida R. “Empresa não é mãe.” Entrevista concedida a Dorrit Harazin, *Revista Veja*, 14 de abril, 1999. Págs. 11-13.
- SIQUEIRA, Mª Juracy Toneli. “A(s) Psicologia(s) e a Categoria de Gênero: anotações para discussão” In: ZANELLA, A. V., SIQUEIRA, Mª J. T., LULHIER, L. A., MOLON, S.I. (Orgs.) *Psicologia e Práticas Sociais*. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1997.
- SOUZA, Ana Maria G. de, BRAGGIO, Márcia Elisa e VIEIRA, Maria Bernadete. “Programa de Preparação para a Aposentadoria - sob um novo enfoque”. Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Gerontologia, NETI - UFSC, dezembro/1995.
- STOLLER, Robert. “Introdução à Identidade de Gênero” In: *Masculinidade e Feminilidade: apresentações do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, – capítulo II Págs. 27-45, 1993..
- TASSARA, Eda T. de O. e DAMERGIAN, S. Para um novo humanismo: contribuições da psicologia social. *Estudos Avançados*. Vol.10, N.º 28, p. 291-316, 1996.
- VELHO, Gilberto. “Aliança e Casamento na Sociedade Moderna: separação e amizade em camadas médias urbanas”. In: *Boletim do Museu Nacional* n.º 39 RJ, ago/1983.
- VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1996. 11ª edição.
- WELZER-LANG, Daniel. “Pour une approche profémiste non homophobe des hommes et du masculin” In: WELZER-LANG, Daniel. (Dir) *Nouvelle Approche des Hommes et du Masculin*. Toulouse: Presse Universitaire du Mirail, 2000. Págs. 109 - 140.
- ZANELLI, José Carlos e SILVA, Narbal. *Programa de Preparação para a Aposentadoria*. Florianópolis: Insular, 1996.